

MARIA ANTÔNIA AMARANTE DE MENDONÇA COHEN

ORAÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS EM PORTUGUÊS
REGISTRO FORMAL E INFORMAL

FACULDADE DE LETRAS - UFMG
BELO HORIZONTE
1981

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

ORACÕES RELATIVAS RESTRITIVAS EM PORTUGUÊS

REGISTRO FORMAL E INFORMAL

por

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Belo Horizonte

1981

Agradeço à professora Dra. Eunice Souza Lima Pontes, por ter dado continuidade à orientação desta pesquisa; às professoras Vanda de Oliveira Bittencourt, o apoio e a ajuda inestimável no decorrer deste trabalho; Anilce Maria Simões, o estímulo e a colaboração; Dra. Ângela Vaz Leão, o incentivo à minha vida profissional, bem como a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste.

para minhas filhas

Sarah e Suzana

RESUMO

Este trabalho é uma tentativa de análise das orações relativas restritivas do português formal e suas correspondentes do registro informal, tendo como modelo descritivo a teoria transformacional, tal como apresentada especialmente por Chomsky (65, 68), Ross (67) e Emonds (72). Em primeiro lugar, são analisadas as orações restritivas do registro formal do português, propondo-se para sua geração uma regra de movimento: Transporte de SN. Argumenta-se que, diferentemente do inglês, que per-

<+q>

mite a permanência da preposição quando SN se desloca, no português for-

<+q>

mal, a preposição acompanha o movimento deste constituinte. Além disso, neste registro, as formas superficiais resultantes de SN são, ao mes-

<+q>

mo tempo, complementizadores e pronomes relativos. Estudam-se também orações em que ocorre o cujo — forma superficial tomada pelo SN prece-

<+q>

dido pela preposição de — concluindo-se por sua natureza de possessivo, além de relativo. A seguir, são examinadas as orações do registro informal referidas acima. Para estas, duas hipóteses de análise são propostas: em primeiro lugar, argumenta-se que a geração dessas orações não envolve regra de movimento, e que o que nelas presente não é pronome relativo mas apenas complementizador. A Eliminação do SPrep é opcional nessas orações e postula-se que seja eliminado no lugar de origem. Como segunda hipótese, sugere-se que um dos tipos de oração informal analisado seja resultado da Eliminação da Preposição transportada junto com o SN. Finalmente, são feitas considerações a respeito dos problemas

<+q>

advindos da Eliminação da Preposição, bem como de sua recuperação, nas referidas estruturas, sem se pretender solucioná-los.

Autora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Orientadora: Dra. Eunice Souza Lima Pontes

SUMÁRIO

Página

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - Orações relativas: apresentação de algumas análises propostas	
1.1. A abordagem tradicional.....	05
1.2. A abordagem transformacional: exame de algumas colocações.....	10
1.2.1. Ross (1967).....	10
1.2.2. Chomsky (1968).....	16
1.2.3. Rosenbaum (1968).....	17
1.2.4. Emonds (1972).....	22
1.2.5. Perlmutter (1972).....	26
1.2.6. Pizzini (1977).....	33
Notas	38
CAPÍTULO II - O processo de Relativização em sentenças de português formal.	
1. Considerações preliminares.....	41
1.1. A configuração do SN que contém a oração relativa.	41
1.2. A presença dos elementos q- e COMP na estrutura profunda das restritivas.....	54
1.3. Operações envolvidas no processo de Relativização	66
2. Uma proposta síntese	67
2.1. A relativização de SN's não preposicionados.....	67
2.2. A relativização de SN's preposicionados.....	71

2.2.1. Orações com preposição + SN	71
⟨+q⟩	
2.2.2. Orações com <u>cujo</u> e suas variantes	73
2.2.3. <u>Cujo</u> - um pronome de natureza Relativo/pos- sessiva.....	90
2.2.4. Formas superficiais de SN	96
⟨+q⟩	
3. Conclusão.....	97
Notas.....	99
CAPÍTULO III - Orações Relativas no registro informal	
1. Considerações Gerais.....	104
2. Primeira hipótese: <u>que</u> como complementizador....	108
3. Segunda hipótese: supressão da preposição trans- portada.....	124
4. Eliminação da Preposição.....	134
5. Conclusão	143
Notas.....	145
CONCLUSÃO	146
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	149

*
* *
*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo descrever a derivação de orações relativas restritivas do português formal e suas correspondentes coloquiais, tomando como modelo descritivo a teoria transformacional, tal como apresentada especialmente por Chomsky (1965, 1968), Ross (1967) e Emonds (1976).

Apresento, no primeiro capítulo análises feitas por alguns gramáticos tradicionais, ressaltando a posição de Bechara, Said Ali dentre estes, e de Mattoso Câmara.

No capítulo II, focalizo propostas de análise segundo uma visão transformacionista, postuladas para o inglês, francês e português, respectivamente. Neste levantamento, longe de ser exaustivo, dada a extensão da bibliografia existente sobre Relativização, detenho-me apenas naqueles aspectos que me pareceram relevantes para a discussão do processo de formação de orações relativas restritivas do português formal: a descrição subjacente do SN no qual se encaixa uma oração restritiva; a presença do traço $\langle +q \rangle$ e do nóduo COMP na estrutura profunda da mesma; a compreensão da Relativização como um processo que envolve duas operações: Transporte de SN $\langle +q \rangle$ e Superficialização de SN $\langle +q \rangle$. Em seguida, apresento uma proposta síntese para as restritivas do português formal, descrevendo a Relativização de SN's não-preposicionados e preposicionados. Relacionado a estes últimos está o tratamento dado às orações em que figura o pronome relativo cujo.

No terceiro capítulo, analiso orações correspondentes a relativas restritivas do registro formal, pertencentes, no entanto, ao dialeto coloquial brasileiro. Apresento duas

hipóteses descritivas para as mesmas: uma primeira, que é uma adaptação da proposta por Emonds (1976) para o inglês — exce- tuando-se a etapa relativa à supressão do SPrep; uma segunda, que retoma a proposta de análise das relativas formais do ca- pítulo II, argumentando em favor do cancelamento da prepo- sição transportada. Finalmente, considero o problema de su- pressão e recuperação das preposições que acompanham os SN's co-referentes nas referidas orações, e também em outros tipos de construção que possibilitam esta eliminação.

*

CAPÍTULO I

Orações Relativas:

apresentação de algumas análises propostas

1.1. A abordagem tradicional

Considere-se o seguinte grupo de sentenças do português:

- (1) O apartamento que Antônio comprou é espaçoso.
- (2) Conheço um menino que mastiga vidro.
- (3) Maria, que eu conheço bem, não falaria assim.

Nele as orações sublinhadas referem-se a um SN constituinte da oração principal, delimitando-lhe ou simplesmente esclarecendo-lhe o sentido. Esse tipo de oração é tradicionalmente classificado como atributiva, adjetiva ou relativa. (cf. Said Ali (1969), p. 135). A N.G.B. denomina-a adjetiva. Se o seu papel semântico é o de restringir, delimitar o elemento do SN ao qual se refere, recebe ela o nome de Restritiva. Vejam-se os exemplos (1) e (2). Se o sentido do SN é apenas esclarecido, recebe a oração o nome de Explicativa é o que acontece em (3). Observe-se que, diferentemente das orações classificadas na gramática tradicional como substantivas, as orações adjetivas são encaixadas através de um complementizador especial que é de natureza pronominal. Esse complementizador - pronome (chamado relativo) pode-se apresentar sob formas variadas e ser precedido de preposição como em:

- (4) A moça com quem conversei tratou-me de "senhora"
- (5) A menina de cujo pai lhe falei é esta.
- (6) O bairro em que moro é calmo.
- (7) A pessoa com a qual ela se informou não sabia de nada.

Evanildo Bechara assim conceitua as orações relativas:

(8) "As orações subordinadas adjetivas são aquelas que exercem a função sintática de adjunto adnominal de um termo da sua principal."

Bechara (1970:280)

Desse modo, em (1):

(1) O apartamento que Antônio comprou é espaçoso.

a oração que Antônio comprou funciona como adjunto adnominal (como um adjetivo) da oração principal o apartamento que Antônio comprou, do qual o apartamento é o núcleo. Ocorre o mesmo em (2):

(2) Conheço um menino que mastiga vidro.

a oração que mastiga vidro é adjunto adnominal do objeto direto um menino que mastiga vidro, da oração principal. Em (3), também a oração que eu conheço bem modifica o sujeito Maria:

(3) Maria, que eu conheço bem, não falaria assim.

No que concerne ao seu "papel" semântico, as orações adjetivas — como já se apontou antes — são classificadas pelos autores como Restritivas e Explicativas. Ainda de acordo com Bechara,

(9) "Chamam-se restritivas as que servem para delimitar ou definir melhor o seu antecedente, o qual, sem o concurso da oração adjetiva, pode ou não fazer sentido ou dizer coisa diferente do que se tem em mente."

Bechara (1970:280)

Também Said Ali chama atenção para o caráter "completivo" da oração adjetiva restritiva.

- (10) "Estas orações restritivas servem para completar ou delimitar o nome a que se referem:

As flores que produz o meu jardim são mais belas que as do vizinho."

Said Ali (1969:135)

A oração adjetiva restritiva é, portanto, aquela oração que delimita o significado do seu antecedente formando com este, muitas vezes, uma espécie de subconjunto de um conjunto maior, ou determinando-lhe uma individualização ou definitivação mais específica. Assim, a oração que Antônio comprou, em (1), restringe o sentido do antecedente o apartamento da seguinte forma: o apartamento que Antônio comprou é um todo significativo, diferente, por exemplo, de o apartamento que Antônio visitou. Esse todo significativo também se observa em um menino que mastiga vidro, de (2). Note-se, contudo, que, diferentemente de (1) e (2), a oração que eu conheço bem, em (3), não forma uma unidade de sentido com o antecedente Maria. Segundo Bechara:

- (11) "A adjetiva se diz explicativa quando encerra uma simples explicação ou pormenor do antecedente, uma informação adicional de um ser que se acha suficientemente definido, podendo ser omitida sem prejuízo."

Bechara (id ib.)

Said Ali, além de reconhecer o papel de esclarecimento da

oração Explicativa, do qual se poderia prescindir, sem prejudicar o sentido da oração principal, ainda chama a atenção para a possibilidade de ela encerrar noção secundária de causa, como em:

(12) "Tu, que és artista, saberá o valor deste quadro."

Said Ali (1969:136)

Confrontando, ainda, as características semânticas dos dois tipos de oração, afirma Bechara que:

(13) "A característica essencial da adjetiva restritiva é o apresentar antecedente como pertencendo a uma classe (sentido particularizante), enquanto a da explicativa é apresentar o antecedente num sentido universal:

A desgraça que humilha a uns exalta o orgulho de outros.

A desgraça, que humilha a uns, exalta o orgulho de outros."

Bechara (idem, p. 281, nota 1)

O modo de emissão na corrente de fala seria um outro ponto divergente entre os dois tipos de relativas, segundo os autores tradicionais. Haveria, para a oração explicativa, uma entoação suspensiva ou pausal, o que não se verifica para a restritiva.

Focalizemos agora o pronome relativo, que funciona simultaneamente como complementizador, nas orações adjetivas. Bechara assevera que:

(14) "(...) os pronomes relativos são os que normalmente se referem a um termo chamado antecedente:

Eu sou o freguês que por último compra o jornal.

O que se refere à palavra freguês. Os pronomes relativos são: qual, o qual (a qual, os quais, as quais), cujo (cuja, cujos, cujas), que, quanto, onde."

Bechara (idem, p. 121)

As orações de (1) a (7) acima exemplificam alguns tipos de pronomes relativos possíveis. Lembre-se, ainda de que esses pronomes podem ou não vir precedidos de preposição.

Tomamos os dois autores citados como um exemplo de como os gramáticos tradicionais analisam as orações adjetivas. Eles enfocam não apenas um aspecto semântico dessas orações, ao distinguirem as restritivas das explicativas, mas também fonético, ao se referirem à pausa entonacional presente nessas últimas. Sintaticamente as orações adjetivas se caracterizam tradicionalmente por exercerem a função de adjunto adnominal de um termo qualquer da oração principal. Quanto ao pronome relativo, é caracterizado por se referir anaforicamente a um antecedente, além de servir de conectivo subordinativo oracional. Vejam-se as palavras de Mattoso Câmara:

(15) "Relativo — pronome que pela anáfora (v.) se reporta a uma palavra antecedente (v.) ao mesmo tempo que serve de conectivo subordinativo oracional".

Mattoso Câmara (1968:308)

Do exposto acima, gostaria de chamar atenção para alguns aspectos referentes, principalmente, às orações adjetivas res-

tritivas. Em primeiro lugar, ao fato de a gramática tradicional considerar que esse tipo de oração restringe o significado de um antecedente. Este é um ponto importante na análise das orações adjetivas restritivas. Também quanto ao "antecedente" da oração adjetiva, deve-se considerar que a gramática tradicional não se define quanto à natureza deste: se é apenas um nome ou um sintagma nominal. Os autores referem-se a este termo como "antecedente", sem maiores detalhes.

Outro aspecto que merece menção é a possibilidade de que as orações adjetivas possam ser iniciadas por uma preposição, que antecede o pronome relativo, como vimos em (4):

(4) A moça com quem conversei tratou-me de "senhora".

Importa ainda ressaltar a natureza de conectivo subordinativo que o pronome relativo contém, fato já mencionado anteriormente.

1.2. A abordagem transformacional: exame de algumas colocações.

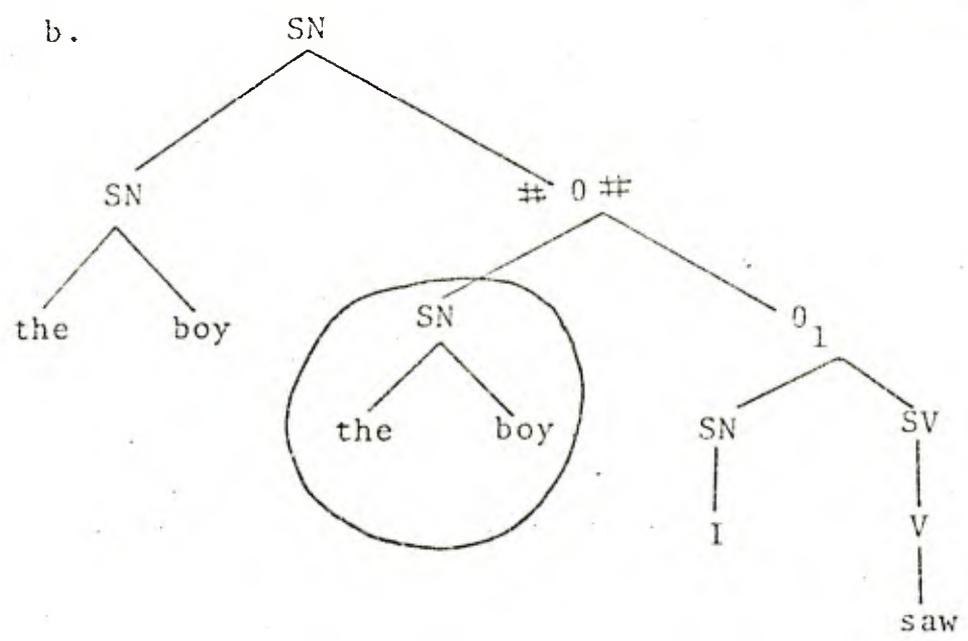
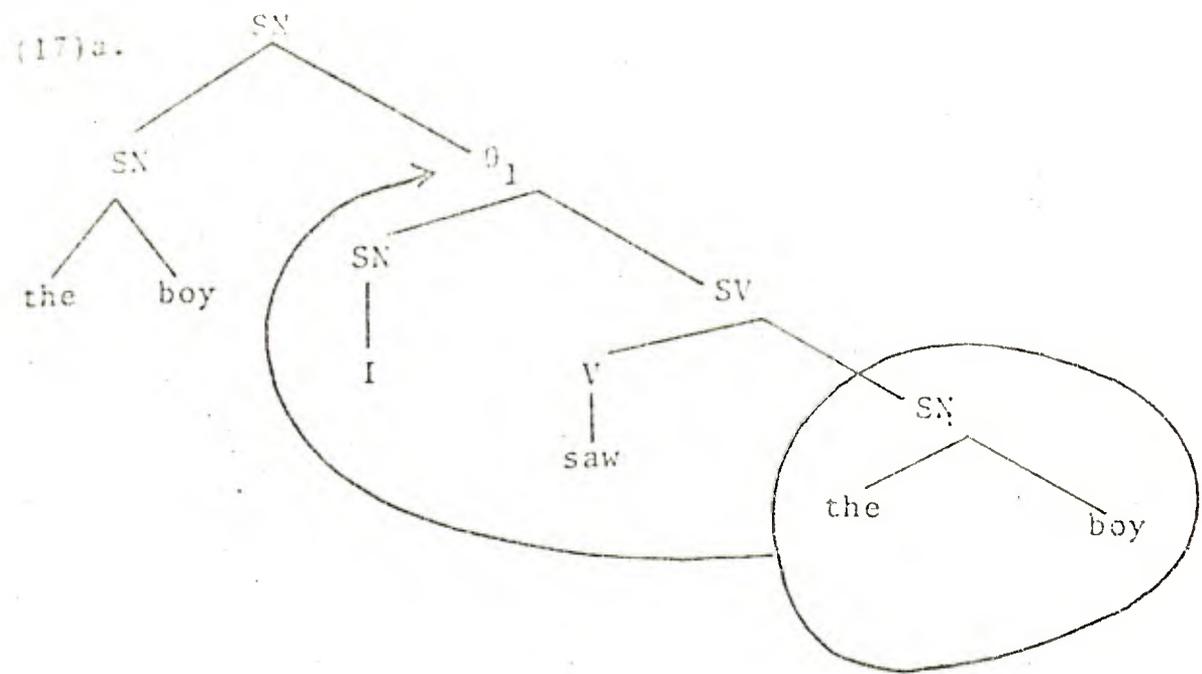
1.2.1. Ross (1967)

Ross (1967) propõe a regra (16) para dar conta das orações relativas restritivas do inglês.²

$$\begin{array}{cccccc}
 (16) & W & - & \left[\begin{array}{c} \text{SN} \\ \text{SN} \end{array} - \begin{array}{c} [X \\ 0 \end{array} - \text{SN} - Y \right] & - & Z \\
 & 1 & & 2 & 3 & 4 & 5 & 6 & \Rightarrow^{ob} \\
 & 1 & & 2 & 4 & \neq & [3 & 0 & 5] & 6
 \end{array}$$

Condição: 2=4

Dessa forma (16) converteria (17a) em (17b):

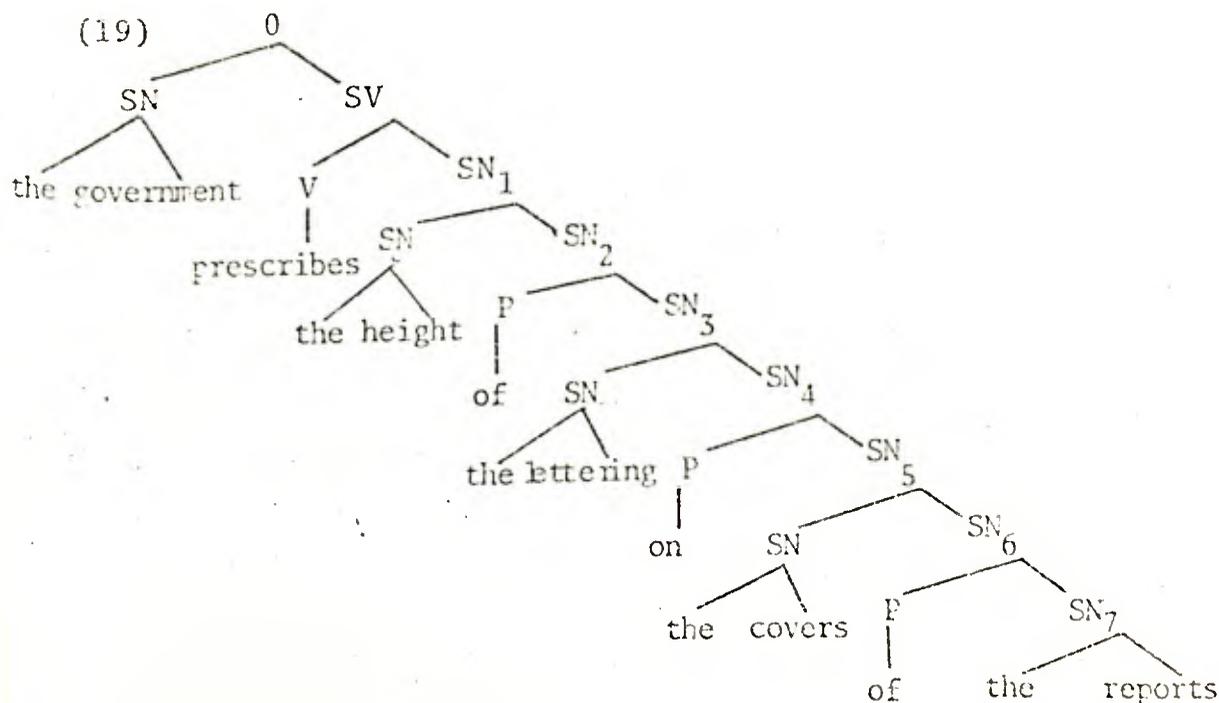


Além da regra (16) é importante mencionar, a propósito da análise de Ross, uma das restrições por ele impostas às regras em que há reordenação de constituintes como (16), que é a convenção "Pied Piping", transcrita em (18):

(18) "Qualquer transformação que é enunciada de tal modo que tenha por efeito a reordenação de algum nódulo especificado SN, onde este SN seja precedido e seguido por variáveis na descrição estrutural da regra, pode aplicar-se a este SN ou a qualquer outro SN não-coordenado que o domine se não houver nenhuma ocorrência de nódulo coordenado e nem de nódulo 0 no ramo que liga o nódulo mais alto ao nódulo especificado."

Ross (1967, apud Maia 75, 110)

Esta convenção viria substituir o princípio do A - sobre -A³ Chomsky (1964: 930, 931) e daria conta de gerar todas as orações de (20), que teriam, como parte de sua estrutura profunda, uma configuração como (19):



(20) a. "Reports which the government prescribes the height of the lettering on the covers of are invariably boring"

* 'Relatórios que o governo prescreve a altura das letras nas capas de são sempre enfadonhos"

b. "Reports the covers of which the government prescribes the height of the lettering on are (...)"

* 'Relatórios a capa dos quais o governo prescreve a altura das letras em'(...)

c. "Reports the lettering on the covers of which the government prescribes the height of are (...)"

*'Relatórios as letras nas capas dos quais o governo prescreve a altura de são' (...)

d. "Reports the height of the lettering on the covers of which the government prescribes are (...)

*'Relatórios a altura das letras nas capas dos quais o governo prescreve são' (...)⁴

Ross (1967:108 e s.)

Segundo o autor, as sentenças de (20) são todas gramaticais em inglês e a sua existência leva à formulação de uma convenção como "Pied Piping". Em outras palavras, qualquer um dos SN's de (19) pode ser movido para o início da oração encaixada. Em (20a), apenas SN₇ foi movido; em (20b), SN₅; em (20c), SN₃; em (20d), SN₁. Veja-se, portanto, que os SN's que dominam SN₇ — co-referente de outro SN na sentença ma-

triz — também podem ser movidos para o início de O_1 e gerar sentenças gramaticais. No exemplo, o SN_7 — reports — é o constituinte especificado para o transporte, mas qualquer SN que o domine dentro de O_1 também poderá ser deslocado.

Resguardadas as duas restrições de ambiente de que fala a própria convenção — a existência de um nóculo 0 ou de um nóculo coordenado no ramo que liga o nóculo mais alto ao especificado — a "Pied Piping" é obrigatória. Dentre outros, interessa-nos o ambiente descrito em (21), no qual ela é obrigatória.

(21) "Nenhum SN pode ser movido para fora do ambiente.

[P —]_{SN} "

Ross (1968:118)

(21) seria válida para línguas como o alemão, francês, italiano, russo, finlandês e outras. Estas línguas não permitiriam orações em que a preposição não é transportada juntamente com o SN que acompanha. Vejam-se exemplos do alemão em que ora a preposição foi movida, ora não. Nesse caso são gramaticais apenas aquelas orações em que ocorre o movimento da preposição:

(22)a. *Ist das der Herr, dem du wohnst bei?"

*'É este o senhor que você mora em casa?'

b. "*Das ist der Herr, dem du wohnst bei."

*'Este é o senhor que você mora em casa'

(23)a. "Ist das der Herr, bei dem du wohnst?"

'É este o senhor, em casa de quem você mora?'

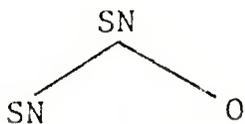
b. "Das ist der Herr, bei dem du wohnst."

'Este é o senhor, em casa de quem você mora'.

(21) é, portanto, a descrição de um ambiente no qual a "Pied Piping" é obrigatória no seguinte sentido: quando um SN é especificado por uma regra de transporte — como a de Relativização, por exemplo —, e ele próprio vem antecedido de uma preposição, o SN que o domina é que será movido. A opcionalidade de transporte proposta em (18) é anulada em favor de nódulos mais altos, ou seja, apenas o transporte do SN mais baixo é proibido.

Outro aspecto que gostaria de ressaltar na análise de Ross é a descrição do SN no qual se encaixa a oração relativa. É a seguinte sua configuração:

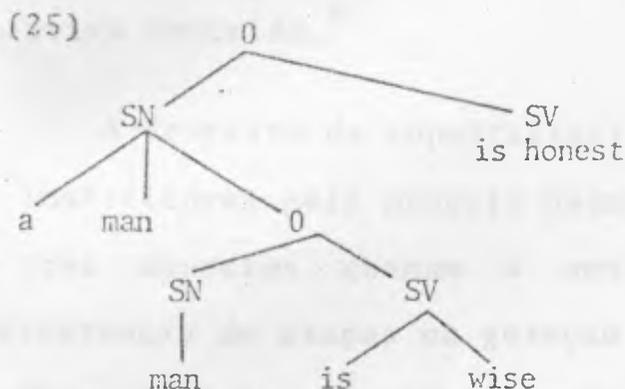
(24)



Ross estuda outras condições e restrições pertinentes para o inglês, por exemplo, a "Left-Branch Condition". Questionar a validade de todas elas para o português fugiria ao nosso objetivo. Limitar-me-ei, portanto, a considerar a Convenção "Pied Piping", pretendendo que ela dê conta dos nossos dados.

1.2.2. Chomsky (1968)⁵

Chomsky (1968) apresenta a hipótese de que os adjetivos viriam de um oração relativa na estrutura profunda. Ele descreve a estrutura profunda das relativas como se vê em (25):



Chomsky (1971:46)

Assim (25) seria a descrição da estrutura profunda de (26):

(26) "A wise man is honest"

"Um homem inteligente é honesto"

A derivação de (26) a partir de (25) efetua-se, segundo o autor, através de um conjunto de transformações, a saber:

(27) "a. Atribuir o indicador wh - à NP mais profundamente engastada, "man".

b. Substituir a NP assim marcada por "who"

c. Riscar "who is"

d. Inverter "man" e wise"

Chomsky (1971:47)

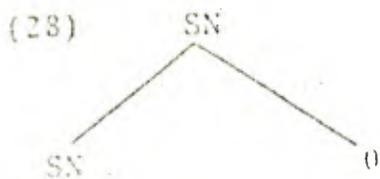
Como se vê, para Chomsky, a oração (26) vem de uma relativa. Apesar de o exemplo discutido acima tratar da origem de adjetivos e não propriamente de orações relativas, pode-se ver, através de sua derivação, como o autor as descreve, já que ele está considerando que o adjetivo wise procede de uma estrutura relativa como (25). O adjetivo seria uma oração relativa reduzida.⁶

A despeito da superficialidade da abordagem do assunto — justificável pela própria natureza do trabalho em questão — três aspectos chamam a nossa atenção no texto de Chomsky: a existência de etapas na geração das orações relativas, o fato de o elemento q^7 ser introduzido por transformação — a primeira do conjunto —; a descrição do SN que contém a relativa como $SN \rightarrow Det, N, O$. Interessante notar que para Rosenbaum (1968), esta é a descrição da cadeia subjacente às orações completivas nominais, e não às relativas.

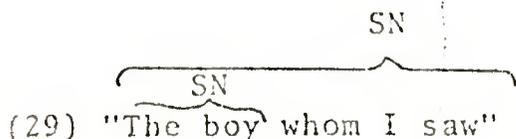
Das etapas enumeradas em (27), interessar-nos-ão apenas (i) e (ii) que descrevem procedimentos típicos do processo de Relativização. As etapas (iii) e (iv) se referem à formação de adjetivos e fogem, portanto, ao nosso interesse.

1.2.3. Rosenbaum (1968)

Rosenbaum (1968) apresenta a configuração (28), como descrição da estrutura subjacente do SN no qual uma oração se encaixa como relativa restritiva:⁸

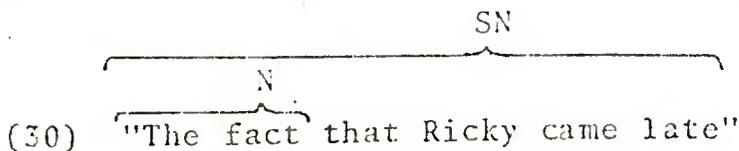


A oração relativa é, portanto, encaixada num SN e segue outro SN, como em (29):



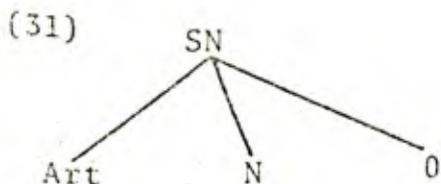
'O menino que eu vi'

O autor considera importante o fato de a oração relativa seguir um SN e não um N, pois esta última descrição seria típica das orações completivas nominais ("noun phrase complements"), como em (30)



'O fato de que Ricky chegou tarde'

A configuração de (30) seria (31), em que a oração encaixada segue diretamente um N e não um SN como em (28):



De acordo com Rosenbaum, se os dois SN's tivessem a mesma descrição, seria impossível estabelecer quando as transformações de relativização seriam aplicadas e quando o seriam aquelas tí-

picas à formação das orações completivas nominais.

Estabelecida a descrição do SN no qual a oração relativa restritiva se encaixa, Rosenbaum descreve as muitas transformações envolvidas na geração da estrutura superficial deste tipo de oração. Considera que a T- Relativa propriamente dita envolve dois procedimentos:

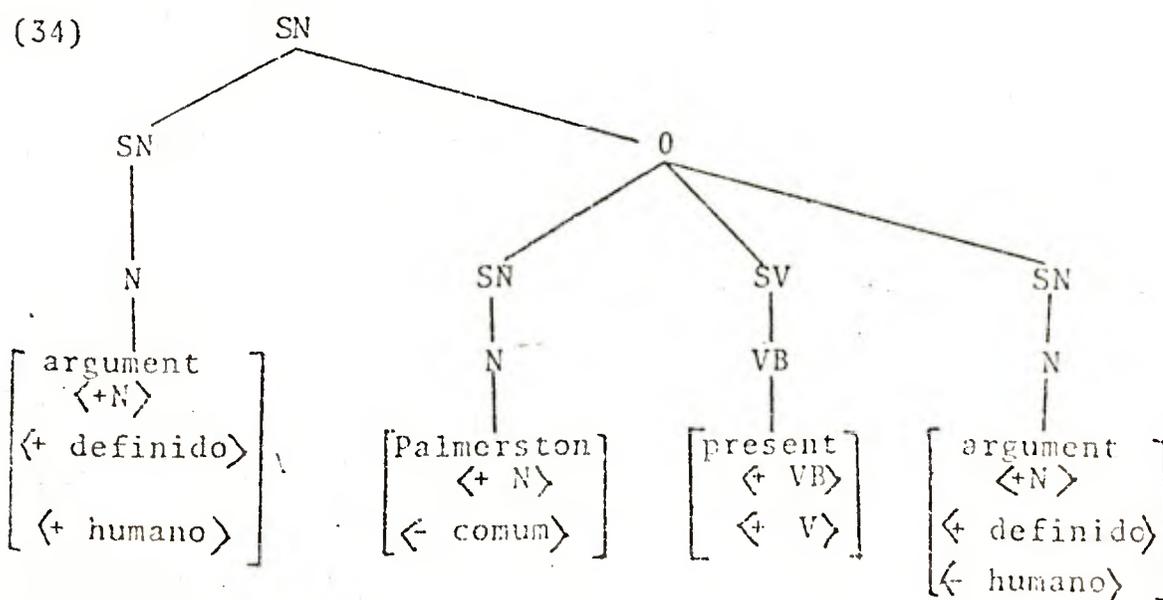
(32)a. A adição dos traços <+q> e <+pronome> ao segmento N no SN da oração relativa que é, por sua vez, idêntico a um SN antecedente na sentença matriz;

b. O movimento deste N para o início da oração encaixada.

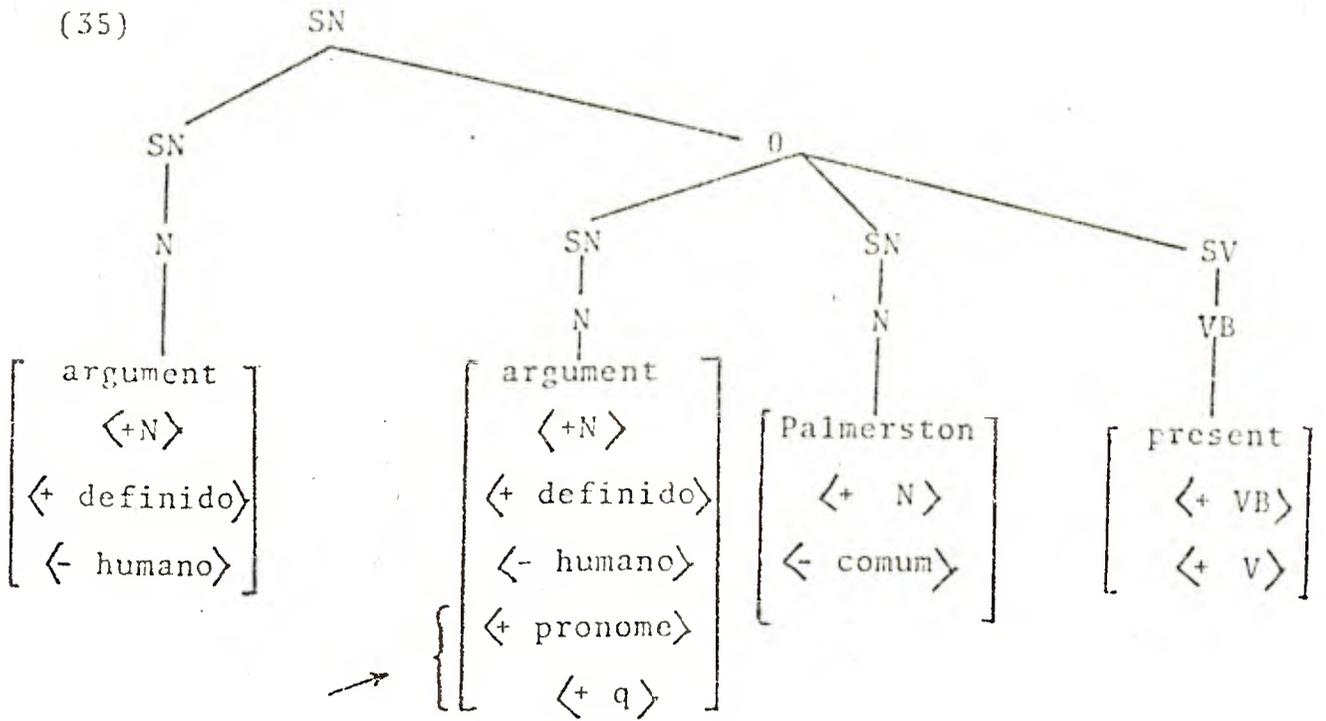
Desse modo, uma oração como (33) resultaria da aplicação dos procedimentos enumerados em (32) à cadeia subjacente (34)⁹:

(33) "The argument which Palmerston presented disconcerted the protesters".

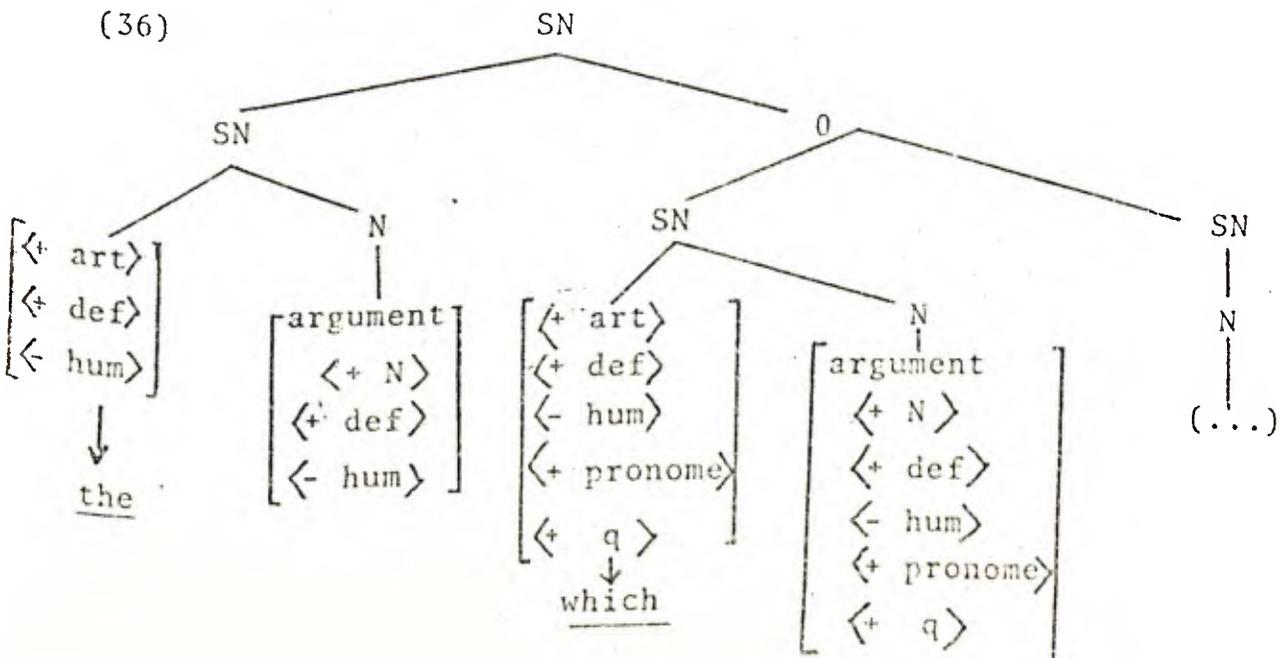
'O argumento que Palmerston apresentou desconcertou os protestadores'.



Em (35), pode-se ver que foram acrescentados os dois traços <+q> e <+pronome> ao N "argument" e que este já foi movido para o início da oração encaixada



A adição de <+q> e <+ pronome> é responsável pelo aparecimento, na superfície, do pronome relativo. No exemplo (33) esse pronome é which. Outras formas do relativo aparecerão dependendo dos traços do N. A etapa seguinte para (33) seria a aplicação dupla da T-de artigo. Assim:



Dessa forma a T-de artigo cria à esquerda dos N's dois segmentos de artigo que serão substituídos pelo artigo the e pelo pronome relativo which, respectivamente, dando (37):

(37) *"The argument which argument Palmerston presented disconcerted the protesters"

*'O argumento que argumento Palmerston apresentou desconcertou os protestadores.'

Veja-se que o segmento de artigo criado à esquerda dos N's leva em conta os traços deste N. Assim, já que o N argument da oração encaixada contém os traços <+q> e <+pronome>, o segmento de artigo também os possuirá e o resultado superficial será um pronome relativo, de natureza definida: Rosenbaum está admitindo, portanto, que os pronomes relativos são também artigos definidos. O segmento de artigo criado à esquerda do N argument da sentença matriz, não apresenta os traços <+q> e <+pronome>, já que o N não os possui, e o resultado é, na superfície, um artigo definido: the. Assim, para se chegar de (37) a (33) ocorre a eliminação da segunda ocorrência de argument e depois de regras morfofonêmicas que não interessam no momento, chega-se a (33)¹⁰. Assim:

(38) *"The argument ~~which argument~~ Palmerston presented disconcerted the protesters".

* 'O argumento que ~~argumento~~ Palmerston apresentou desconcertou os protestadores".

(33) "The argument which Palmerston presented disconcerted the protesters"

'O argumento que Palmerston apresentou desconcertou os protestadores'.

1.2.4. Emonds (1972)

Emonds (1972),¹¹ do mesmo modo que Chomsky(1968), considera que a Relativização é um processo que compreende etapas, das quais a primeira seria ou uma Pronominalização comum ou uma operação que envolva pronomes gerados na base. Em outras palavras ele admite que há duas possibilidades para estruturas subjacentes à Relativização: uma em que ocorreria a Pronominalização comum, como primeira etapa, e outra, em que os pronomes já seriam gerados na base e as outras operações do processo em questão seriam aplicadas a estes pronomes. O autor já parte das estruturas subjacentes com pronomes. Assim, (34) seria uma estrutura em estágio de pré-Relativização — já figurando nela o pronome e não o SN —, nos dizeres do autor:

(34) "The friend (that I spoke to him) drove away".

'O amigo (que eu falei com ele) foi embora'.

A primeira operação é a introdução do "wh", como traço do pronome co-referencial "him"

(38) "The friend (that I spoke to) drove away".

* 'O amigo (que eu falei com) foi embora'.¹²

Veja-se que o "that" aparece, se o pronome "him" não foi marcado com "wh" e não foi transportado. Então temos, ou (34), ou (38), como orações resultantes. Já o "who" ('quem') só aparece se o "him" foi marcado com este traço e sofreu movimento.

Outro aspecto da análise de Emonds que merece destaque é a sua regra de "Anteposição de q", que transcrevo em (39):¹³

(39) "COMP - X [(P) + wh + Y -] Z = 3 2 β 4

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{NP} \\ \text{Ap.} \\ \text{PP} \end{array} \right\}$$

1 2 3 4

Emonds (1976:185)

A regra (39) prevê que 3 — toda a seqüência entre os colchetes: [(P) + wh + Y] — substitua (1), que é COMP. Segun-

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{NP} \\ \text{AP} \\ \text{PP} \end{array} \right\} 3$$

do o autor, tal regra faz com que o complexo de traços [COMP, wh] possa ser substituído pelos constituintes de 3, mas somente COMP precisa ser mencionado na descrição estrutural da regra. Então o COMP que aparece em (39) seria, na verdade COMP, permitindo assim a operação de substituição proposta na ^{wh} regra. (39) é uma "structure preserving rule" ('regra de preservação de estrutura'), pois, conforme se pode ver, ela move

o elemento "wh" de uma posição — o número 3 da regra (39) — para outra posição — o número 1 de (39) —, já gerado independentemente na base. Repetindo: o elemento COMP de (39) é, então gerado pela base; é, também, um complexo de traços: [COMP, wh], que aparece na descrição estrutural sob forma simplificada. Já que COMP é gerado pela base, ao se colocar o

|
wh

"wh" — o número 3 de (39) — em seu lugar, não se cria nenhum constituinte novo, sendo portanto, a regra de "Anteposição de q", uma "regra de preservação de estrutura"

Como é um complexo de traços, COMP pode também ser a abreviação de [COMP, Δ]. Esta configuração daria conta das orações completivas com "that" e orações relativas com "that" nas quais a "Anteposição de q" não se aplica, como se observa em (34), que repito:

- (34) "The friend (that I spoke to him) drove away"
'O amigo (que eu falei com ele) foi embora'

Comparando a posição de Emonds com a de Ross, por exemplo, observamos que o elemento COMP não aparece na regra de Relativização de Ross, que também é, como (39), uma regra de movimento. Repito-a aqui, para maior clareza:

$$(16) \quad W - \left[\begin{array}{c} \text{SN} \\ \text{SN} \end{array} - \left[\begin{array}{c} X' \\ 0 \end{array} - \text{SN} - y \right] \right] - Z$$

ob. ⇒

1	2	3	4	5	6	⇒	
1	2	4	##	[3	0	5]	6

Condição: 2 = 4

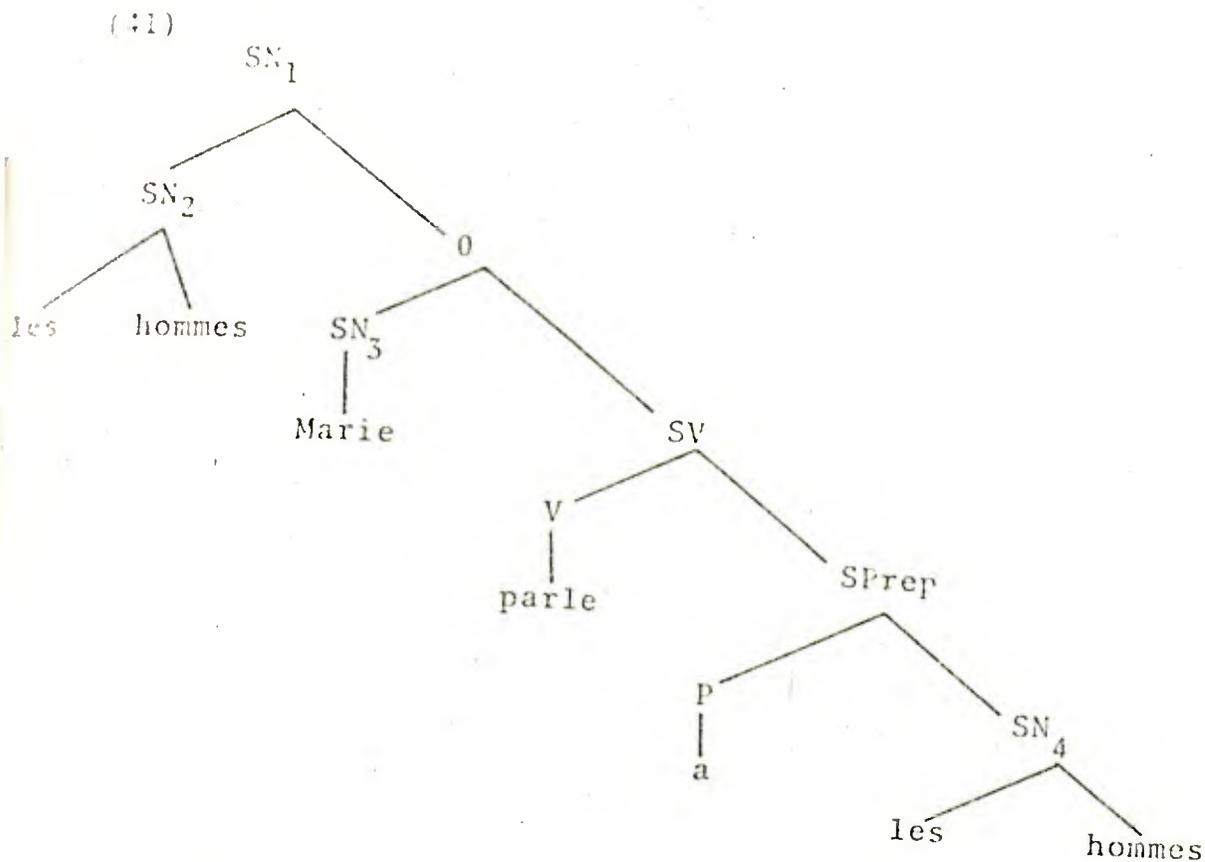
Já Emonds faz uso deste elemento, como se viu em (39). O COMP é a categoria de formativo gramatical inicial de sentença, proposta por Bresnan (1970)¹⁴, e está presente na estrutura profunda das relativas restritivas. Emonds não faz referência à descrição do SN em que a oração que contém o "wh" se encaixa como relativa, como Rosenbaum e Chomsky. Considera, no entanto, como Chomsky, que a Relativização é um processo que envolve etapas e formaliza, assim como Ross, a regra de movimento presente na Relativização, embora o faça de maneira diferente.

1.2.5. Perlmutter (1972)

Perlmutter (1972) argumenta em favor da existência de regras de cópia (como universais da linguagem) em substituição às regras de transporte, propostas por Ross (1967). Para tanto, mostra a inadequação das duas propostas existentes para as regras de transporte: a "Full NP Chopping Hypothesis" ('Hipótese de transporte do SN completo') e a "Pronoun Chopping Hypothesis" ('Hipótese de transporte do pronome'), no processo de Relativização. As duas teorias diferem no que diz respeito ao SN a ser relativizado: ele é representado na estrutura subjacente ou como um SN completo, ou como um pronome, respectivamente. Assim, na primeira teoria, uma sentença como (40) teria a descrição (41):

(40) "Les hommes à qui Marie parle"...

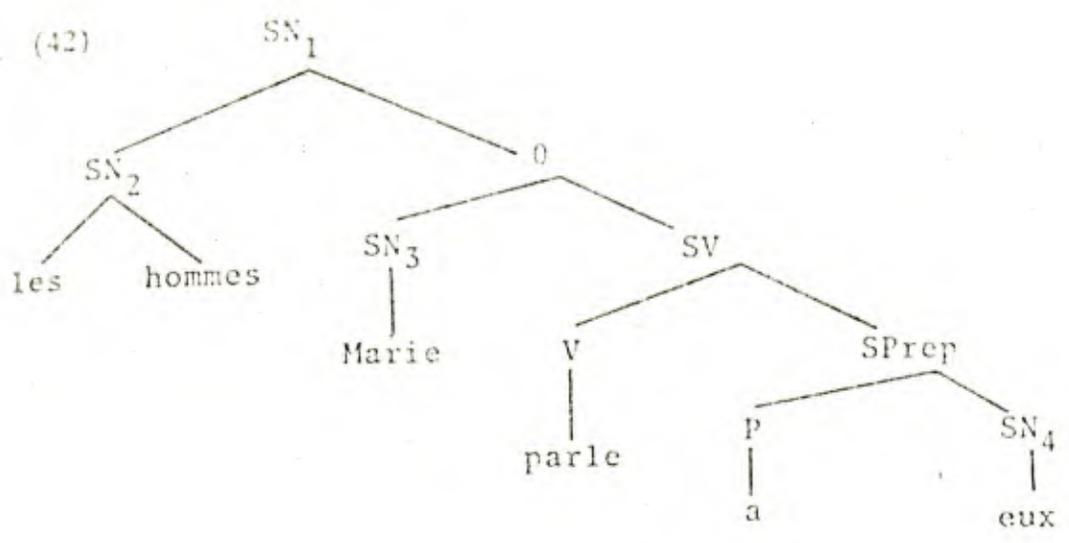
'Os homens a quem Maria fala'...



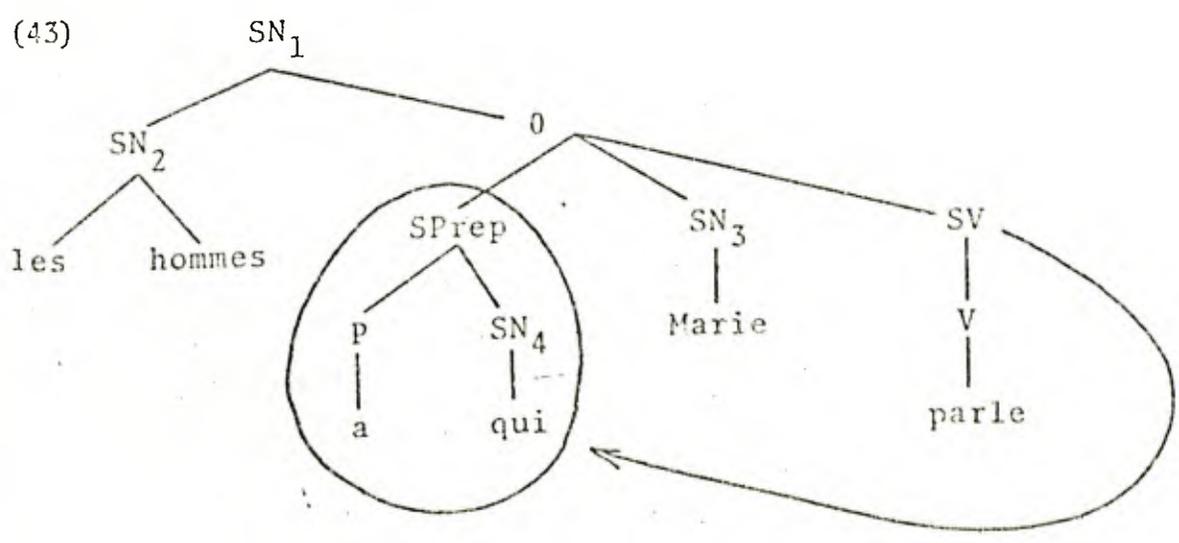
Perlmutter (1972:73)

Em (41), SN₄ aparece como um SN completo: "les hommes"

De acordo com a segunda teoria, a estrutura subjacente a (40) seria (42), em tudo semelhante a (41), exceto quanto a SN₄ que é, em (42), um pronome: "eux".



Assim, em ambas as teorias, SN₄ seria movido, levando junto a preposição a, sem deixar atrás nenhuma cópia pronominal. Além do movimento do SPrep "a eux" que mostramos em (43), ocorre ainda uma outra operação, que não é explicitada por Perlmutter: a transformação do pronome "eux" em "qui". Assim:



Embora não seja nosso objetivo entrar nos detalhes dessa argumentação, julgamos conveniente resumí-la. O pensamento de Perlmutter seria, em linhas gerais, o que se segue: orações relativas francesas permitem a flutuação de quantificadores, como se vê em (45):

(45)a. "Ces femmes, à qui j'ai parlé à toutes"

'Estas mulheres a quem eu falei a todas'

b. "Ces femmes, à qui j'ai à toutes parlé"

'Estas mulheres, a quem eu a todas falei'.

Entretanto, se as relativas forem examinadas como sentenças isoladas, tendo um SN completo no lugar do SN relativizado, a flutuação do quantificador não ocorrerá. É o que se verifica em (46):

(46)a. *"J'ai parlé à ces femmes à toutes"

'Eu falei a estas mulheres a todas'.

b. *"J'ai à toutes parlé à ces femmes"

'Eu a todas falei a estas mulheres'

Observe-se, então, que (45) permite o movimento de "toutes" porque nelas não aparece um SN completo. Em (46), o deslocamento de "toutes" não é permitido, porque o SN de "a ces femmes" aparece completo. Mas a flutuação dos quantificadores é possível, se o SN se cliticiza. Veja-se:

(47)a. *"J'ai parlé à ces femmes"

'Eu falei a estas mulheres'

b. *"J'ai parlé a elles"

'Eu falei a elas'.

c. "J'ai leur parlé"

'Eu lhes falei'.

Em (47) "a elles" se cliticiza, tornando-se "leur"e, com o pronome cliticizado, os quantificadores podem flutuar, como em (48):

(48) a. "Je leur ai parlé   toutes"

'Eu lhes falei a todas'

b. "Je leur ai   toutes parlé"

'Eu lhes a todas falei'.

Em ora es relativas, a cliticiza o não tem lugar, se a Relativiza o for entendida como regra de transporte apenas. Assim, sob a Hipótese de Transporte do SN completo ela   impossível, pois não haverá nenhum pronome para ser cliticizado. Veja-se que existem em francês ora es como (49):

(49) a. "Ces femmes,   qui je leur ai parlé a toutes".

'Estas mulheres, a quem eu lhes falei a todas'.

b. "Ces femmes,   qui je leur ai   toutes parlé".

'Estas mulheres, a quem eu lhes   todas falei'.

onde ocorre uma intera o das três regras antes citadas. Relativiza o, Cliticiza o e Flutua o de Quantificadores. Ora,

sob a Hipótese de Transporte do SN Completo, como a cliticização não pode aplicar-se, já que a possível fonte do clítico já se tornou pronome relativo. Flutuação de Quantificadores também é barrada. Sob a Hipótese de Transporte de Pronome duas possibilidades são aventadas:

- (50) a. A T-rel. ocorre antes da cliticização
b. A cliticização ocorre antes da T-rel.

Se (50a) é verdadeira, então temos (51), onde a cliticização não é possível, pois pronomes relativos não se cliticizam e não há qualquer outro pronome a que possa aplicar-se o processo em questão:

- (51) "Ces femmes à qui j'ai parlé".
'Estas mulheres a quem eu falei'.

Se (50b) se aplica então não há meios de se obter o relativo qui, pois o SN "elles" já foi cliticizado (o que envolve, em francês, a anteposição do clítico). Assim:

- (52) a. "Ces femmes j'ai parlé a elles"
'Estas mulheres eu falei a elas'
b. "Ces femmes j'ai leur parlé".
'Estas mulheres eu lhes falei'

Entretanto, se a regra de Relativização for uma "Regra de cópia", haverá condições de ocorrerem ambos os processos: Relativização e Cliticização.

Assim:

- (53) "Ces femmes à qui j'ai parlé à elles"
'Estas mulheres a quem eu falei a elas'.

Em (53), pode-se cliticizar "elles", que se torna "leur"; e aí, então, a flutuação de quantificadores é possível. E, então, orações como as de (49) são explicadas sem problemas:

- (49) a. "Ces femmes, à qui je leur ai parlé à toutes."
'Estas mulheres a quem eu lhes falei a todas'
- b. "Ces femmes à qui je leur ai à toutes parlé."
'Estas mulheres a quem eu lhes a todas falei'

Com isso, o autor pretende comprovar a superioridade da hipótese da cópia em relação à de transporte. E como se comprova, Perlmutter adota, então, uma teoria bastante diferente daquela defendida por Emonds e Ross, por exemplo. Para tais autores, a regra que desloca o SN a ser relativizado é uma regra de transporte e, na hipótese discutida aqui, esta regra é de cópia.

1.2.6. Pizzini (1977)

Até agora, as análises discutidas foram propostas para a língua inglesa e francesa. Já Pizzini (1977) explora o português. Ele discute a possibilidade de que orações relativas restritivas do português sejam analisadas de maneiras diferentes, dependendo do registro do falante. A oração (50) por exemplo, seria representante do português Formal.

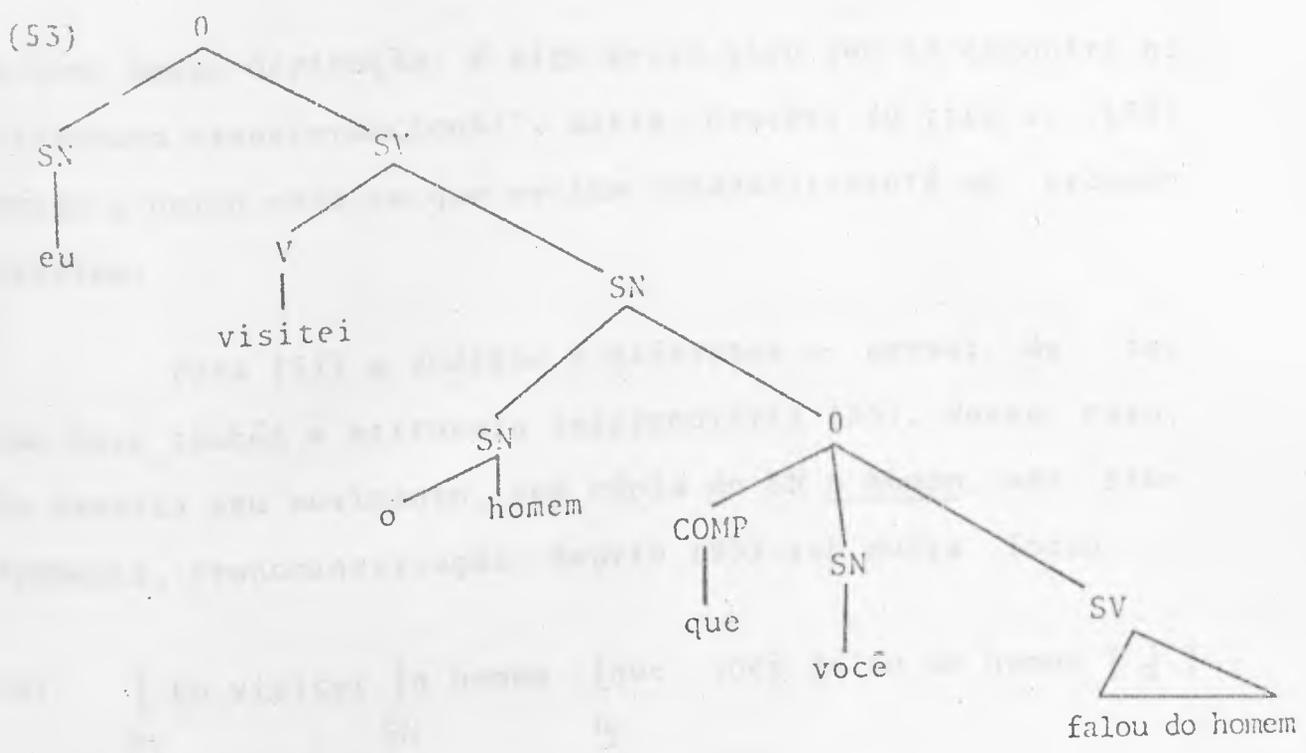
(50) "Eu visitei o homem de quem você falou".

(51) e (52) seriam representantes da fala informal, a que ele chama de Informal I e Informal II, respectivamente:

(51) "Eu visitei o homem que você falou dele".

(52) "Eu visitei o homem que você falou".

As orações de (50) - (52) são sinônimas e procedem, todas elas, de uma estrutura intermediária como (53).



Para a oração (50), do registro formal, a seguinte derivação é proposta: em primeiro lugar "uma regra de deslocamento leva a frase nominal o homem, ou o seu pronome ele, junto com a preposição de, à posição do complementizador. Nesta posição, o homem se converte em pronome relativo; sendo humano e precedido por preposição, torna-se a forma quem". Pizzini(1977:75) Observe-se que, para Pizzini, tanto faz que o SN co-referente seja um SN complexo ou apenas um pronome. Interessa a ele apenas o fato de que um SN — seja ele um pronome pessoal ou um SN complexo — junto com a preposição, se mova para a posição de COMP, substituindo-o. Observe-se ainda que Pizzini não usa o elemento q associado ao SN co-referente e também não usa índices para marcar a co-referência. Na verdade, ele não está interessado em discutir a hipótese de Relativização como transporte em detalhes e, segundo suas próprias palavras "não há nada

de novo nesta derivação; é algo deste tipo que se encontra na literatura transformacional". Assim, orações do tipo de (50) seriam o único caso em que se tem verdadeiramente um pronome relativo.

Para (51) a análise é diferente — apesar de ter como base também a estrutura intermediária (53). Nesse caso, não haveria nem movimento, nem cópia do SN o homem, mas, simplesmente, Pronominalização. Repito (53) sob outra forma:

(54) [Eu visitei [o homem [que você falou do homem]]]
0₂ SN 0₁

(51) "Eu visitei o homem que você falou dele".

O que de (51) não seria pronome relativo, mas o complementizador homônimo que, já presente em (54).

Da mesma forma (52) viria de (53) ou (54), aplicando-se, nesse caso, apenas uma regra de redução total do SPrep de o homem:

(52) "Eu visitei o homem que você falou".

Orações como (55) do mesmo modo seriam analisadas como (52):

(55) "A cidade que vi é grande".

Nelas o constituinte suprimido é o SN co-referente a cidade e não o SPrep, como aconteceu em (52). Assim:

(56) [[A cidade [que eu vi ~~a cidade~~]] é grande.]
0₂ SN 0₁

Essa regra de redução total do SN co-referente é também típica do japonês, do basco e de orações relativas do inglês que começam com that, segundo Pizzini.

A análise proposta para a fala Informal I e II simplifica a derivação das orações relativas, nos dizeres do autor, que transcrevo:

- (57) (...) O registro Informal I não se serve de nenhuma transformação especial de relativização. Fica claro que a pronominalização de o homem, para ele, é uma regra geral da gramática. Também a presença do complementizador que é um fenômeno geral, não específico à formação de orações relativas (...) O registro Informal II tem uma só regra específica à relativização: a regra de redução total, que é alguns aspectos diferente da que encontramos, frequentemente na literatura transformacional (...) É só o registro Formal que lança mão a regras de movimento e a formas especiais de pronomes na derivação de orações relativas".

Pizzini (1977:82)

De tal colocação, ressaltam os seguintes aspectos:

- (58)a. É usada uma regra de movimento, para a geração de orações formais como (50), sendo que nelas o pronome quem é verdadeiramente um pronome relativo.

(50) "Eu visitei o homem de quem você falou".

b. Em orações como (51), ocorre simplesmente a Pronominalização do SN co-referente, e o que é apenas COMP e não um pronome relativo:

(51) "Eu visitei o homem que você falou dele".

c. Em orações como (55), ocorre apenas a Supressão do elemento co-referente, não havendo aí, nenhum pronome relativo:

(55) "A cidade que vi é grande".

Através de (58), fica claro que para Pizzini, temos na verdade, três processos diferentes para a geração de orações relativas no português. E só se poderia chamar de Relativização, na verdade, o processo — movimento — usado para dar conta do registro Formal. Segundo suas próprias palavras, no entanto, para o Registro Informal II, onde ocorre a supressão de elemento, também utiliza-se de uma regra própria, específica da Relativização, mas diferente daquelas que se encontram, frequentemente, na literatura transformacional: a de redução do SN co-referente, desaparecendo junto com ele a preposição. Nesse caso o que não é também um pronome relativo, apesar de ele considerar que a regra de redução de SN é específica à Relativização de algumas línguas como o basco, o japonês e o inglês.

NOTAS

1. Usei o termo "adjetivas" na secção 1.1. por estar tratando da gramática tradicional e a N G B recomendar este termo.
2. Detalhes irrelevantes para o presente trabalho estão sendo omitidos.
3. O princípio do A —sobre—A será discutido no capítulo II.
4. A validade da "Pied Piping" para o português será discutida no capítulo II
5. Estou utilizando a tradução portuguesa, editada em (1971).
6. Não é nosso objetivo discutir a validade desta hipótese da origem dos adjetivos. Consulte-se para isso, Pires (1981).
7. Estou traduzindo como q o elemento wh, proposto para o inglês.
8. O tratamento das relativas explicativas é outro e foge aos objetivos deste.
9. Evidentemente (34) é apenas parte da estrutura profunda de (33). Dela constam apenas os aspectos relevantes para a discussão do momento.
10. Rosenbaum analisa ainda outras transformações que não são relevantes para a discussão desenvolvida no presente trabalho, tais como T-supressão do pronome relativo e T-redução de relativas, dentre outras.

11. Estou utilizando a edição de 1976.
12. A agramaticalidade de (38) no português não invalida a proposta, pois ela foi feita para o inglês e, para essa língua, ela parece funcionar
13. Emonds não coloca números na descrição estrutural da regra, mas apenas na mudança estrutural.
14. Cf. Bresnan (1970), para argumentação em favor de COMP como formativo inicial de sentença.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O contexto da gramática

Este trabalho tem como objetivo principal a análise da estrutura sintática das frases em português formal, com especial atenção para o processo de relativização. Para isso, serão apresentados exemplos de frases e suas respectivas árvores sintáticas, bem como uma discussão sobre a importância desse processo na construção de frases complexas.

Como ponto de partida, vamos considerar a seguinte frase: "O homem que viu o filme chegou cedo." Essa frase pode ser analisada de duas maneiras diferentes, dependendo da interpretação que se dá ao pronome relativo "que".



Essa diferença entre as duas árvores sintáticas reflete a ambiguidade da frase original. No exemplo (1), o pronome relativo "que" atua como sujeito da cláusula relativa, enquanto no exemplo (2) atua como objeto. Essa ambiguidade é resolvida pelo contexto e pela interpretação do leitor.

CAPÍTULO II

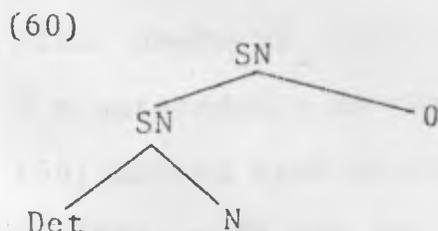
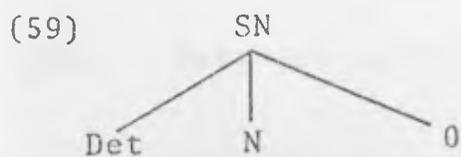
O Processo de Relativização em Sentenças do Português Formal

1. Considerações preliminares

1.1. A configuração do SN que contém a oração relativa

Nesta sub-seção examinarei alguns aspectos da formação das relativas restritivas que considerarei pouco explícitos nas análises apresentadas no capítulo I. Pretendo de-
 ter-me em três aspectos: a descrição do SN subjacente que contém uma oração relativa, a co-referência deste SN com o antecedente; a presença de constituintes indefinidos na estrutura profunda das relativas.

Como foi visto no capítulo I, a configuração subjacente do SN que contém a oração relativa tem sido proposta — com base em dados do inglês — ou como (59), como o faz Chomsky, ou como (60), de acordo com Rosenbaum e Ross, por exemplo:



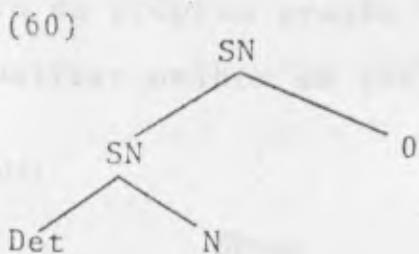
A diferença entre elas está no fato de, em (59), a oração relativa seguir diretamente um N, ao passo que, em (60), ela segue um SN, que por sua vez se ramifica em Det e N. O SN de (59) é reescrito na base como se vê em (61)

(61) SN → Det N 0

Já o SN de (60) pode ter (62) como regra de base:

(62) SN → SN 0

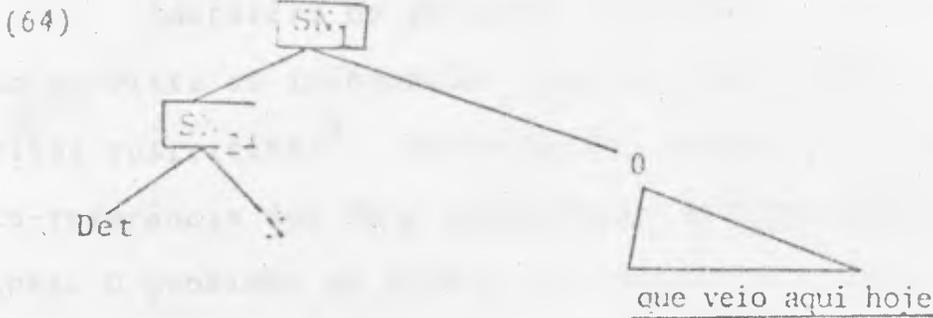
Considero a descrição (60) mais adequada para as relativas restritivas porque, na verdade, existem dois SN's em jogo em tais orações e esta descrição mostra isso claramente:



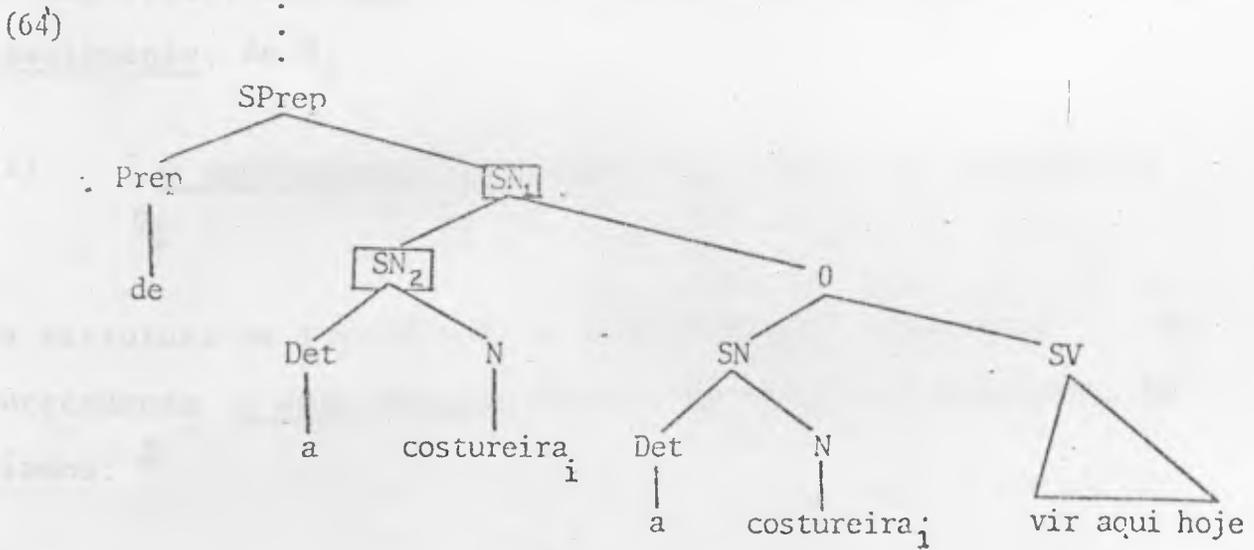
Tome-se o exemplo (63):

(63) Vera vai precisar da costureira que veio aqui hoje.

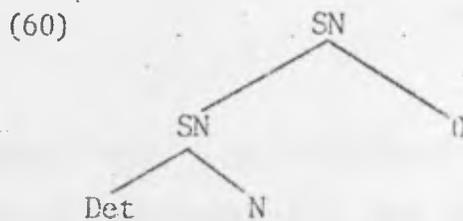
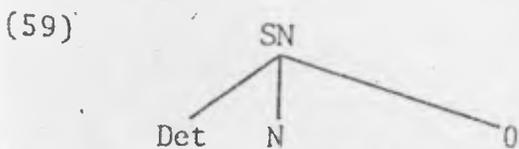
Em (63) existe um SN maior: a costureira que veio aqui hoje. Além deste SN, existe um outro — a costureira —, que é o antecedente da oração relativa. Creio que a configuração (60) mostra isso de maneira mais clara que (59). Observe-se, em (64), o SN que domina a oração relativa que veio aqui hoje.



Acredito que o n\u00f3dulo SN_2 , dominando o elemento a costureira, deve constar do diagrama, pois ele ser\u00e1 co-referente de outro SN dentro da pr\u00f3pria ora\u00e7\u00e3o a ser relativizada, como se pode visualizar melhor em (64'):¹



\u00c9 a descri\u00e7\u00e3o (60) e n\u00e3o (59), que fornece esta informa\u00e7\u00e3o:



Adotarei, no presente trabalho, a descrição (60), tendo em vista as informações que ela possibilita para as relativas restritivas². Deter-me-ei, agora, na investigação da co-referência dos SN's (mencionada anteriormente) nessas orações. O problema se coloca nos seguintes termos: a descrição da estrutura profunda das relativas prevê que, além de existir uma oração encaixada num SN — conforme se vê em (60) — deve haver co-referência entre o SN que é o antecedente da oração relativa, e outro SN, dentro dessa própria oração. A estrutura profunda da oração (1), por exemplo, deve conter a informação de que o SN o apartamento de 0_1 — que aparece na superfície como que — é co-referente do outro SN o apartamento, de 0_2 :

(1) [O apartamento [que Antônio comprou] é espaçoso.]
 0_2 0_1

Na estrutura de superfície, o elemento que refere-se ao antecedente o apartamento. Assim, na estrutura profunda, teríamos: ³

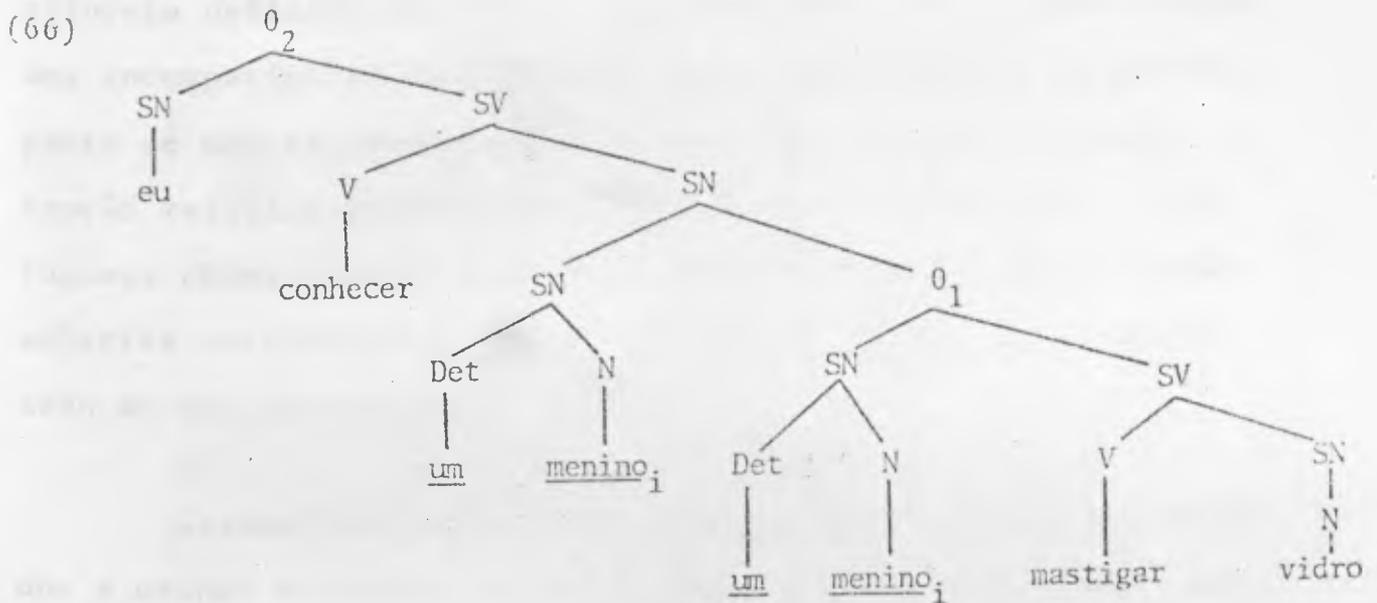
(65) [[O apartamento [Antônio comprou o apartamento]] é
 0_2 SN 0_1 espaçoso]

Considerados esses fatos, pergunta-se: a co-referência deve ser postulada em termos do SN completo, isto é, [Det + N], no caso de (1), por exemplo, ou apenas do N? Considerando-se ora-

ções como (2):

(2) Conheço um menino que mastiga vidro.

poder-se-ia pensar que o índice de identidade deve levar em conta apenas os N's e não os SN's totais. Uma hipótese de estrutura profunda para (2) seria (66):



Observe-se que, em (66), os SN's são totalmente idênticos. Uma outra possibilidade seria considerar (67) como estrutura profunda para (2):

(67) [Eu conhecer [um menino [o menino mastigar vidro]]].
0₂ SN i₀₁ i

A 0_i de (67) contém um artigo definido o, e não um indefinido como (66). Um aspecto que me parece importante enfatizar refe-

re-se à provável natureza definida da oração relativa restritiva, referida no capítulo I, seção I, do presente trabalho. Nesses termos, em um menino que mastiga vidro, a oração que mastiga vidro restringiria o SN um menino, já que forma com este um SN maior: um menino que mastiga vidro. A existência de um determinante indefinido na estrutura profunda de (2), como se vê em (66), estaria como que negando essa natureza definida da oração relativa restritiva. Parece haver uma incompatibilidade semântica em se indefinir um SN que faz parte de uma estrutura definida pela sua própria natureza: a oração relativa restritiva. Já a Gramática Tradicional portuguesa chama atenção para este fato, quando diz que a oração adjetiva restritiva delimita, ou melhor, define o significado do seu antecedente.

Levando em conta estas considerações, parece, portanto, que a melhor estrutura profunda para (2) seria (67), em que aparece um artigo definido o, acompanhando o N menino de O_1 .

Observe-se, ainda, que, caso o pronome relativo presente em (2) seja trocado por qual, como se pode observar em (68) e (69) a existência de um artigo indefinido acompanhando-o não é possível:

- (2) Conheço um menino que mastiga vidro
- (68) Conheço um menino o qual mastiga vidro
- (69) *Conheço um menino um qual mastiga vidro.

Como se pode notar, o relativo qual não aceita determinante indefinido. Observações como esta parecem comprovar o caráter definido das restritivas e, ao mesmo tempo, levam a postular uma forma definida para os determinantes, na estrutura profunda das mesmas. Sendo qual o único relativo que admite determinante, também na estrutura de superfície, e sendo este determinante obrigatoriamente definido, poderíamos levantar a hipótese de que os pronomes relativos procederiam de SN's acompanhados por determinantes definidos na estrutura profunda⁴.

De acordo com o discutido nos parágrafos anteriores, fica parecendo que a identidade de SN's completos não pode ser requerida na estrutura profunda das relativas restritivas, já que os determinantes nem sempre apresentam essa identidade, como se observa em (67):

(67) [Eu conhecer [um menino [o menino mastigar vidro]]]
_{0₂} SN 0₁

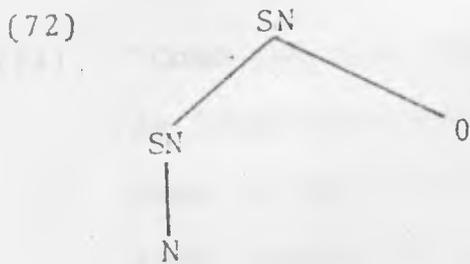
Veja-se ainda uma oração como (70):

(70) Cobras que saem à tarde não atacam.

A estrutura profunda de (70) seria — nos detalhes que nos interessam — (71) e, nesta estrutura, o SN grifado não possui qualquer espécie de determinante:

(71) [[Cobras_i [as cobras sair à tarde]] não atacar]
0₂SN 0₁

O SN sujeito que contém a relativa teria, no caso, a seguinte configuração:



Culicover (1976) analisa fatos semelhantes no inglês apresentando a hipótese de que o pronome interrogativo é derivado de um indefinido e de que o relativo viria de um pronome subjacente definido. O exemplo citado é o que se segue:

(73)a. "Who else did you see?"

b.*"I met the woman who else did you saw".

Culicover (1976:193)

A oração (73b) seria agramatical devido à presença do indefinido else, enquanto (73a) seria perfeitamente normal. A possibilidade de existência de um indefinido acompanhando o interrogativo é o que faz com que, na estrutura subjacente, este último seja indefinido. Por outro lado, a agramati-

calidade de (73b) deve-se justamente à presença do indefinido e serve como evidência da presença dos pronomes definidos na estrutura subjacente das relativas.

Chomsky (1965) também fala na identidade de N'S e não de SN'S na relativização:

(74) "Como tem sido observado frequentemente, a condição de identidade para a relativização implica apenas o Nome, e não o Determinante do Sintagma Nominal apagado. Assim, a partir de "I have a | # the friend is from England # | friend" podemos formar, por relativização, e do modo usual "I have a friend (Who is) from England". O sintagma Nominal apagado é "the friend", e o problema consiste no apagamento do Artigo, o qual difere do Artigo que é utilizado para o apagar pela transformação relativa. A frase encaixada não poderia ser "a friend is from England"; caso em que o problema não surgiria, na medida em que a natureza definida do Artigo é automática nessa posição" (...)

Chomsky (1975:334)

Apesar de todos esses argumentos que parecem fortalecer a hipótese da identidade de N's e não de SN's na estrutura profunda das relativas restritivas, proponho, no presente trabalho, a identidade dos SN's. Os casos até agora investigados envolvem SN'S que se ramificam em Det + N ou

apenas N's. Mas examine-se uma sentença como (75), cuo SN antecedente da relativa apresenta, além do Det e do N, um adjetivo. Assim:

(75) O menino louro que subiu a escada estava pedindo esmola



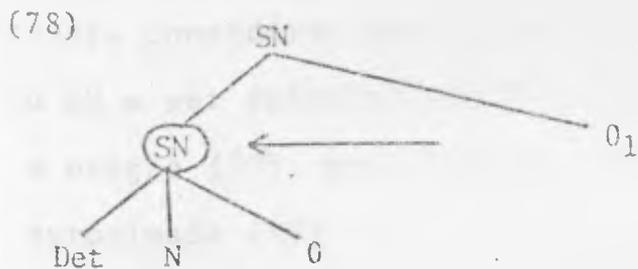
(75) viria de uma estrutura profunda como (77), em que a identidade é de todo o SN o menino louro:

(77) $_{0_2}$ SN $_{0_1}$ [O menino louro, [o menino louro subir a escada]]
 estar pedindo esmola]

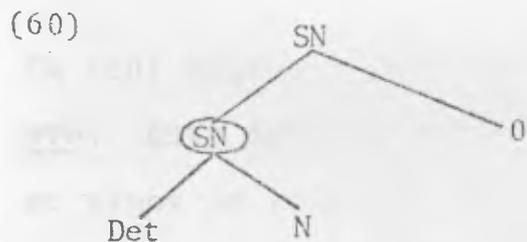
Na superfície, o que tem como referente o SN o menino louro e não apenas o N menino. Independente dos problemas suscitados pelo determinante nestes SN's — isto é, a questão de sua natureza definida para as relativas restritivas — quando este SN contém um adjetivo, como em (75), a co-referência não pode envolver apenas o N, mas, pelo menos, N + Adj.

Tendo em vista este fato (e mais o de identidade do Det quando este for definido na oração principal) seria mais

geral e simples considerar como co-referentes os SN's e não os N's: o SN marcado no diagrama (78) teria um outro SN co-referente dentro de O_1



Conseqüentemente, a descrição mais adequada para o SN que contém a oração relativa será (60):



Este $\textcircled{\text{SN}}$ menor, dominado por um outro, que, por sua vez, contém a oração relativa, é exatamente o que deve ser o co-referente de outro, dentro da sentença relativa, se a hipótese levantada nas páginas anteriores está correta. Uma descrição como (59) não fornece este nódulo SN intermediário, mas, nela, o SN maior domina diretamente [Det + N].



Deste modo, ela parece não ser a descrição apropriada para o SN que domina a sentença relativa.

Uma solução para o problema da identidade⁵ de SN's completos, ou apenas de N's — como foi discutido acima — seria considerar que, já na estrutura profunda da relativa, o SN a ser relativizado é um pronome. Segundo esta posição, a oração (79), por exemplo, viria de uma estrutura profunda aproximada (80):

(79) Maria está lendo o livro que eu comprei.

(80) [Maria estar lendo [o livro_i [eu comprar ele_i]]]
_{0 2} SN _{0 2}

Em (80) figura o pronome ele, em lugar do SN completo o livro. Esta forma é também co-referente de o livro, de _{0 2}. Como vimos no primeiro capítulo, Emonds (1976) admite como possível a existência de uma forma pronominal já na estrutura profunda das relativas, apesar de não argumentar em favor de tal posição. Na verdade, o autor não se posiciona quanto a este problema.

Jackendoff (1972) defende a hipótese de que os pronomes já estariam presentes na estrutura profunda, ao invés de se originarem de um SN completo, através de transformação. Para ele, os pronomes constariam da estrutura profunda, e os SN's não seriam marcados quanto à co-referência: regras de interpretação semântica teriam de mostrar quais SN's são

co-referentes. Os pronomes seriam gerados pela base como itens léxicos, marcados com o traço [+ pro]. Assim os índices de co-referência não constariam de (81).⁶

(81) $\left[\begin{array}{c} \text{Maria estar lendo} \\ 0_2 \end{array} \left[\begin{array}{c} \text{SN} \\ \text{o livro} \end{array} \left[\begin{array}{c} \text{eu comprar} \\ 0_1 \end{array} \text{ +pro} \right] \right] \right]$

Independente de o pronome ser gerado pela base, ou de o SN completo constar da estrutura profunda das relativas, o processo de Relativização deve conter uma regra que desloca este SN e que o transforma num pronome relativo. Ou seja, sendo este SN um SN completo ou um pronome, ele vai se transformar num pronome relativo. Assim, pode parecer irrelevante que se distingam estes dois tipos de SN — completo e [+ pro] — no processo geral de Relativização, pois, qualquer que seja sua natureza, ele vai se transformar em um relativo. O pronome gerado na base tem a vantagem de eliminar o problema da identidade ou não de SN's completos, já que a co-referência seria dada por uma regra interpretativa. No momento, não mencionarei problemas que podem advir de se escolher uma ou outra hipótese e admitirei a presença de SN-pronomes na estrutura profunda.

Hipótese semelhante é apresentada por Perlmutter (1972) apesar de o autor estar trabalhando com sintaxe, e não semântica, como Jackendoff. Trata-se da referida "Hipótese de Transporte do Pronome".

regra de "Anteposição de q-", como foi mostrado no capítulo I.

A adoção do q- tem a vantagem de alcançar uma generalização envolvendo estruturas relativas e interrogativas. Ambas resultam de regra de movimento e possuem palavras-q ("Wh-words") —, relativos e interrogativos, respectivamente. O elemento q- estaria presente na estrutura profunda das interrogativas, marcando o SN a ser interrogado. Cf. Decat (1978). Do mesmo modo o q- seria também elemento presente na estrutura profunda das relativas. Veja-se, por exemplo, que na estrutura profunda de (84), sentença do registro formal, o traço <+ q> aparece associado ao SN ela :

(84) Essa é a cidade em que eu nasci.

(85) [Essa é [a cidade_i [eu nascer em ela_i]]]
0₂ SN 0₁ <+ q>

Observe-se, no entanto, que, na estrutura profunda de uma oração como (86), correspondente informal⁷ de (84), não aparece o traço <+ q> associado ao SN co-referente de 0₁:

(86) Essa é a cidade que eu nasci (nela).

(87) [Essa é [a cidade_i [eu nascer em ela_i]]]
0₂ SN i 0₁

Estou portanto, admitindo, que o traço $\langle +q \rangle$ consta da estrutura profunda das relativas formais, associado ao SN co-referente da oração encaixada, e que este mesmo traço não aparece na estrutura profunda das relativas informais. Assim, orações formais como (84) teriam uma estrutura profunda diferente da das informais, como (86). A diferença entre estas estaria exatamente na presença do $\langle +q \rangle$ nas formais, e na sua ausência nas informais. O traço $\langle +q \rangle$ seria, portanto, responsável pelo aparecimento de um pronome relativo superficial, como o é o que de (84). Por outro lado, o que de (86), sendo semanticamente vazio, não teria como base um SN com o traço $\langle +q \rangle$, sendo resultado da Superficialização do Complementizador.

Há ainda outra possibilidade para a configuração da estrutura profunda destas orações: o traço $\langle +q \rangle$ não constaria nem da estrutura profunda das relativas formais, nem das informais, podendo ser introduzido como uma transformação (opcional), como o faz Emonds (1976), para o inglês. Deste modo, (84) e (86) procederiam de uma mesma estrutura profunda (87) da qual não constaria o $\langle +q \rangle$

(84) Essa é a cidade em que eu nasci.

(86) Essa é a cidade que eu nasci (nela)

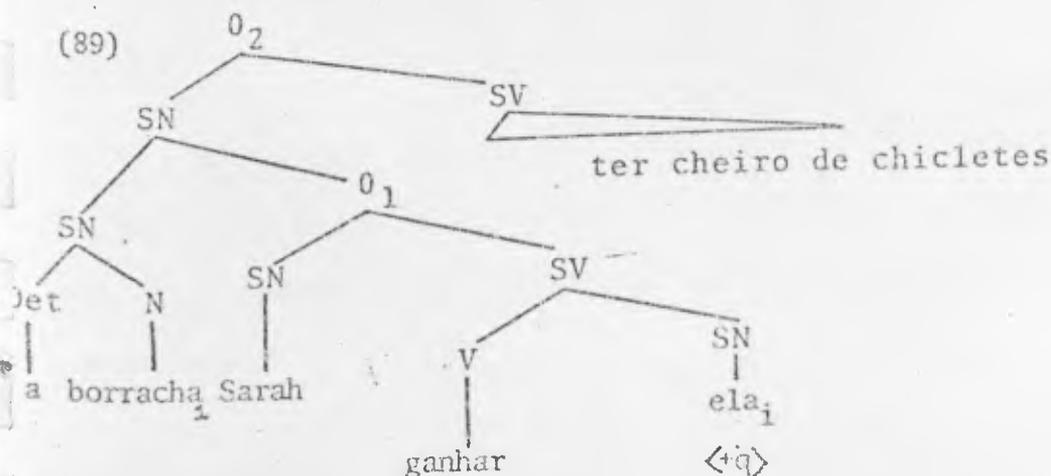
(87) [Essa é [a cidade_i [eu nascer em ela_i]]]
_{0₂} SN

Como primeira etapa, ocorreria uma regra de "Inserção de q," opcional. Se ela se aplicasse, o resultado seria uma sentença formal como (84) — cujo que é um relativo, se não se aplicasse, chegar-se-ia à oração informal (86), cujo que não é um relativo, mas um complementizador.

Admitir esta hipótese — de Inserção de q, como uma etapa do processo de relativização — implica em considerar que orações formais como (84) e informais como (86) têm o mesmo significado e que procedem de uma mesma estrutura profunda. Considero, no entanto, que há uma diferença entre (84) e (86): em (84) o que refere-se ao SN a cidade; já em (86), isso não ocorre: o que é vazio de significado, sendo o pronome ela, o co-referente do SN a cidade. Julgo, então, que (84) e (86) devam proceder de estruturas profundas diferentes, e que o elemento diferenciador das mesmas é o traço $\langle +q \rangle$, como discutimos anteriormente.

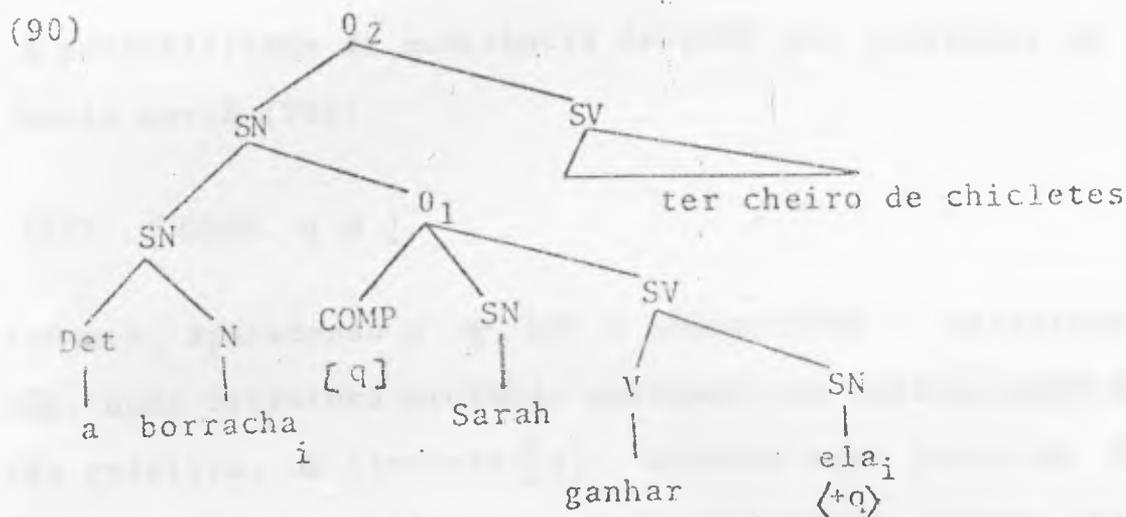
Assim, uma oração como (88) terá a estrutura profunda aproximada (89).

(88) A borracha que Sarah ganhou tem cheiro de chicletes.



Observe-se que, em (89), o SN co-referente de O_1 apresenta $\langle +q \rangle$ como traço. Essa será a posição adotada neste trabalho com relação à presença do q^- .

Além do $\langle +q \rangle$ a estrutura profunda das relativas deve conter o complementizador, abreviado como COMP. Assim este nódulo deve ser acrescentado a (89).



Emonds (1976) aponta a existência deste nódulo para as relativas do inglês. Segundo ele COMP seria um complexo de traços, gerado pela base. Essa regra de base seria como se vê em (91)

(91) "S — COMP - NP-" ...

$$\left(\begin{array}{c} \{WH\} \\ \{FOR\} \end{array} \right)$$

Emonds (1976:190)

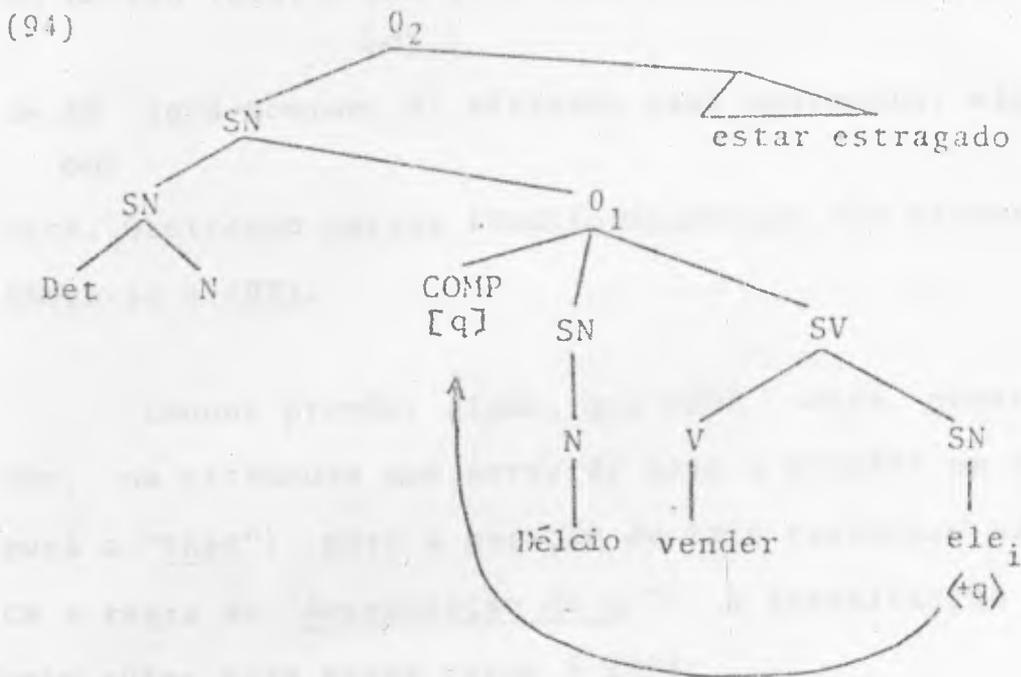
A possibilidade de ocorrência de COMP que interessa no momento seria (92):

(92) [COMP, q Δ]

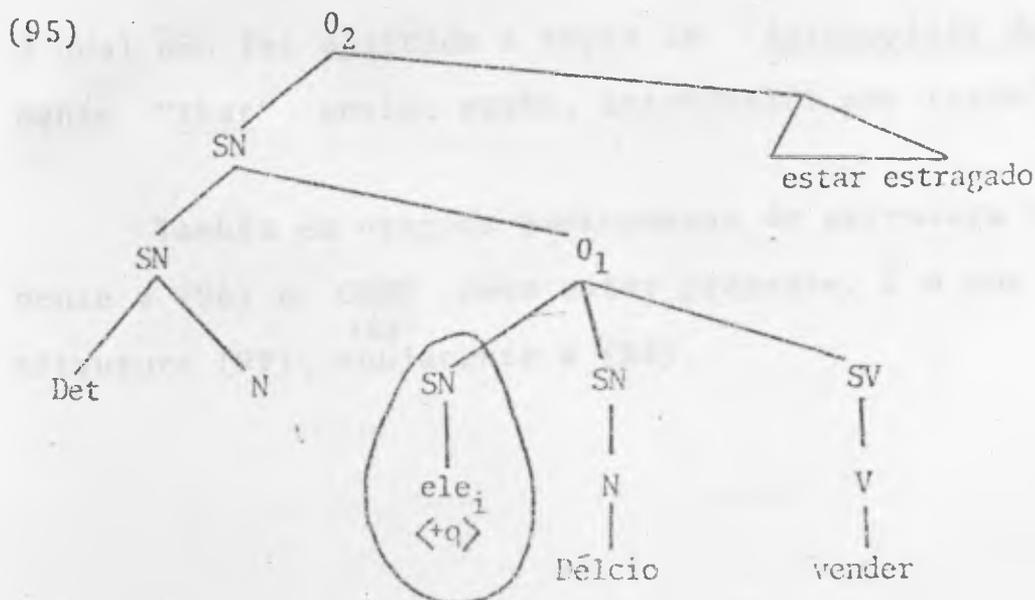
Portanto, aparecendo o q^- sob o nódulo COMP e existindo também, numa estrutura profunda qualquer, em configuração de oração relativa, um elemento $\langle +q \rangle$, anexado como traço ao SN, a regra de "Anteposição de q" pode aplicar-se. Nesses termos, esta regra é "preservadora de estrutura", pois não se cria nenhum nódulo novo, ao se reordenar o SN que contém $\langle +q \rangle$ para a posição de COMP, já que COMP é gerado na base também com o traço q^- .

De acordo com Emonds, adotarei no presente trabalho o COMP na estrutura profunda das relativas restritivas. Assim, para uma oração como (93), proponho a estrutura profunda aproximada (94).

(93) O feijão que Dêlcio vendeu estava estragado.



Assim, em (94) pode ocorrer o transporte do SN - para a po-
 <+q>
 posição do COMP, substituindo-o, já que este inclui dentre os
 seus traços, o q-. A estrutura resultante deste transporte
 seria, portanto, (95).



Como se pode ver, o nódulo COMP desaparece em (95), entrando no seu lugar o SN. COMP está marcando a posição para onde

<+q>

de SN será movido, e, efetuado este movimento, ele desaparece.

<+q>

Ocorrendo outras transformações que não discutiremos — chega-se a (93).

Emonds propõe, ainda, que COMP está presente, também, na estrutura que serve de base a orações em que figura o "that": para a geração de tais sentenças não se aplica a regra de "Anteposição de q-". A formalização proposta pelo autor para esses casos é (96):

(96) COMP [Δ]

Assim, COMP faria parte de estruturas como (97)

(97) "The friend COMP I spoke drove away"

'O amigo COMP eu falei foi embora'

à qual não foi aplicada a regra de 'Anteposição de q'. O elemento "that" seria, então, introduzido mais tarde⁸.

Também em orações portuguesas de estrutura correspondente a (96) o COMP deve estar presente. É o que se vê na estrutura (99), subjacente a (98).

(98) O lápis que eu estou escrevendo é o azul.

(99) $\left[\left[\begin{array}{c} 0_2 \text{ SN} \\ \text{O lápis} \end{array} \right] \begin{array}{c} i \\ \text{[COMP} \\ \text{[} \Delta \text{]} \end{array} \right] \text{ eu estar escrevendo com ele}_i \left. \right] \text{ é o } \langle \text{q} \rangle \text{ azul]}$

Entendemos, portanto, que o COMP é um elemento gerado pela base, que marca a posição onde é possível surgir uma palavra-q, isto é, relativos, interrogativos, conjunções integrantes, etc. No caso de essa posição ser preenchida por um pronome relativo, torna-se claro, que este, além de relativo, é também um complementizador. Assim, por exemplo, o seria o que de (93):

(93) O feijão que Dêlcio vendeu estava estragado.

Veja-se, agora, o processo de derivação de sentenças como (100), do registro informal do português, explicado por uma regra de cópia, nos moldes de Ross (1967) e Perlmutter (1972) (cf. Capítulo I, seção 1.2.5)

(100) O lápis que eu estou escrevendô com ele é o azul.

Será a seguinte a estrutura profunda (aproximada) de (100):

(101) $\left[\left[\begin{array}{c} 0_2 \text{ SN} \\ \text{O lápis} \end{array} \right] \begin{array}{c} i \\ \text{[eu estar escrevendo com o lápis}_i \end{array} \right] \text{ é o } \text{ azul]}$

O SN co-referente de 0_1 o lápis_i seria copiado no início da mesma ob-

tendo-se (102).

(102) [[O lâpis_i [o lâpis_i eu estar escrevendo com o lâpis_i]]
0₂ SN é o azul]

Depois, esta cópia tomaria a forma superficial que e o segundo SN o lâpis_i — o original — seria pronominalizado, dando ele. Assim se alcança (100):

(100) O lâpis que eu estou escrevendo com ele é o azul.⁹

Fica claro, então, que, dentro da análise sugerida por Perlmutter, a cópia do SN o lâpis teve como objetivo garantir a presença de que no início de 0₁ e de ele no final da mesma, em (100). Ora, se consideramos que o que é uma superficialização de COMP — este gerado pela base — como propõe Emonds (op. cit) — não será necessário o uso de uma regra de cópia, e, como se verá mais tarde, nem de transporte, para se dar conta do exemplo em questão. A utilização de COMP na estrutura profunda permite, por conseguinte, uma análise bem mais simples para orações como as discutidas acima.

Atente-se agora para a geração de (103), semelhante à anteriormente examinada (100), também representante da fala coloquial brasileira, segundo análise proposta por Perini (1974):

(103) "O idiota que eu viajei com ele ia "O Cruzeiro"

(103) vem de (104), que possui um SN marcado com Q (correspondente ao q- usado no presente trabalho e que se realiza como que, na superfície):

(104) "[O idiota [eu viajei com o idiota - Q]] "...

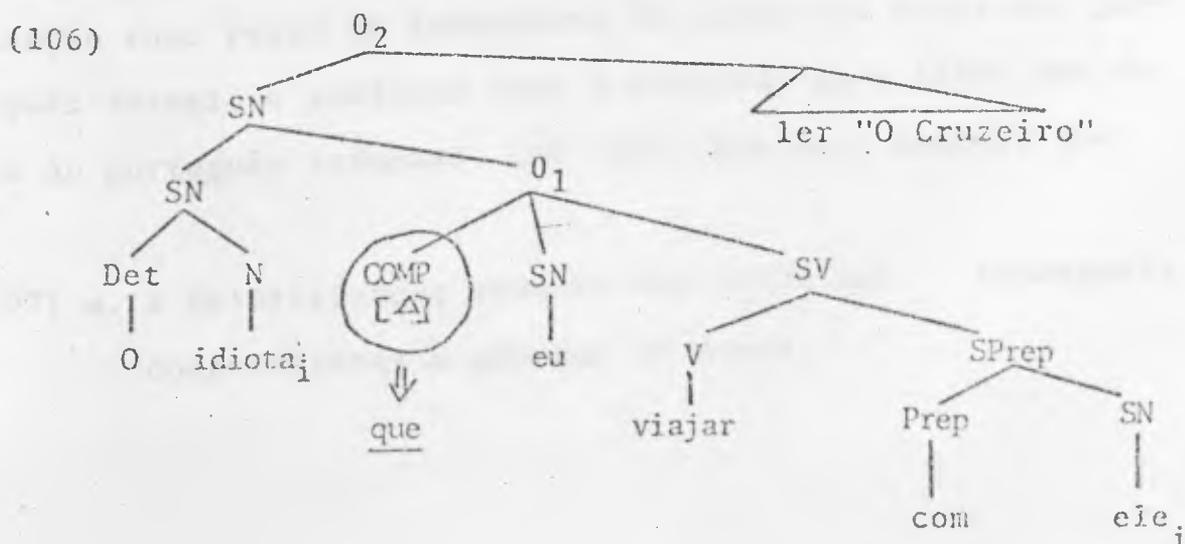
Transporta-se apenas o Q para o início da oração encaixada, como em (105):

(105) " [O idiota [Q eu viajei com o idiota]] "...

(105) apresenta o ambiente para aplicação de Pronominalização. Pode-se, portanto, pronominalizar a segunda ocorrência de o idiota, obtendo-se ele e conseqüentemente (103).

(103): "O idiota que eu viajei com ele lia "O Cruzeiro".

A análise de (103) pode ser simplificada, apenas admitindo-se o elemento COMP na estrutura profunda. Assim seriam desnecessários tanto o elemento Q, como o seu movimento — uma vez que ele seria gerado pela base, como COMP. Assim:



Nesse caso, a regra de transporte do SN não se aplica, pois o SN co-referente de o idiota de O_2 , não contém o traço $\langle +q \rangle$. Como vimos no capítulo I, seção 1.2.4., uma das retranscrições de COMP seria [COMP, Δ] responsável por relativas em que não há movimento de constituintes, como (103).

Pelo discutido acima, acredito que a adoção de COMP na estrutura profunda das relativas restritivas venha simplificar a análise que estou propondo não apenas por permitir que a regra de "Anteposição de q" seja "preservadora de estrutura" — para as orações formais — mas por permitir uma maior economia na descrição das orações informais.

As considerações feitas nesta seção levam-me então a optar pela presença do traço $\langle +q \rangle$ associado ao SN - pronome de O_1 — na estrutura profunda das restritivas formais. Além disso, também o elemento COMP está presente nessas estruturas profundas, como se justificou acima.

Como se observará no desenvolvimento deste, a Relativização como regra de transporte dá conta dos dados do português formal, e análises como a sugerida para (103), dos dados do português informal. Com isso, pretendo assumir que:

(107) a. a Relativização envolve uma regra que transporta constituintes e não que os copia;

b. O elemento COMP consta da estrutura profunda das relativas, tanto do português formal, como do informal. Para as sentenças formais sua retranscrição é COMP e para as informais é COMP; [q] [Δ]

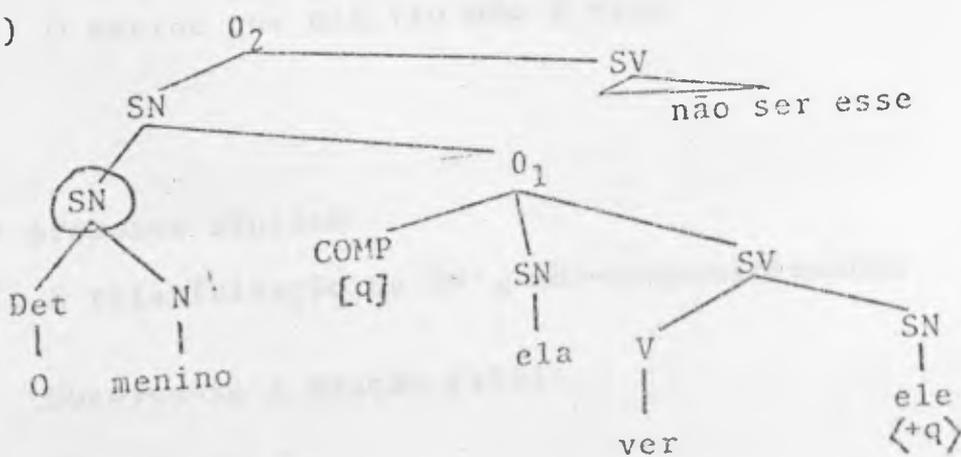
c. <+q> é um traço do SN co-referente de O₁, na estrutura profunda das relativas formais, mas está ausente na das informais.

1.3. Operações envolvidas no processo de Relativização

No presente trabalho, a derivação de estruturas relativas restritivas do português formal envolverá, pelo menos, duas operações, partindo de uma estrutura subjacente em que figura o COMP, bem como o traço <+q>, a saber: ¹⁰ Transporte de SN e Superficialização de SN. Vejamos o "modus operandi" dessas etapas, na derivação de uma oração como (108), tendo por base a estrutura profunda aproximada (109);

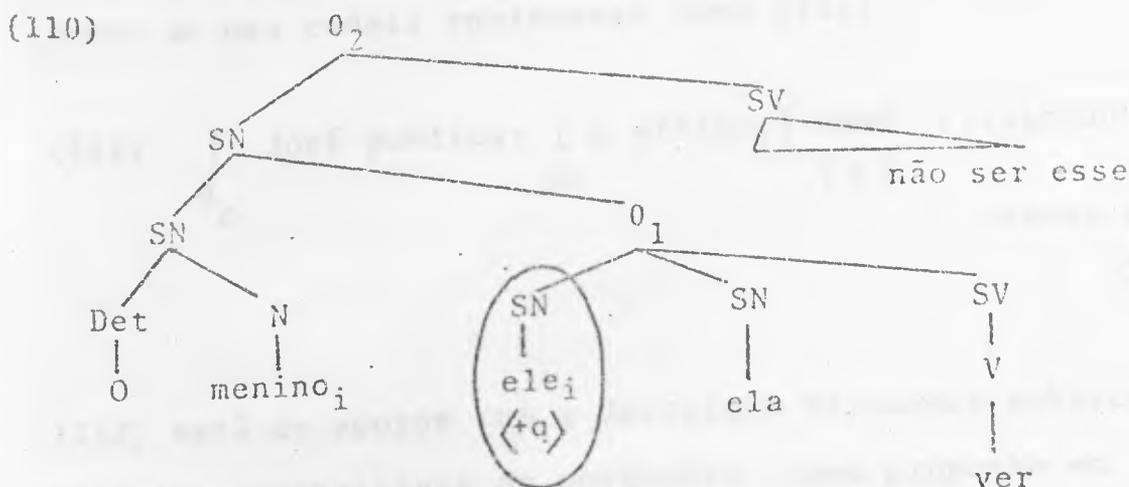
(108) O menino que ela viu não é esse

(109)



O primeiro passo é o transporte do SN para o lugar de COMP. [q]
⟨+q⟩

substituindo-o. Veja-se a estrutura (110):



Efetuada o movimento de SN, temos uma segunda etapa: a conversão deste num pronome relativo. O SN torna-se, neste caso, um pronome relativo, que será selecionado de acordo com os traços que substitui. No exemplo, a forma correspondente é que. Dessa forma temos (108), omitidos detalhes irrelevantes para o processo em discussão:

(108) O menino que ela viu não é esse

2. Uma proposta síntese

2.1. A relativização de SN's não-preposicionados

Observe-se a oração (111):

(111) José publicou o artigo que Cristóvão escreveu.

Para que se obtenha a estrutura de superfície (111), partiremos de uma cadeia subjacente como (112):

(112) [José publicar [o artigo_i [COMP Cristóvão escrever ele_i]]]
_{0₂} SN [q] <+q>

(112) está de acordo com a descrição da cadeia subjacente das relativas restritivas do português, como proponho em (113)

— regra de movimento do SN¹¹ <+q>

(113) X - [SN - [V - COMP Y SN - Z]] - W
 SN 0 <+q> ob
 1 2 3 4 5 6 7 8 ⇒
 1 2 3 6 5 ∅ 7 8

Condição: 2 = 6

Veja-se a correspondência entre (112) e a descrição estrutural de (113):

(114) [José publicar [o artigo_i [COMP Cristóvão escrever ele_i]]]
{0₂} X SN SN{0₁} COMP Y SN <+q>
 SN <+q>

Assim como proposta, (113) sintetiza alguns dos pontos discutidos nas seções anteriores, ou seja, a configuração do SN que contém a relativa, a co-referência dos SN's envolvidos no processo e a presença de <+q> e COMP na estrutura profunda das relativas restritivas.

Prosseguindo, então, com a derivação de (111), vemos que (112) apresenta a descrição adequada, para a aplicação de (113). Aí, então, o SN ^{<+q>} move-se para a posição de COMP, substituindo-o. É conveniente lembrar que o COMP contém, nesse caso, o traço [q], apesar de este, por convenção, não constar da formalização da regra. (Cf. Emonds (1976). Em (115), o movimento de SN já ocorreu.

<+q>

(115) [José₀₂ publicar [o artigo_{SN}₀₁ [ele₀₁ Cristóvão escrever]]]

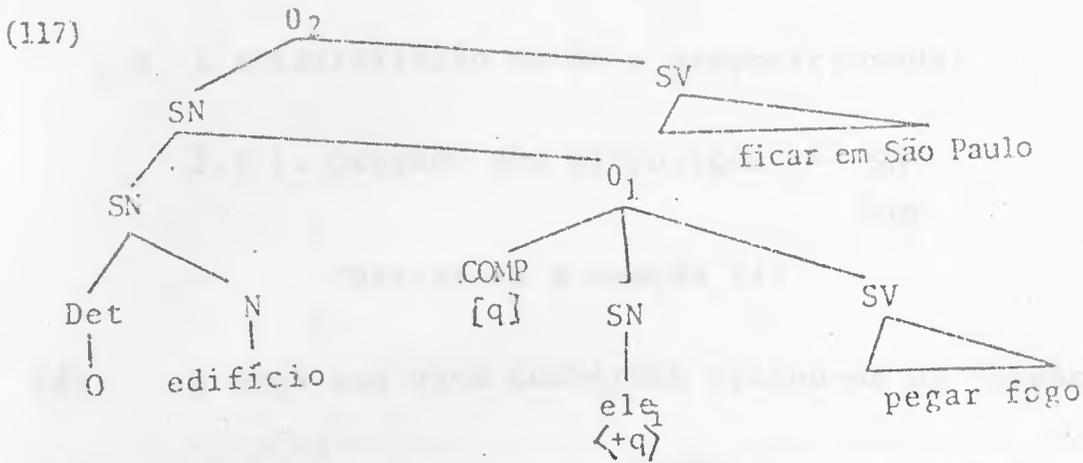
Cumprida a primeira etapa do processo de Relativização, ocorre, então, a conversão do SN em pronome relativo. Assim se chega a (111), omitidas, operações irrelevantes no momento.

(111) José publicou o artigo que Cristóvão escreveu.

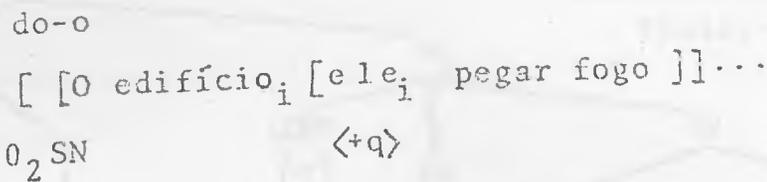
Observe-se que, em (111), a oração relativa é constituinte do objeto direto da principal. Já em (116), a oração relativa faz parte do SN sujeito:

(116) oração relativa
O edifício que pegou fogo, fica em São Paulo
SN sujeito

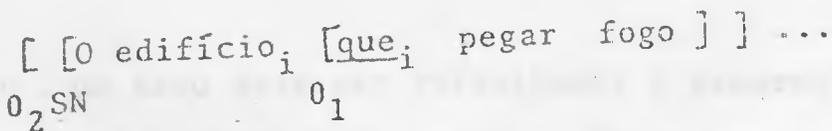
A estrutura profunda de (116) seria, aproximadamente, (117). Em (118), abaixo, enumero as operações que (117) sofre para chegar a (116):



(118) 1) Transporte do SN para a posição de COMP, substituindo-o



2. Superficialização de SN <+q>



(116) O edifício que pegou fogo fica em São Paulo

Nesta seção, examinamos a geração de duas orações

relativas, (111) e (116). Em ambas, o SN relativizado não vem precedido de preposição. A análise proposta aqui, refere-se, portanto a SN's não-preposicionados.

2.2. A relativização de SN's preposicionados

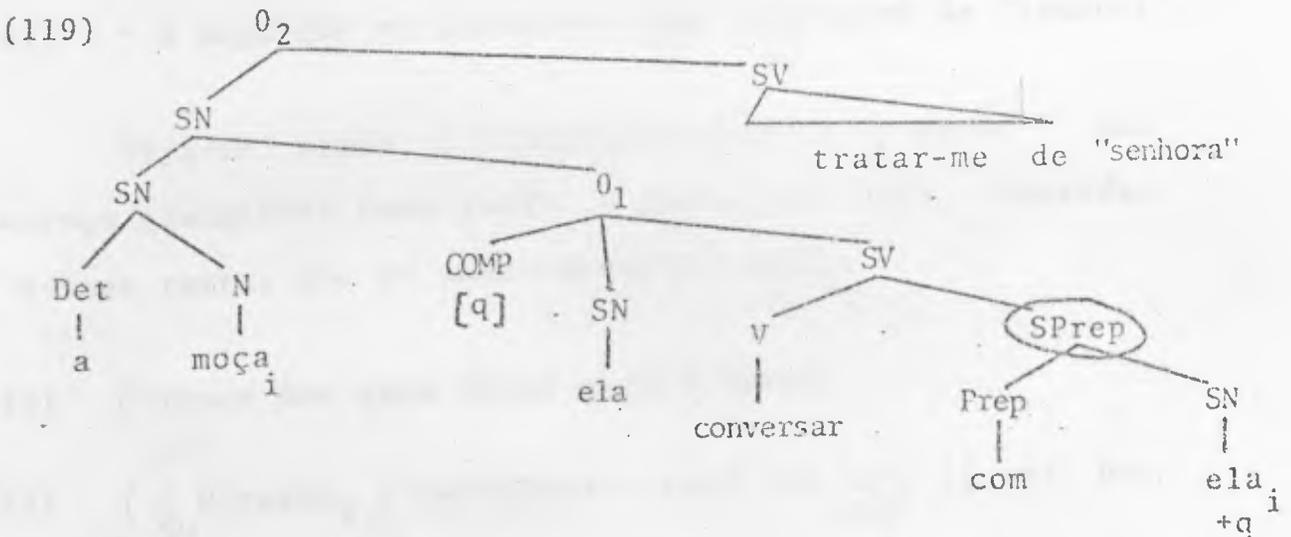
2.2.1. Orações com preposição + SN

<+q>

Observe-se a oração (4):

(4) A moça com quem conversei tratou-me de "senhora".

(4) tem, aproximadamente, (119) como estrutura profunda:



Aqui, um fato deve ser ressaltado: a presença da preposição com acompanhada do SN em 0₁. Esta estrutura é em tudo semelhante às estudadas na sub-seção anterior, excetuando-se, exatamente, apenas a presença da preposição em (119). Nesse caso o SN integra um SPrep. Vamos levantar a hipótese de que tal fato seja irrelevante para a aplicação da regra que move

melhante às estudadas na sub-seção anterior, excetuando-se, exatamente, apenas a presença da preposição em (119). Nesse caso o SN integra um SPrep. Vamos levantar a hipótese de que tal fato seja irrelevante para a aplicação da regra que move

SN. Assim sendo, as duas operações mostradas em (118) poderiam também ser utilizadas aqui: transportando-se o SN, ob-

temos a estrutura intermediária (120):

(120) $[[[A \text{ moça}_i \text{ }]_{0_2 \text{ SN}} [\text{ela}_i \text{ eu conversar com }]_{0_1 \text{ } \langle +q \rangle}]]$ tratar me de "senhora"

Em seguida, superficializado o SN e depois de outras regras que não vêm ao caso o resultado seria (121), agramatical:

(121) * A moça que eu conversei com tratou-me de "senhora".

Veja-se, ainda, a impossibilidade de se gerar uma sentença gramatical como (122), a partir de (123), adotadas as mesmas regras que se observaram até então:

(122) O rapaz com quem Sônia saiu é bonito

(123) $[[[O \text{ rapaz}_i \text{ }]_{0_2 \text{ SN}} [\text{COMP Sônia sair com ele}_i]_{0_1 \text{ } \langle +q \rangle}]]$ ser bonito]

Se aplicarmos a (123) a regra que transporta SN, obteremos a

estrutura intermediária (124):

(124) $[[[O \text{ rapaz}_i \text{ }]_{0_2 \text{ SN}} [\text{ele}_i \text{ Sônia sair com }]_{0_1 \text{ } \langle +q \rangle}]]$ ser bonito]

e dela derivaremos (125), que é, como (121), agramatical:

(125) * O rapaz que sônia saiu com é bonito.

Um exame mais cuidadoso de orações do tipo de (121) e (125) — que causam problemas para a hipótese apresentada — leva à descoberta de que o que as torna agramaticais é a existência de uma preposição isolada, no fim da oração relativa. A preposição que precede o SN — com — o qual forma um SPrep — foi deixada para trás, ao aplicar-se a Regra de Transporte de SN. O problema aqui é exatamente

<49>

este: no português formal, não é possível separar a preposição do SN a que se liga, quando este SN é movido.¹²

Esta observação é válida não apenas para orações relativas, mas também para as interrogativas, como observa Decat (1978). Orações como as de (126) e (127) são exemplo disso: quando a preposição não acompanha o movimento do SN, a oração resultante é agramatical, como (126c) e (127c):

(126) "a. Flávia estava falando com quem?

b. Com quem Flávia estava falando?

c. * Quem Flávia estava falando com?

(127) a. Você pensa que eu estava falando com quem?

b. Com quem você pensa que eu estava falando?

c. * Quem você pensa que eu estava falando com?"

Como foi visto no capítulo 1, seção 1.2.1., Ross (1967) estabelece (21), como um dos ambientes em que a "Pied Piping" se aplica:

(21) "Nenhum SN pode ser movido para fora do ambiente

[P —] "

SN

Ross (1967:118)

Este ambiente existe no alemão, francês, italiano, russo, finlandês. Parece-nos, então, que o português pode ser acrescentado à lista acima, dada a agramaticalidade das sentenças em que a preposição não acompanha o SN a que se liga, quando este é movido, como ocorreu, por exemplo, em (121) e (126c).

(121) *O rapaz que Sônia saiu com é bonito

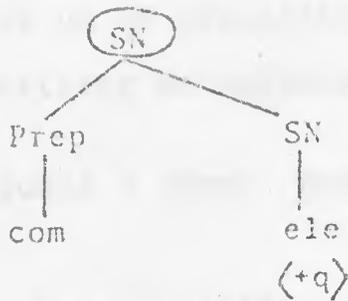
(126 c) *"Quem Flávia estava falando com?"

No entanto, temos uma diferença aqui: de acordo com (21), sintagmas como comSN, presentes na estrutura profunda

<q>

de (121), são analisados como SN's e não Sprep's. No presente trabalho estou adotando Sprep's e não SN's, para descrever estes constituintes. Veja-se, por exemplo, (119). No entanto, Ross considera constituintes como com ele como SN's

(128)



Assim, segundo Ross, o SN mais baixo, não pode ser movido para fora do SN mais alto, sem levar consigo a preposição com. Mas veja-se que Maia (1975), estudando a Interrogação e Relativização no português, reformula (21), mudando os símbolos categoriais nela envolvidos:

(129) "Nenhum NP pode ser movido para fora do ambiente

[P —] ."
PP

Maia (1975:119)

Também Decat (1978:21) postula que "... o movimento da preposição não resulta da aplicação de uma regra separada da que movimenta o SN_q, mas que se trata de uma única regra", no caso das orações interrogativas.

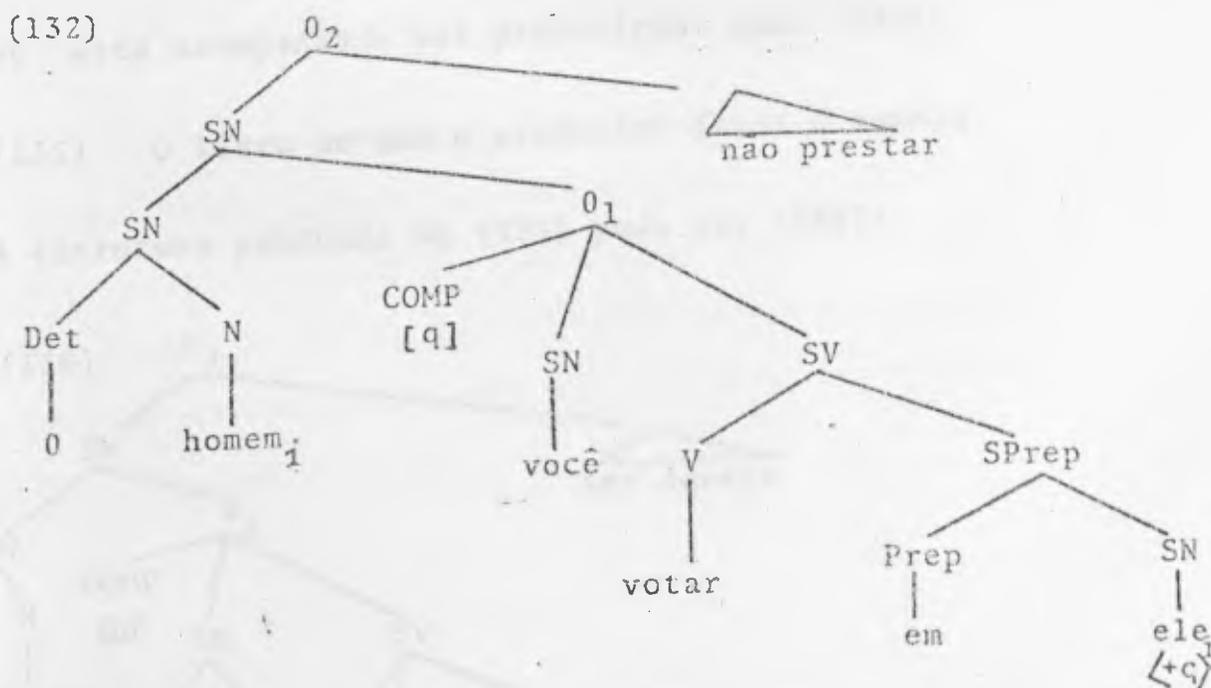
Todos esses fatos poderiam justificar, então, o estabelecimento de uma condição obrigatória para o português formal, que formulo da seguinte maneira:

(130) Se um SN especificado por uma regra de transporte, estiver no ambiente [P —], a regra levará em conta o SPrep que o domina.

Uma condição como (130) daria conta de casos como a Relativização e a Interrogação, que envolvem regras de transporte e cujos SN's especificados para o movimento podem vir acompanhados por uma preposição. Examinemos, então, a formação de (131), a fim de testar uma vez mais, a validade dessa condição:

(131) O homem em quem você votou não presta

A estrutura (132), concernente a (131), apresenta um SN em 0_1 : $\langle +q \rangle$



O transporte do SN levará junto a preposição em, conforme a condição (130).^{<+q>} Será, assim, obtida a estrutura intermediária (133):

(133) [[O homem_i [em ele_i você votar]] não prestar]
_{0₂} SN _{0₁} <+q>

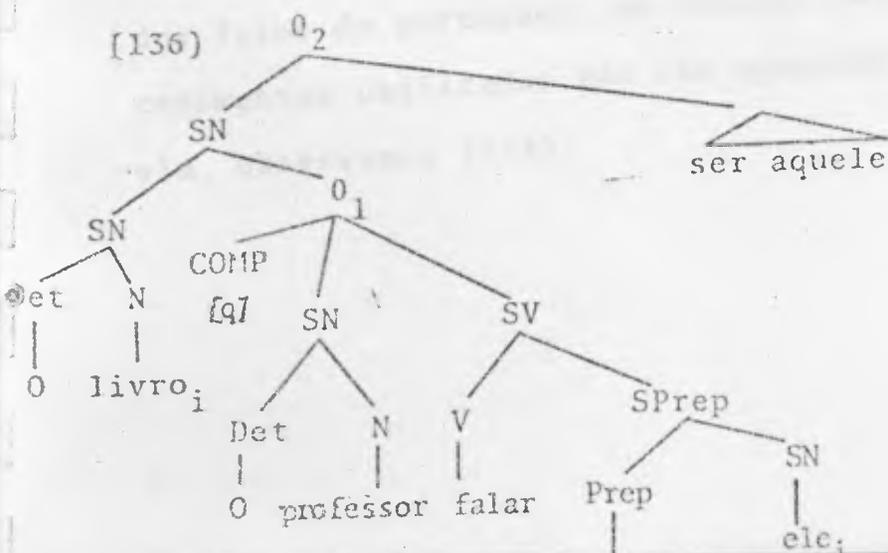
Transportado o constituinte adequado, o SN pode-se converter no pronome relativo correspondente quem ou que¹³, e se chega, então, à oração gramatical (131). Se o constituinte deslocado for apenas o SN como proposto pela regra (113),
 <+q>
 o resultado é agramatical em português:

(134) * O homem que você votou em não presta.

Veja-se ainda outra sentença, cujo pronome relativo está acompanhado por preposição, como (135).

(135) O livro de que o professor falou é aquele.

A estrutura profunda de (135) pode ser (136):



Como o SN vem acompanhado pela preposição de esta também
<+q>
é transportada para a posição de COMP, segundo a condição
(130), dando (137):

(137) [[O livro_i [de ele_i o professor falar]] ser aquele]
0₂ SN 0₁ <+q>

De (137), chega-se a (135), estrutura bem formada do português.

Portanto, no presente trabalho, serão adotadas, para a formação das relativas restritivas formais, na etapa concernente ao transporte dos constituintes adequados, a regra (113), acrescida da condição (130), conforme vimos nesta seção.

2.2.2. Orações com cujo e suas variantes

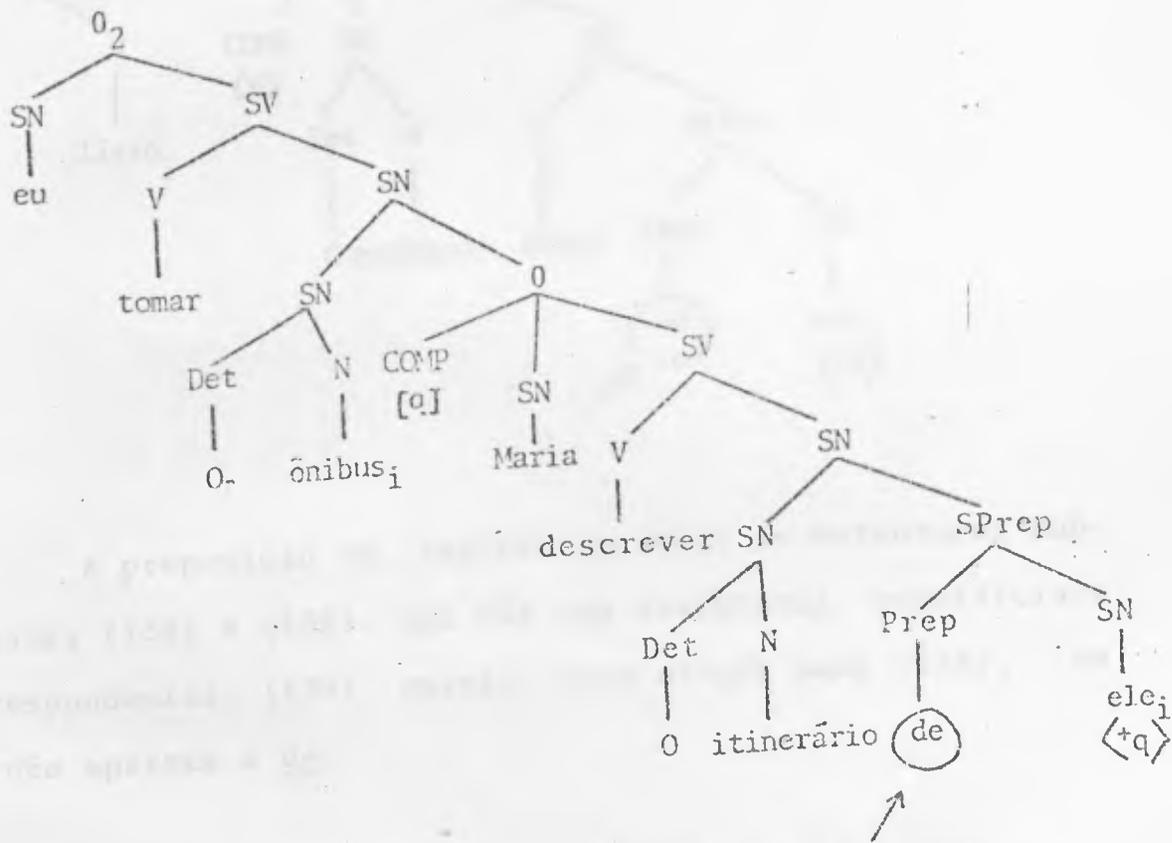
Vimos até aqui que a regra (113), acrescida da condição (130), para SN's acompanhados por preposição, pôde gerar todos os exemplos analisados. Um exame mais detalhado dos fatos do português, no entanto parece sugerir que os procedimentos utilizados não são adequados a todos os casos. Assim, observemos (138):

(138) Tomei o ônibus cujo itinerário Maria descreveu

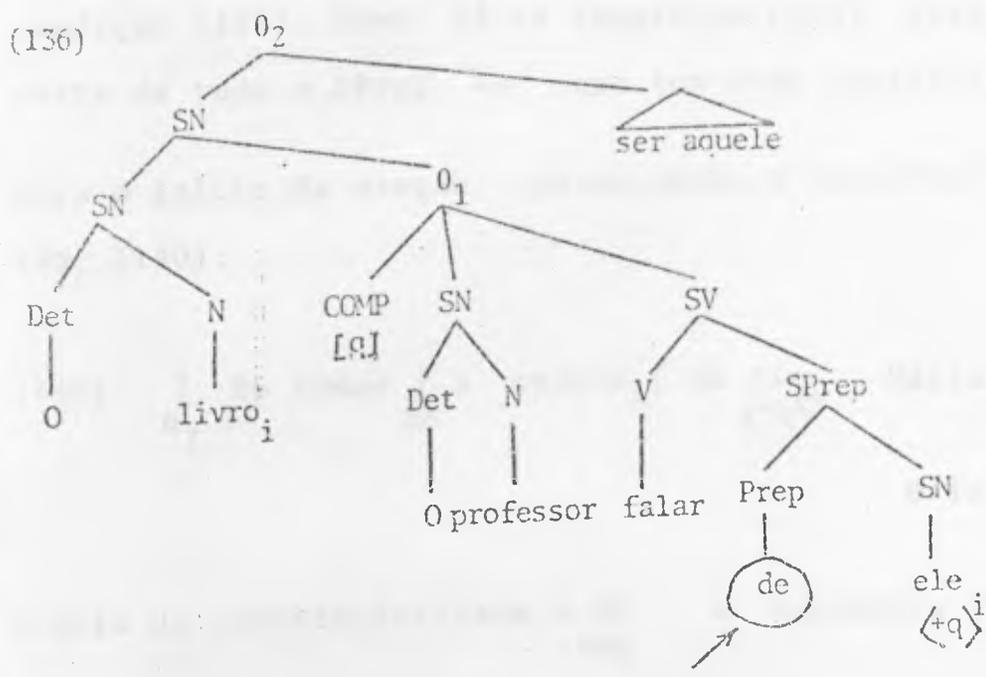
(138) apresenta o pronomo relativo cujo; que não havia aparecido anteriormente. Na possível estrutura subjacente (139), pode-se observar a presença da preposição de, acompanhando

o SN
<+q>

(139)



(139) é semelhante a estruturas que examinamos anteriormente, em que aparece uma preposição de acompanhando o SN. Seria o caso de (136), por exemplo, que repito aqui:



A preposição de aparece em ambas as estruturas subjacentes (136) e (139), mas não nas estruturas superficiais correspondentes. (139) culmina numa oração como (138), em que não aparece o de:

(138) Tomei o ônibus cujo itinerário Maria descreveu

Já (136) tem como estrutura de superfície (135), que apresenta o de antecedendo o relativo:

(135) O livro de que o professor falou é aquele.

Uma vez que (139) é semelhante a (136) — no que diz respeito à presença do de acompanhando o SN — vejamos se podemos seguir o mesmo procedimento que deu conta de gerar (135) corretamente, isto é, a regra (113), acrescida da condição (130). Como já se comprovou (130) leva ao transporte de todo o SPrep — que tem como constituinte o SN — para o início da oração. Neste caso, o resultado seria, então, (140):

(140) [Eu tomar [o ônibus_i [de ele_i Maria descrever
_{0₂} SN <+q>_i o itinerário]]]

Depois de superficializado o SN a estrutura resultante seria (141), e não (138).

(141) Tomei o ônibus { de que Maria descreveu o itinerário.
do qual

O mesmo pode ser verificado com (142):

(142) Comprei a tinta cuja marca o pintor recomendou..

(142) viria de uma estrutura como (143), aproximadamente:

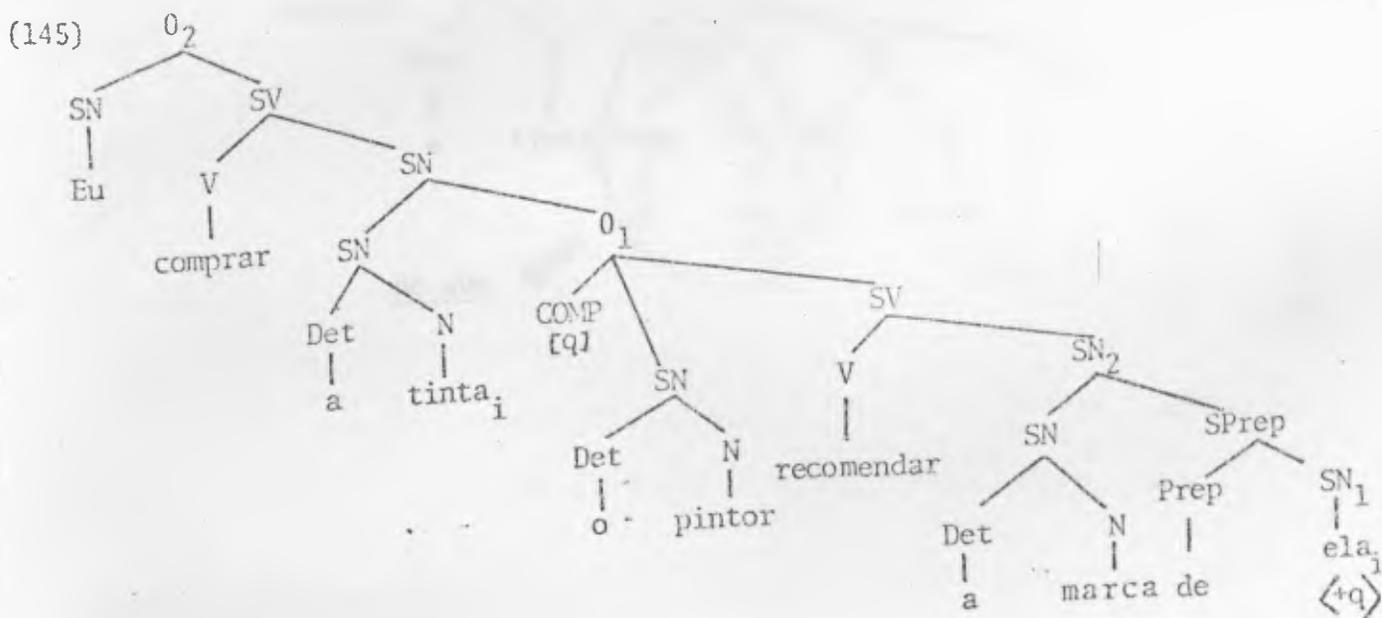
(143) [Eu comprar [a tinta_i [COMP o pintor recomendar
_{0₂} SN _{0₁} a marca de ela_i]]]
<+q>_i

Como o SN vem precedido pela preposição de, ela também é
<+q>

movida para a posição de COMP, junto com ele. Assim, de. (143)
resultará (144), mas não (142):

(144) Comprei a tinta {de que o pintor recomendou a marca.
da qual

Observemos, mais uma vez, a estrutura subjacente (142);
que repito sob forma de diagrama como (145):

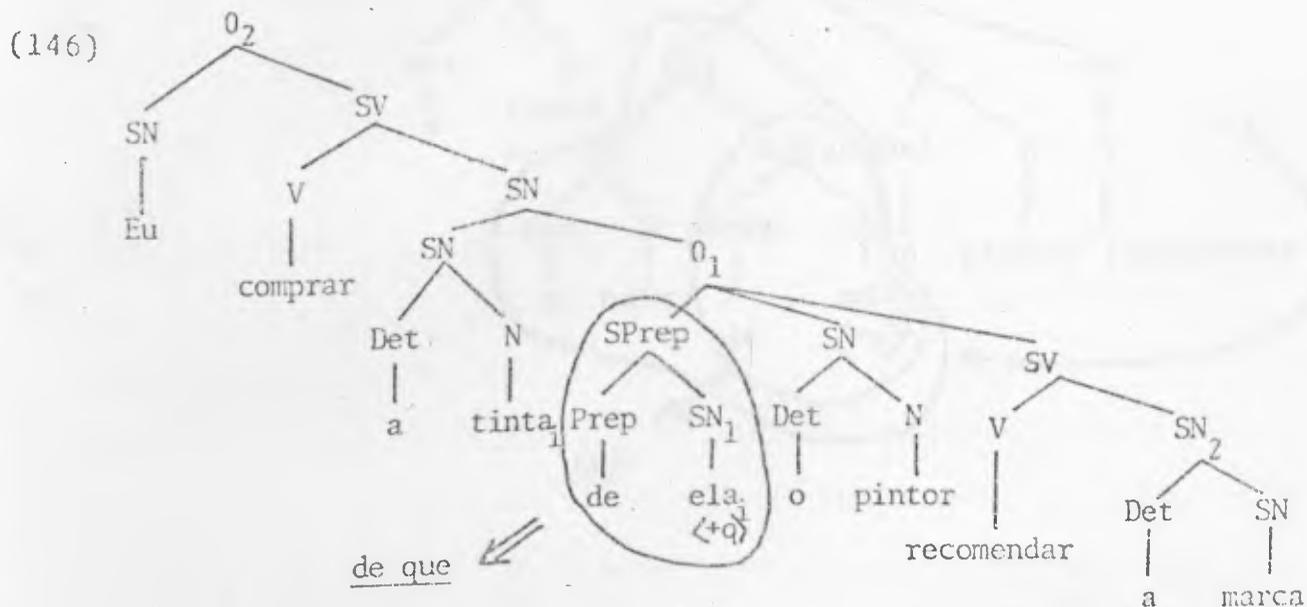


Caso se movimente o SPrep de ela, para a posição de COMP, <+q>

o resultado será uma oração com de que, como acabamos de ver.

Repito o movimento deste SPrep sob forma de diagrama. Veja-se

(146):

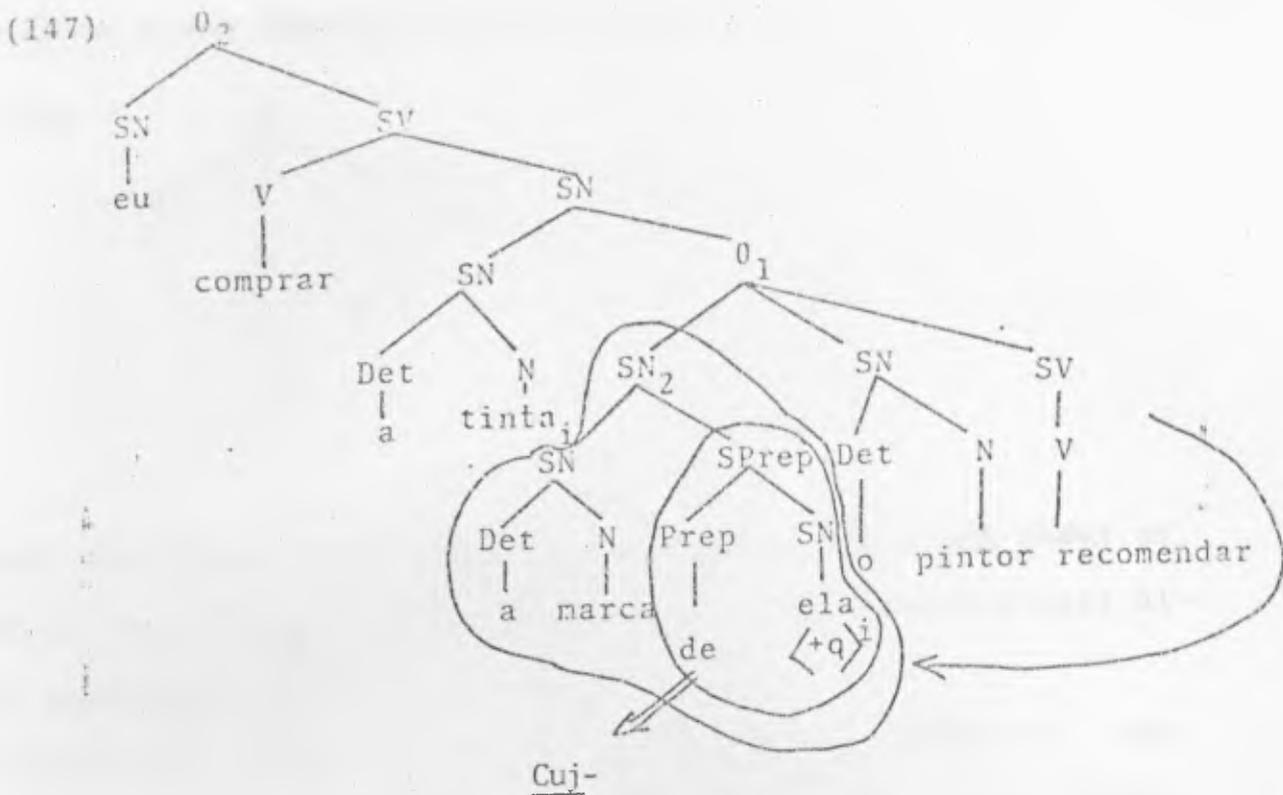


Observe-se novamente (145). Veja-se que existe ain-

da um outro SN — SN₂ — dominando o SPrep onde SN se <+q>

contra. Suponhamos, então, que a primeira etapa da Relati-

vização desloque para frente este SN maior. O resultado seria (147):

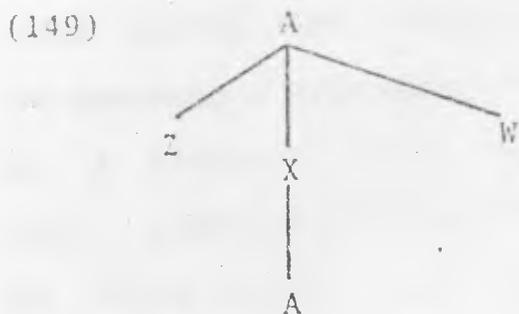


Este movimento é perfeitamente possível e segue o princípio do A - sobre - A, assim formulado por Chomsky (62)¹⁴:

(148) "Se uma frase X da categoria A está encaixada dentro de uma frase maior Z X W que é também da categoria A, então nenhuma regra que se aplique à categoria A se aplica a X (mas somente a Z X W)"

Chomsky, (1962) - apud (Ross(67:9)

Veja-se a sua configuração em (149):



Pelo enunciado de tal princípio deduz-se, pois, que todas as transformações que se referem a A devem se aplicar à mais alta ocorrência de A.

Assim, (147) é uma estrutura intermediária possível, e, na verdade, de acordo como A - sobre - A, deveria ser a única estrutura resultante da aplicação do transporte de $\begin{matrix} SN \\ \langle +q \rangle \end{matrix}$. Mas há (144), e, como vimos, para se chegar a ela, SN_1 — levando a preposição — é que foi transportado e não SN_2 .

(144) Eu comprei a tinta { de que o pintor recomendou a
da qual marca.

O problema está em que, nesse caso, violamos o A - sobre- A.

Se (141) e (144) são aceitas como sentenças do português:

(141) Tomei o ônibus { de que Maria descreveu o itinerário
do qual

— ainda que pouco naturais —, então o princípio do A - sobre-A deverá ser abandonado, em favor de outro mecanismo, que propicie o transporte dos nódulos adequados. Acreditamos que a convecção "Pied Piping" daria conta desse transporte, guardada a restrição (130). Repito aqui a convenção "Pied Piping", já mencionada no capítulo I.

- (18) "Qualquer transformação que é enunciada de tal modo que tenha por efeito a reordenação de algum nódulo especificado SN, onde esse SN seja precedido e seguido por variáveis na descrição estrutural da regra, pode aplicar-se a este SN ou a qualquer outro SN não coordenado que o domine, se não houver nenhuma ocorrência de nódulo coordenado e nem de nódulo 0 no ramo que liga o nódulo mais alto ao nódulo especificado"

Assim como Maia (1975), não interpretarei Prep + SN como SN, mas sim como SPrep. Portanto, utilizarei aqui a adaptação de (18) por ela sugerida.¹⁵

- (150) "As transformações de interrogação e relativização podem aplicar-se a SN's ou SPrep's que dominem, embora não imediatamente, o SN especificado para essas transformações" (...)

Dessa forma, o deslocamento de SN_2 , em (145) é garantido, resultando numa estrutura com cujo, e também o de SPrep, dando uma oração com de que :

(142) Comprei uma tinta cuja marca o pintor recomendou

(144) Comprei uma tinta de que o pintor recomendou a marca.

É importante ressaltar que, mesmo com a adaptação (150) de "Pied Piping", para gerar (142) e (144), a condição (130) continua prevalecendo, e permite a exclusão de estruturas em que a preposição não acompanha o deslocamento do SN ao $\langle +q \rangle$ qual se liga, como (151):

(151) *Comprei uma tinta que o pintor recomendou a marca de.

Observemos agora (152):

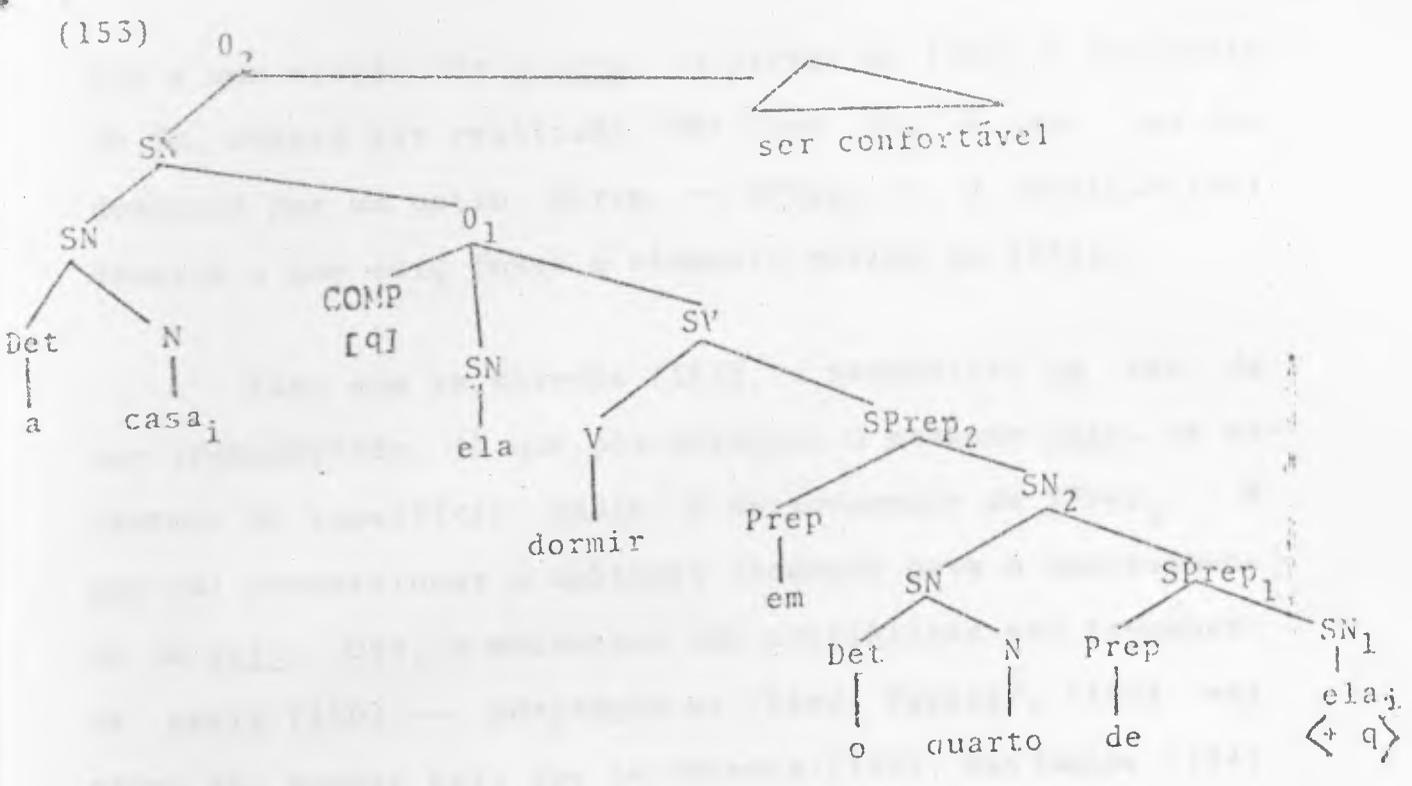
(152) A casa em cujo quarto ela dormiu é confortável.

A diferença entre (152) e (142), reside no fato de, em

(142) Comprei uma tinta cuja marca o pintor recomendou.

(152) o pronome cujo vir precedido de uma preposição.

Em (142) isso não ocorre. A estrutura profunda de (152) também mostra a presença do em:



Sendo o SN precedido de uma preposição, aplicar-se-ia, no caso, a condição (130) que diz ser necessário mover SPrep₁ que domina SN. Teríamos, com isso, (154) e não (152):

(154) A casa {de que ela dormiu no quarto é confortável.
 {da qual

Apesar de bem pouco natural, (154), é uma estrutura possível no português — pelo menos assim julgaram-na os falantes consultados.

Conforme vimos com os exemplos (142) e (144), para se che-

gar a uma oração com o cujo, a partir de (153) o movimento de SN_2 deverá ser realizado. Mas como SN_2 é, por sua vez, dominado por um outro S_{Prep} — S_{Prep}_2 — a condição (130) levaria a que este fosse o elemento movido em (153).

Para que se obtenha (152), a preposição em tem de ser transportada, já que ela antecede o pronome cujo, na estrutura de superfície. Assim, o deslocamento de S_{Prep}_2 é que vai proporcionar o ambiente adequado para o aparecimento do cujo. Ora, o mecanismo que possibilita seu transporte seria (150) — adaptação da "Pied Piping". (150) vai atuar não apenas para que se obtenha (152), mas também (154)

(152) A casa em cujo quarto ela dormiu é confortável.

(154) A casa {de que ela dormiu no quarto é confortável.
 {da qual

Assim, (150) possibilita o movimento de S_{Prep}_1 e de S_{Prep}_2 , em (153). Mas também neste caso, a condição (130) é válida, evitando estruturas em que a preposição não é deslocada, como em (155) e (156):

(155) * A casa o quarto {de que ela dormiu em é confortável.
 {da qual

(156) * A casa que ela dormiu no quarto de é confortável.

Examinamos nesta seção como se dá o transporte de

SN para formar orações com cujo e suas correspondentes
<+q>
com de que. Vimos que, nesses casos, o movimento do SN
<+q>

co-referente de 0_1 , como propõe a regra (113), não conduz ao resultado desejado. Portanto, para que tais estruturas sejam geradas, o nóculo deslocado deverá ser um nóculo que domina (direta ou indiretamente) o SN. Vimos, então, que o mecanismo que possibilita este movimento é uma adaptação da convenção "Pied Piping", e que continua sendo necessária a condição (130). As outras transformações necessárias para o aparecimento do cujo serão tratadas na sub-seção seguinte. Examinamos aqui apenas o deslocamento dos constituintes subjacentes a este pronome.

2.2.3. cujo — um pronome de natureza relativo-possessiva.

Nas sub-seções anteriores, considerei que as orações em que figura o pronome cujo e suas variáveis são orações relativas e que, para que elas sejam formadas, uma das etapas necessárias é o transporte de constituintes — SN ou SPrep — que dominam o nóculo marcado com q^- . Julgo que, até essa etapa, isto é, o transporte de constituintes, os procedimentos para a formação dessas orações pertencem ao processo geral de Relativização. As etapas subse-

quentes seriam comuns às de formação de pronomes possessivos. Voltemos, mais uma vez, a (152)

(152) A casa em cujo quarto ela dormiu é confortável

A estrutura intermediária subjacente a (152) seria (157), na qual o SPrep mais alto foi transportado e ocupa o lugar de COMP. Veja-se:

(157) [[A casa_i [em que o quarto de ela_i ^{cuj-} ela dormir]] ser
 0₂ SN <+q> confortável]

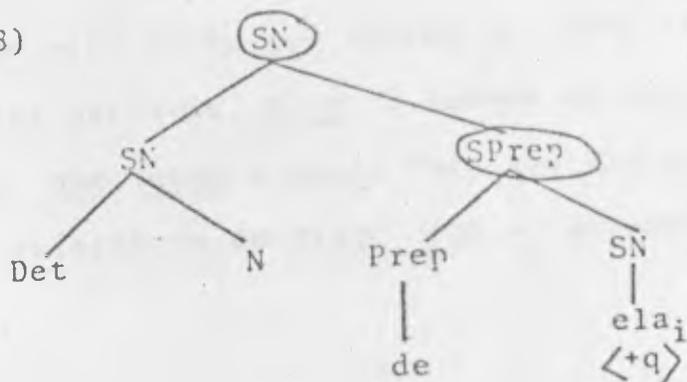
Podemos observar que o SPrep de ela, ou melhor, o SN precedido da preposição de, é que vai-se transformar, na superfície, em cujo. A preposição de estará sempre presente na estrutura profunda do cujo. Por exemplo, em (142), também o pronome cuja procede de uma estrutura com de:

(142) Comprei a tinta cuja marca o pintor recomendou.

(143) [Eu comprar [a tinta_i [COMP o pintor recomendar
 0₂ SN a marca de ela_i]]]
 cuj- ←

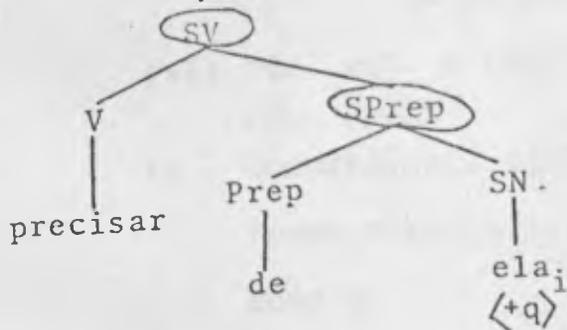
A estrutura em que este pronome aparece pode ser descrita como se vê em (158):

(158)



O nódulo que domina o SPrep que contém de tem de ser um SN. Ou, melhor dizendo: o SPrep que se transforma em cujo é constituinte de um SN. Se o nódulo que domina este SPrep não for um SN, não será possível o aparecimento do cujo. Veja-se isso em (159):

(159)



Mesmo sendo (159) parte da estrutura profunda de uma oração relativa, o SPrep de ela não se transformará em cujo, pois o nódulo que domina é SV e não SN. Poderíamos ter, a partir daí, por exemplo, (160)

(160) A empregada de que Maria precisa está doente.

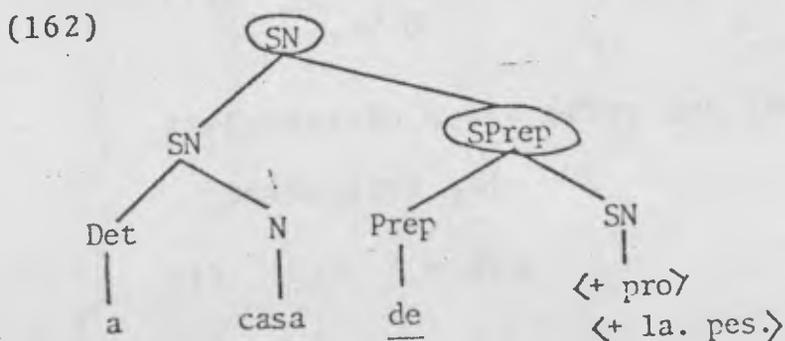
Ainda outro aspecto importante a ressaltar é o de

que este SPrep que contém de deve também dominar SN. Em outras palavras, cujo é também um pronome relativo, assim como que, quem e qual. Para que ele seja gerado, é necessária a existência do traço <+q> - associado ao SN co-referente de ₀₁.

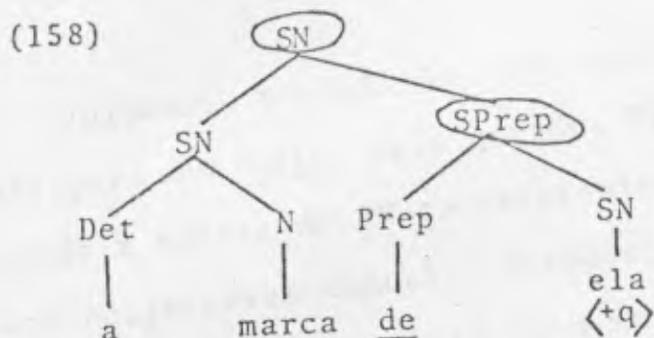
Além destes pontos, que caracterizam o cujo como um relativo, acredito que ele é também um pronome possessivo, já que sua formação engloba procedimentos típicos da formação de possessivos, a saber¹⁶:

- (161) 1º - A anteposição do SPrep de ... ao SN que modifica, como seria em
- (i) a casa "de eu"
 - <+ 1a.pess>
 - (ii) "de eu" a casa
 - +<1a. Pess.>
- 2º - Concordância deste SPrep anteposto — já em sua forma superficial — com o N que modifica, como em
- (i) minha casa

O SN "a casa de eu" pode ser descrito, sob forma de diagrama, como (162):



Observe-se que (162) é semelhante a (158), estrutura subjacente que dá origem ao cujo, exceto no que se refere à presença do $\langle +q \rangle$ nesta última. Ou seja, existe, em ambas, uma preposição de, contida num SPrep, que é, por sua vez, dominado por um SN:



Vejamos, então, como seria a formação do relativo/possessivo cujo, partindo de (158) e adotando os procedimentos típicos da formação de possessivos, apresentados em (161):

(163) 1º-Anteposição do SPrep de SN $\langle +q \rangle$ ao SN...

Assim:

(i) a marca "de ela"
 $\langle +q \rangle$

(ii) "de ela a marca"
 $\langle +q \rangle$

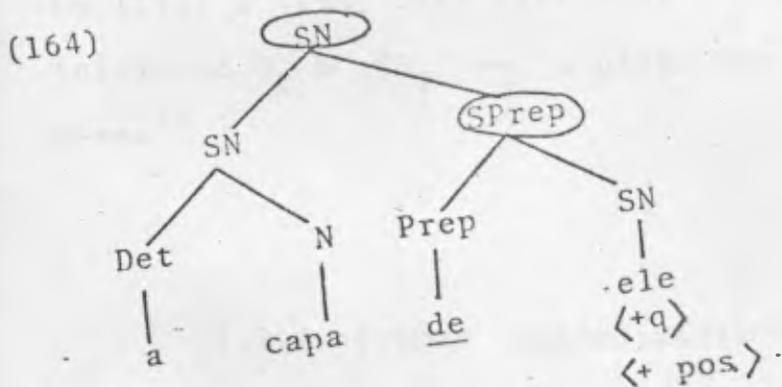
2º- Conversão deste SPrep que contém $\langle +q \rangle$, no relativo/possessivo cuj-

(i) cuj- a marca

3º- Concordância do relativo/possessivo cuj- com o SN que acompanha, em gênero e número, desaparecendo o artigo

(i) cuja marca

Julgamos, no entanto, que algo deve ser acrescentado a (165) para que cujo seja gerado. Trata-se do traço <+pos>, acrescido à matriz do SN co-referente. Assim como na formação dos possessivos comuns. Então os requisitos para a formação do relativo/possessivo cujo seriam os seguintes, resumidos no diagrama (164):



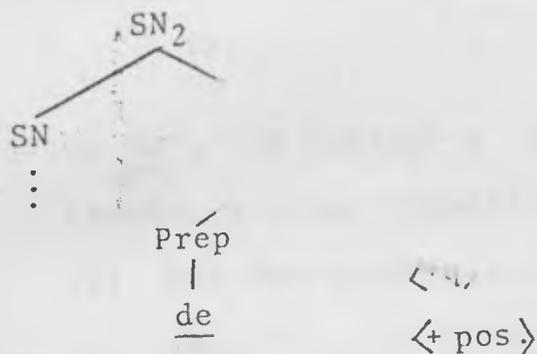
Remanescente desta sub-seção e da anterior — que trata também das orações com cujo — é a seguinte pergunta: porque cujo (a) não aparece em estruturas como (144) e (154)?

- (154) A casa { de que ela dormiu no quarto é confortável
da qual
- (144) Comprei a tinta { de que o pintor recomendou a marca.
da qual

Parece-me que, pelo nome cujo é um modificador que ele acompanharia, pois não são movidos para o início do ambiente adequado para a peça, é necessário que como se vê em (165):

ral, o pro-
ados, os SN's
a de (163),
ndo, portanto,
a que tal aconte-
um todo, assim

(165)



Em (144) e (154) essa estrutura é partida, ficando o SPrep no início de O_1 e SN_2 — a parte que restou — no final da mesma¹⁷.

2.2.4. Formas superficiais de SN $\langle +q \rangle$

Um dos problemas que se pode depreender das seções anteriores refere-se à forma do pronome relativo a ser tomada pelo SN. Este SN marcado torna-se um relativo através de regras $\langle +q \rangle$ morfofonêmicas e não é meu objetivo discutí-las. Pretendo apenas registrar alguns aspectos que talvez possam ser pertinentes, para uma análise como a desenvolvida neste trabalho. Arrolamos estas considerações sob o

número (166):

(166) a- Todos os SN's que contêm o traço <+q> no processo de Relativização podem tomar a forma superficial que

(i) O secador que ela ganhou é verde

(ii) Os meninos que brincam com o Daniel quebraram a vidraça

(iii) Ela nem conhece o escritor de que tanto gosta.

b- Os SN's <+ humano> e <+ preposicionado> admitem, também, a forma superficial quem:

(i) Ela nem conhece o escritor de quem tanto gosta

(ii) Não conheço a pessoa em quem votei.

c- Para SN's preposicionados, a forma qual também é possível:

(i) As meninas com as quais ela brinca são boazinhas

(ii) Este é o carro sobre o qual lhe falei ¹⁸

3. Conclusão

Resumirei em (167), as principais conclusões a que cheguei, da discussão da formação das orações relativas restritivas do português formal, levada a efeito neste capítulo:

h- O pronome cujo (a) é considerado como possessivo, além de relativo.

NOTAS

1. Os índices i marcam a co-referência
2. Rosenbaum considera a descrição SN \rightarrow Det, N, O adequada às orações completivas nominais. Cf. seção 1.2.3 do presente trabalho.
3. Na verdade, estamos fazendo uma aproximação da estrutura profunda ressaltando apenas aqueles aspectos relevantes para a Relativização.
4. Sobre o caráter de determinante do cujo, discutiremos mais adiante.
5. Parece-nos que o problema da identidade, ou co-referência do SN's envolvidos na Relativização, envolve outros aspectos não considerados. Veja-se, por exemplo, que em uma oração como

(i) ["Eu quero [uma mulher [que seja diferente"]]

0_2 SN 0_1

O que, de 0_1 , parece não ser co-referente do SN antecedente uma mulher. Na verdade, talvez o conceito de co-referência não se aplique a estes casos, sendo pre-

ferível o uso do termo anáfora, por ser mais geral.

6. Não pretendo estender-me na proposta de Jackendoff, uma vez que sua abordagem é mais semântica do que sintática. A adoção de suas propostas acarretaria uma mudança total na orientação do presente trabalho que é, predominantemente, sintática.
7. Orações representantes da fala informal como (86) serão discutidas no capítulo III. A referência a elas agora é apenas uma justificativa para a adoção ou não do traço $\langle +q \rangle$.
8. Na verdade, Emonds (1976) não explicita em que etapa da Relativização este "that" é introduzido. Nos exemplos dados (p. 143) já aparece o "that" e a estrutura assim configurada, está, segundo o autor, em estágio de Pré-Relativização. Ele não explicita, portanto, qual sua estrutura profunda das relativas, mas coloca-as já numa estrutura intermediária, da qual consta o "that".
9. Não é meu objetivo discutir em detalhes a hipótese da cópia, como, por exemplo, no que respeita à presença ou não do q em (102), ou mesmo sobre a possibilidade de se copiar apenas o q e não o SN total. Estou adaptando e adotando, sem discussão a hipótese de Perlmutter, para o português.

18. Não incluí em (166) as orações com qual não acompanhadas por preposição; pois os falantes consultados foram unânimes em não aceitá-las.

*(i) O menino o qual eu vi era louro

Não incluí também aquelas com o pronome cujo, que, como visto, é um caso especial.

CAPÍTULO III

Orações Relativas no Registro Informal

1. Considerações Gerais

No segundo capítulo, foram examinadas orações relativas restritivas do português formal e admitiu-se para as mesmas uma análise segundo a linha transformacional. Dentre os vários tipos de sentenças observados, serão retomados neste capítulo especialmente aqueles em que uma preposição acompanha o pronome relativo, na superfície, como (4) e (122)

(4) A moça com { que conversei tratou-me de "senhora"
 { quem

(122) O rapaz com { quem Sônia saiu é bonito
 { que

Observe-se a presença da preposição com precedendo o pronome relativo, tanto em (4) como em (122). Estas orações seriam o resultado da aplicação de uma regra de transporte, que move um constituinte — SN ou o SPrep que o domina

<+q>

— para o início da oração encaixada, na posição de COMP, caso este SN seja co-referente a outro SN no qual a oração se encaixe como relativa. Repetirei aqui a análise proposta para (4), como exemplo da hipótese levantada no capítulo II, chamando atenção para aqueles aspectos que serão pertinentes à discussão a ser desenvolvida no presente capítulo. Para tanto, retomarei a regra (113) e a condição

(169) $\left[\begin{array}{c} \left[\begin{array}{c} \text{A moça}_i \\ \text{SN} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{com ela}_i \\ \langle +q \rangle \end{array} \right] \text{ eu conversar } \end{array} \right] \text{ tratar-me de } \\ \text{"senhora"}]$

Depois do deslocamento do SPrep, dá-se a transformação do SN em relativo e — ocorridas outras operações não relevantes para a nossa discussão — chega-se a (4):

(4) A moça com $\left\{ \begin{array}{l} \text{quem conversei tratou-me de "senhora"} \\ \text{que} \end{array} \right.$

Paralelamente a esses tipos de oração, como (4) e (122), existem ainda outros, presentes na fala coloquial brasileira, dos quais temos como exemplo (170):

(170) a. A moça que eu conversei com ela me tratou de "senhora".
 b. A moça que eu conversei me tratou de "senhora" ¹

Vejam-se também as estruturas abaixo:

(171) a. O rapaz que Sônia saiu com ele é bonito.
 b. O rapaz que Sônia saiu é bonito.

Assim como no caso de (170), as orações em (171) são de um registro não-formal e correspondem a (122), do registro formal:

(122) O rapaz com $\left\{ \begin{array}{l} \text{quem Sônia saiu é bonito} \\ \text{que} \end{array} \right.$

Voltemos, mais uma vez, à estrutura (168):

(168) $\left[\begin{array}{c} 0_2 \\ \text{SN} \end{array} \left[\text{A moça}_i \left[\text{COMP eu conversar com ela} \right] \right] \right]$ tratar-
 $\langle +q \rangle$
me de "senhora"]

Como acabamos de comprovar, a partir de (168), considerando-se que (113) e (130) são obrigatórias, apenas (4) seria gerada. Não poderíamos obter (170), adotando os mesmos procedimentos. Veja-se que (170a) possui uma preposição acompanhando o SN ela, no final de 0_1 ; ora, aplicados os mecanismos acima atados, a preposição deveria acompanhar o movimento do SN. Assim, tanto a presença da preposição com,
 $\langle +q \rangle$
quanto a existência do pronome ela, ficariam sem explicação em (170a).

(170)a. A moça que eu conversei com ela me tratou de "senhora".

O mesmo é válido para (170b): tendo (168) como estrutura profunda, não se chega a (170b). Observe-se que (170b) não apresenta nenhuma preposição, nem acompanhando o que no início de 0_1 , nem no final da mesma.

(170b) A moça que eu conversei me tratou de "senhora".

Portanto, a análise proposta para as orações formais não dá conta de gerar suas correspondentes informais. Apre-

sentarei, a seguir, duas possíveis hipóteses de análise para as orações coloquiais dos tipos apresentados em (170) e (171).

2. Primeira hipótese: que como complementizador

Emonds (1976) examina sentenças semelhantes às de (171), no inglês. As orações inglesas correspondentes a (171) seriam (34) e (38), respectivamente.

(171)a. O rapaz que Sônia saiu com ele é bonito

b. O rapaz que Sônia saiu é bonito

(34) "The friend (that I spoke to him) drove away"

'O amigo (que eu falei com ele) foi embora'

(38) "The friend (that I spoke to) drove away"

*'O amigo (que eu falei com) foi embora'

Como se pode observar, (38) não corresponde exatamente à oração (171b), pois o português não admite uma preposição isolada no fim de uma oração².

Segundo Emonds, (34) estaria num estágio por ele denominado Pré-Relativização. Nesta etapa — (34) — como se pode ver, aparece o elemento "that". O autor reconhece no

entanto, que, na posição de "that", deveria constar o nó-dulo COMP, portanto, numa estrutura profunda anterior à descrita em (34). Mais tarde esse "that" seria introduzido por uma transformação. Depreende-se do seu texto, quanto a este aspecto, que ele não postula a estrutura profunda das orações relativas, mas que considera (34) uma estrutura intermediária, em estágio de Pré-Relativização, não entrando em detalhes sobre operações que possam ter ocorrido antes.

Assim, a partir de (34), dois caminhos diferentes são possíveis: pode-se inserir o traço "Wh" no SN "him" e transportá-lo — levando junto a preposição "to" — para início da oração encaixada, transformando-se este num relativo, como se vê em (36 ii)

(36) (ii) "The friend (to whom I spoke) drove away"

'O amigo (com quem eu falei) foi embora'

Outra estrutura possível é (37), em que apenas o SN marcado com "Wh" foi transportado, sobrando a preposição to

(37) "The friend (who I spoke to) drove away"

*'O amigo (quem eu falei com) foi embora'

Não sendo inserido o traço "Wh", (34) pode ficar como está; ou então pode ocorrer a supressão do SN "him" co-

referente ao SN "the friend". Assim teríamos (34) ou (38):

(34) "The friend (that I spoke to him) drove away"
'O amigo (que eu falei com ele) foi embora'

(38) "The friend (that I spoke to) drove away"
'* O amigo (que eu falei com) foi embora'

Vejamos, agora, como a proposta de Emonds se aplicaria aos dados do português: teríamos, em (171a)

(171)a. O rapaz que Sônia saiu com ele é bonito.

uma estrutura em estágio de Pré-Relativização. Nesse estágio aparece o pronome ele. Colocaremos o COMP no início da oração encaixada, indicando que, mais tarde, ele será substituído pelo que.

(172) O rapaz_i (COMP Sônia saiu com ele_i) é bonito.

A partir daí existem duas possibilidades: pode haver a inserção do q- como traço do SN elè, e, em seguida a aplicação de Anteposição de q, movendo-se todo o SPrep para o início da oração encaixada; depois, tornando-se o SN marcado um relativo, chega-se a (122), sentença do português formal:

(173) O rapaz (que Sônia saiu com ele) é bonito.
(^q)

(122) O rapaz com {quem Sônia saiu é bonito
 {que

Como uma segunda possibilidade, não se aplicam Inserção de q e Anteposição de q e, ou (171a) permanece como está — ocorrendo apenas a mudança do COMP em que, ou desaparece o SPrep com ele

(171) a. O rapaz que Sônia saiu com ele é bonito
 b. O rapaz que Sônia saiu é bonito

Como vimos, para que (171b) seja gerada, é necessário uma regra que suprima todo o SPrep com ele, diferentemente do inglês, que, numa estrutura paralela a (171b) pode-se suprimir apenas o SN — por identidade — deixando inalterada a preposição. Portanto, a proposta de Emonds não dá conta de (171b), pois não explica o cancelamento do SPrep. Observe-se mais uma vez, sua aplicação a sentenças como (174) e suas correspondentes informais (175).

(174) O colega de {quem Maria gosta está doente.
 {que

(175) a. O colega que Maria gosta dele está doente
 b. O colega que Maria gosta está doente.

Partindo de (176) — estrutura em estágio de Pré-Relativização — podem ocorrer as operações descritas em (177):

(176) $\left[\begin{array}{l} \left[\text{O colega}_i \right]_{\text{SN}} \left[\text{COMP Maria gostar de ele}_i \right]_{\text{O}_1} \end{array} \right] \text{ estar doente]$

(177)a. Inserção de q-:

$\left[\begin{array}{l} \left[\text{O colega}_i \right]_{\text{SN}} \left[\text{COMP Maria gostar de ele}_i \right]_{\text{O}_1} \end{array} \right] \text{ estar doente]$
 $\langle +q \rangle$

b. Anteposição de q-, levando junto a preposição

$\left[\begin{array}{l} \left[\text{O colega}_i \right]_{\text{SN}} \left[\text{de ele}_i \text{ Maria gostar} \right]_{\langle +q \rangle} \end{array} \right] \text{ estar doente]$

:
:
:

(122) O colega de $\left\{ \begin{array}{l} \text{quem Maria gosta está doente.} \\ \text{que} \end{array} \right.$

No entanto, Inserção de q pode não se aplicar a (176), e aí então ou tem lugar uma regra de Supressão de SPrep — cancelando-se de ele, dando (175b) como resultado, ou não se cancela o SPrep, chegando-se a (175a). Para se chegar tanto a (175a), como a (175b), uma etapa subsequente seria necessária: a "Superficialização de COMP",

segundo nomenclatura de Pizzini (1977). Nesta etapa, o elemento COMP, que teria [Δ] como traço, aparecerá na superfície como que. Tal transformação, por conseguinte, seria realmente responsável pela derivação final de sentenças como (175a) e 175b)³. Lembre-se de que a regra que suprime SPrep's, no português, não é uma adaptação da análise de Emonds para o inglês.

Sintetizo em (178) e (179) a análise de Emonds aplicada ao português, válida para as orações formais e coloquiais. Assim, tendo por base uma estrutura da qual não consta o q, dois conjuntos de regras são possíveis: ou (178) ou (179).

(178) a. Inserção de q (opcional)

b. Anteposição de q (obrigatória se se aplica a.)

(179) a. Supressão do SPrep (opcional)

b. Superficialização de COMP

Acredito que a proposta de análise discutida no capítulo II, seria preferível a esta adaptação da de Emonds para o português, no que respeita à "Inserção de q". Em nossa análise, admitimos que o traço <+q> estaria presente na estrutura profunda das relativas formais, mas não na das informais. Este traço seria o elemento diferenciador da estrutura profunda desses dois tipos de oração. Aceitando esta

INFORMAIS

- estrutura profunda sem <+q>

1º - Supressão do SPrep (opcional)

2º - Superficialização de COMP

Como se vê, a presença do <q>, como traço do SN - pronome co-referente de O_1 , é um indício de que a forma superficial resultante deste SN deve ser um relativo, e não um pronome pessoal — ele — como no exemplo em questão. Com isso, estou admitindo que o <+q> é elemento presente da estrutura profunda das relativas restritivas formais, sendo responsável pelo aparecimento dos pronomes relativos na superfície, além dos interrogativos (Cf. Decat, 1978). Por outro lado, estou admitindo também o contrário, isto é: o <+q> não pode estar presente na estrutura profunda das relativas informais.

Voltemos agora a um problema que ficou em suspenso na análise desenvolvida nas páginas anteriores: a Supressão do SPrep. Conforme vimos, orações como (37) e (38) são perfeitamente possíveis no inglês:

(37) "The friend who I spoke to drove away".

*'O amigo quem eu falei com foi embora'

(38) "The friend that I spoke to drove away"

*'O amigo que eu falei com foi embora'

Em (37) e (38) a preposição to fica isolada no fim da oração. Nos dizeres de Emonds, em (37) houve o movimento do SN marcado com "Wh" e, em (38), a eliminação do SN "him", co-referente a "the friend" na oração principal. Observe-se que o exemplo correspondente em português é agramatical:

(181) *O amigo que eu falei com foi embora.

A preposição não pode figurar sozinha no fim da oração encaixada, como se vê pela agramaticalidade de (181). Já no capítulo II pudemos observar que sempre que um SN é movido pela regra de Transporte de SN, a preposição, caso ela $\langle +q \rangle$ ocorra na estrutura profunda, deve acompanhar este movimento.

Observe-se que em (175b) o SPrep de ele foi cancelado:

- (175) a. O colega que Maria gosta dele está doente
b. O colega que Maria gosta está doente.

Pizzini (1977) estuda a supressão de preposições em orações do tipo de (175). Para justificar a sua supressão na posição original — no exemplo (52) — ele mostra que esta se elimina em outras estruturas que não (51).

(51) "Eu visitei o homem que você falou dele".

(52) "Eu visitei o homem que você falou"

Os exemplos por ele dados são (182) e (183)

(182) "João parou de estudar quando Maria começou a estudar".

(183) "João parou de estudar quando Maria começou".

Em (183), o SPrep a estudar foi cancelado. Importante notar que o verbo estudar seria suprimido por identidade, mas que a preposição a seria também omitida, e isto não pode ser devido a alguma redução total por identidade, pois o a só aparece uma vez. Então, para Pizzini, se um SN pode ser suprimido por identidade — e esse seria o caso do ele em (51) — também a preposição que o acompanha é cancelada. Assim, (52) é o resultado do cancelamento de todo o SPrep de ele, da maneira descrita acima, a partir de (51)⁴.

Desta forma, também em nossa análise, o SPrep de ele em (175a) pode ser cancelado, devido à identidade do SN ele com o colega. Uma vez que o SN pode ser suprimido, a preposição que o precede também poderá sê-lo. Ou seja, considere-se Prep + SN como um todo, para efeito de cancelamento. Como vimos no capítulo II, também Prep + SN são considerados como um todo para efeito de transporte⁵.

Do exposto, pretende-se que a derivação de orações formais e informais derivem de estruturas profundas diferentes e sigam caminhos diferentes, como resumimos em (180). Assim, sugiro a seguinte análise para orações informais como (184):

(184) a. Sô não ouvi aquela música que você gosta dela.

b. Sô não ouvi aquela música que você gosta.

Sendo (185) a estrutura profunda, pode-se gerar (184), através dos procedimentos descritos em (186)

(185) [Sô não ouvi [aquela música_i [COMP você gostar
0₂ SN 0₁ de ela_i]]].

(186) 1º - Supressão do SPrep (opcional)

(...) [aquela música_i [COMP você gostar]]

(...) [aquela música_i [COMP você gostar de ela_i]]

2º - Superficialização de COMP

·
·
·

(184) a. Sô não ouvi aquela música que você gosta dela.

b. Sô não ouvi aquela música que você gosta.

Da discussão desenvolvida nesta seção, ressaltamos as seguintes deduções:

(187)a. O que das orações informais não é pronome relativo, apesar de existir um pronome relativo com esta mesma forma superficial. É apenas um complementizador, como em (i)

(i) Quero que você vá embora.

Quero enfatizar aqui o fato de o pronome relativo ser também um complementizador. Em outras palavras, numa sentença como (ii):

(ii) Laura comprou a saia_i de que_i gostou.

o que, além de iniciar uma oração encaixada — sendo, portanto, um complementizador — refere-se ao SN a saia, ou, ainda, substitui este SN, fato que o caracteriza como um pronome relativo. Já em (iii):

(iii) O cara que você conversou com ele veio aqui.

o que é apenas um complementizador, pois o referente de o cara é o SN do SPrep. com ele, sendo o que semanticamente vazio.

b. A presença de SPrep's como com ele no final de O_1 seria uma indicação de que o que dessas orações não é um pronome relativo. Este seria a forma tomada por um SN, transportado para o início

<+q>

de O_1 . Se o SN não foi deslocado, levando junto a preposição — como se comprova pela presença do SPrep com ele — e não tem o <+q> como traço, não há possibilidade de o que ter sido gerado na posição de COMP como um pronome relativo. Estou admitindo, por conseguinte, que a Relativização é um processo que envolve recordenação de reconstituintes e que, se tal reordenação não ocorre, a sen-

tença resultante não é relativa. Em outros termos, se não há transporte de SN, conforme propostos no capítulo II, não há Relativização.

c. A ausência de formas como quem e qual no registro coloquial é explicada de acordo com a análise proposta: quem e qual são relativos gerados pelo movimento de um SN. Na análise proposta para este registro — informal — não há transporte de constituintes e nem a presença do $\langle +q \rangle$, mas apenas um complementizador que. Portanto, não sendo este um pronome relativo, não pode ser substituído por quem ou qual.

d. Estruturas como (184b) são resultado da Supres — são de SPrep's como de ela, e, nesse caso, o que também é apenas um complementizador.

Além dos casos examinados anteriormente, há ainda outras orações que merecem menção. É o caso de (188) e (189).

(188) O menino que eu gosto chegou ontem.

(189) O menino que eu amo chegou ontem.

Observe-se que, apesar de (188) e (189) serem superficialmente semelhantes, elas procedem de estruturas profundas di-

ferentes. Na de (188), existe uma preposição acompanhando o SN co-referente de 0_1 . É o que se vê em (190):

(190) [[O menino_i [COMP eu gostar de ele_i]] chegar ontem]
 0_2 SN 0_1

Já na estrutura profunda de (189), o SN co-referente de 0_1 não vem acompanhado de preposição, como se pode observar em (191):

(191) [O menino_i [COMP eu amar ele_i]] chegar ontem]

Conforme raciocínio que temos desenvolvido no presente trabalho, (188) será gerada pela Supressão de SPrep, a partir de uma estrutura profunda em que não figura o traço <+ q> . Assim:

(192) EP: [[O menino_i [COMP eu gostar de ele_i]] chegar ontem]
 0_2 SN 0_1

1º - Supressão do SPrep de ele_i

[[O menino_i [COMP eu gostar]] chegar ontem]
 0_2 SN

2º - Superficialização de COMP

⋮
(188) O menino que eu gosto chegou ontem

Já para (189) duas análises são possíveis: uma que supõe o transporte de um SN presente na estrutura subjacente. Nessa análise, o que seria um pronome relativo, além de complementizador. Veja-se (193):

(193) EP: [[O menino_i [COMP eu amar ele_j]] chegar ontem]
_{0₂ SN} _{0₁} <+q>

1º - Transporte de SN
 +q

[[O menino_i [ele_i eu amar]] chegar ontem.]
_{0₂ SN} _{0₁} <+q>

2º - Superficialização de SN
 <+q>

[[O menino_i [que_i eu amar]] chegar ontem]
_{0₂ SN} _{0₁}

(189) O menino que eu amo chegou ontem.

Outra análise possível para (189) é semelhante à proposta para as orações com SN's preposicionados do registro informal, como (188). A diferença entre (188) e (189) está na ausência de preposição na estrutura profunda desta última (Cf. Pizzini, 1977). Dessa forma teríamos:

(194) EP: [[O menino_i [COMP eu amar ele_i]] chegar ontem]
_{0₂ SN}

1º - Supressão do SN co-referente ele_i

[[O menino [COMP eu amar]] chegar ontem]
_{0₂ SN}

2º - Superficialização de COMP

[₀₂ [SN [O menino [que eu amo]] chegar ontem]

(189) O menino que eu amo chegou ontem.

Como se pode verificar, a sugestão de análise de (194) é coerente, mas tem a desvantagem de admitir que o que de (189) é apenas um complementizador e não pronome relativo e complementizador. Logo, o que não estaria substituindo ele_i, co-referente a o menino_i, e isto parece ser contra-intuitivo. Por essas razões, considero que orações como (189) são processadas com o auxílio de uma regra de transporte, como sugerido, e que elas são usadas tanto numa linguagem formal como informal.

Observe-se ainda orações como (195) e (196).

(195) O menino que ele veio aqui hoje é esse.

(196) O menino que eu amo ele chegou ontem.

Ambas viriam de estruturas profundas das quais não consta uma preposição precedente o SN co-referente da oração encaixada. Vejam-se respectivamente (197) e (198).

(197) [₀₂ [SN [O menino_i [COMP ele_i vir aqui hoje]] ser esse]

(198) $\begin{matrix} \text{[[O menino}_i \text{ [COMP eu amar ele}_i \text{]] chegar ontem]} \\ \text{O}_2 \text{ SN} \end{matrix}$

A análise de (195) e (196) seria semelhante à proposta para as orações informais, cujos SN's co-referentes são acompanhados de preposição, isto é: nelas o que é apenas um complementizador, fato evidenciado pela presença do SN ele_i em O₁. Também nesses últimos, o que parece ser semanticamente vazio, e o constituinte co-referente ao antecedente é o pronome ele e não o que.

Apesar de a análise sugerida para (188) ser aceitável e justificada, como se pode comprovar, pode-se levantar para esta classe de orações, uma outra hipótese de análise, cuja viabilidade será discutida na próxima seção. Considerem-se, no entanto, válidas as propostas aqui aventadas para orações como (188), (199) e (196).

(188) O menino que eu gosto chegou ontem.

(199) O menino que eu gosto dele chegou ontem.

(196) O menino que eu amo ele chegou ontem.

3. Segunda hipótese: Supressão da Preposição Transportada.

Uma outra hipótese que possibilita a derivação de sentenças do português coloquial seria a admissão da mesma

(201) EP $\left[\begin{array}{c} 0_2 \\ \text{SN} \end{array} \left[\text{O rapaz}_i \left[\begin{array}{c} \text{COMP} \\ 0_1 \end{array} \text{ Sônia sair com } \text{ele}_i \right] \right] \text{ ser bonito} \right]$

1º - Transporte do SN , levando a preposição
 $\langle +q \rangle$

| | O rapaz_i | com ele_i Sônia sair | ...
 0_2 SN $\langle +q \rangle$

2º - Superficialização de SN
 $\langle +q \rangle$

[[O rapaz_i [com {quem Sônia sair}] ...
 0_2 SN . [que

(122) O rapaz com quem Sônia saiu é bonito.

É importante observar, para a presente hipótese, que ao se transportar o SN ele, a preposição também é movida.
 $\langle +q \rangle$

Uma hipótese possível seria considerar a eliminação da preposição transportada, como uma outra etapa, a ser acrescida às duas de (201). Assim:

1º - Transporte de SN + preposição
 $\langle +q \rangle$

2º - Supressão da Preposição transportada com

0_2 SN [O rapaz_i [ele_i Sônia sair]] ...
 $\langle +q \rangle$

3º - Superficialização de SN
: <+q>

(171 b) O rapaz que Sônia saiu é bonito

Veja-se que o aparecimento da forma quem e qual está condicionado à existência de uma preposição.

(203) *O rapaz quem Sônia saiu é bonito.

(204) *O rapaz o qual Sônia saiu é bonito.

Entretanto, se a preposição é cancelada, a única forma possível é que:

(171b) O rapaz que Sônia saiu é bonito.

Veja-se, portanto, que estamos admitindo que a preposição foi eliminada depois de transportada, ao contrário da hipótese da seção anterior, que admite a Supressão do SPrep em seu lugar de origem.

Observe-se a geração de (205), a partir de (206).

(205) A empregada que Marisa precisa não existe

(206) EP: [[A empregada_i [COMP Marisa precisar de ela_i]] não existir]
0₂ SN <+q>

3º - Superficialização de SN ela
· <+q>
·
·

(207) A menina que João conversou tinha olhos azuis.

A eliminação da preposição depois de transportada pode parecer uma regra "ad hoc". Por que não eliminá-la na sua posição original? Não seria anti-econômico movimentar um constituinte que será suprimido?

A resposta à primeira pergunta seria que há em português, outros processos que parecem envolver a eliminação da preposição transportada, dos quais falarei em seguida; à segunda, que o constituinte transportado foi SPrep, ou seja, o SN acompanhado por preposição. Nesses termos, a preposição, por si só, não seria um constituinte, mas parte de um.

Vejamos, a seguir, outros processos, além da Relativização, nos quais parece ocorrer o cancelamento da preposição movida.

Partindo de uma sentença como (209), pode-se topicalizar o SPrep que figura no seu final, como se vê em (210);

(209) Realmente, eu gosto muito do seu nome

(210) Do seu nome, realmente eu gosto muito

(211) também ocorre, e, nela, a preposição não aparece:

(211) O seu nome, realmente eu gosto muito

(212) é uma sentença possível, e, nela, a preposição só figura no final:

(212) O seu nome, realmente eu gosto muito dele.

Examine-se ainda (213), em que o mesmo ocorre, isto é, move-se o SN e cancela-se a preposição que o acompanha:

(213) a. Eu preciso do livro de Mecânica hoje.

b. O livro de Mecânica, eu preciso hoje.

(214) é possível, do mesmo modo:

(214) O livro de Mecânica, eu preciso dele hoje.

Observe-se também (215):

(215) a. Eles gostam mais do bolo de morango.

b. O bolo de morango, eles gostam mais.

(216) também ocorre:

(216) O bolo de morango, eles gostam mais dele.

(217) apresenta o mesmo fenômeno: a eliminação da preposição de:

(217) Uma parte da minha insatisfação, eu desconheço a fonte.

Examinarei agora um outro processo que envolve uma regra de movimento: a Interrogação.

(218c) viria de (218b), tendo ocorrido o movimento do SPrep com que vestido e a conseqüente eliminação da preposição com:

(218) a. Joana foi à aula com que vestido?

b. Com que vestido Joana foi à aula?

c. Que vestido Joana foi à aula?

O mesmo ocorre com as sentenças de (219):

(219) "a. Pedrinho comprou o livro em que livraria?"

b. "Em que livraria Pedrinho comprou o livro?"

(Decat (1978:102))

c. Que livraria Pedrinho comprou o livro?

Mas veja-se (220b), como vindo de (220a):

(220) a. "Toda essa papelada vem de onde ?"

b. *"Onde vem toda essa papelada ?"

Decat (1978:79)

Apesar de a supressão da preposição nem sempre ser permitida nos SPnep's interrogados e deslocados — como se deduz por (220b) — há casos em que ela pode ocorrer, como (219c) e (218c).

Um outro tipo de estrutura em que a supressão da preposição transportada é permitida é a chamada sentença — truncada ("cleft-sentence") Os exemplos abaixo comprovam isso:

- (221) a. Eu gosto desse doce.
b. É desse doce que eu gosto.
c. É esse doce que eu gosto.

Em (221c) ocorreu o transporte do SPrep desse doce de (221a) e a preposição foi eliminada. Também (222) apresenta o mesmo fenômeno.

- (222) a. Ela deu o livro a essa menina.
b. Foi a essa menina que ela deu o livro.
c. Foi essa menina que ela deu o livro.

Nem todas as preposições podem ser eliminadas sem problemas. É o caso de em, em (223):

- (223) a. Eu pensei nela
b. Foi ela que eu pensei.

Em (223b) não se recupera a preposição em, mas um complemento qualquer, como, por exemplo: "... pensei que veio aqui", ou "... pensei que me deu o trote".

Há ainda outros casos de eliminação da preposição, quando se movimenta o SN ao qual ela se liga. Seria o caso de (224), em que ocorreu a inversão do SN que é objeto indireto:

(224) Dei papai uma camisa

(224) viria de (225) — em que o objeto indireto pro papai vem depois do objeto direto uma camisa:

(225) Dei uma camisa pro papai

Ao se mover o SN papai, é possível que a preposição para — no exemplo contraída com o artigo o — seja cancelada, como se vê em (224)

A hipótese levantada nesta seção apresenta as características que resumo em (226);

(226) a. Orações como (171a) seriam geradas sem o uso de regra de transporte, ou seja: o pronome ele já estaria na estrutura profunda — sem o traço $\langle +q \rangle$ — e ocorreria, então, a Superficialização de COMP, como se discutiu na seção 2:

(171a) O rapaz que Sônia saiu com ele é bonito.

b. Orações como (171b) seriam geradas através da regra de transporte de SN — incluindo o da preposi-

ção — como foi proposto para as orações relativas formais. Depois de deslocada, a preposição se eliminaria:

(171b) O rapaz que Sônia saiu é bonito.

c. Além da Relativização o cancelamento também ocorre em casos de Topicalização, Interrogação, Sentença Truncada e Inversão de Objeto Indireto. Havendo movimento de SN, a preposição que o acompanha pode ser eliminada. Esta regra seria, portanto, opcional.

4. Eliminação da Preposição

Até o momento, duas hipóteses para o cancelamento da preposição foram aventadas: uma, que sugere sua eliminação na posição original (Pizzini, 1977) e outra, que postula a possibilidade de sua eliminação depois de transportada. Uma diferença grande entre as duas alternativas está em que, na primeira, a preposição não é eliminada sozinha, mas juntamente com o SN que acompanha, e, na segunda, a preposição é cancelada sozinha.

Assim, em (227), todo o SPrep é cancelado, e, em (228), apenas a preposição:

(227) A aluna que eu gostava ~~dela~~ abandonou o curso.

(228) A aluna ~~de~~ que eu gostava abandonou o curso.

É importante salientar que uma preposição não pode ser suprimida em sentenças "simples", como as abaixo:

(229) *Suzana gosta os doces de Cambuquira.

(230) *Ela morou o Rio Grande do Sul.

A ausência da preposição de em (229), e em, em (230), torna essas orações agramaticais. Também (231) é agramatical, devido à ausência da preposição, que, no caso, poderia ser com, sem ou de.

(231) *Você dorme o cobertor.

Vê-se, portanto, que o cancelamento da preposição só é permitido em português quando há movimento. Esses casos não são problemáticos, já que, neles não há movimento e a supressão da preposição resulta em orações agramaticais. Mas a eliminação da preposição pode acarretar dificuldades na compreensão da oração resultante, caso ela não seja a única possível de ocorrer com o verbo em questão. É o caso de (232a), abaixo, em que a preposição naturalmente recuperada é com, apesar de o verbo admitir também sobre

(232) a. O médico que ela conversou é homeopata

- b. O médico que ela conversou com ele é homeopata
- c. O médico com {quem ela conversou é homeopata
 {que

(232b) e (232c) seriam paráfrases possíveis para (232a) e em ambas aparece a preposição com.

Já com o verbo sonhar, a única preposição que pode ocorrer é com, e é a única recuperável, conseqüentemente:

- (233) a. A menina que João sonhou tinha olhos azuis.
- b. A menina que João sonhou com ela tinha olhos azuis.
- c. A menina com {quem João sonhou tinha olhos azuis
 {que

Também com gostar só ocorre uma preposição: de:

- (234) a. A blusa que Sarah gostou é vermelha.
- b. A blusa que Sarah gostou dela é vermelha.
- c. A blusa de que Sarah gostou é vermelha.

Entretanto, observe-se (235):

- (235) A rua que ela falou fica perto daqui.

Nesse caso, várias são as preposições recuperáveis: tanto pode ser "de", como "em", como "sobre" e todas elas podem significar "a respeito de". Veja-se (236):

- (236) a. A rua que você falou lêla...
- b. A rua que você falou nêla...
- c. A rua que você falou sobre ela...
- d. A rua que você falou a respeito dela...

(236)a. e b. podem ter um sentido locativo também. Já (236) c. e d., não. Parece-me que o sentido mais usual do verbo falar é 'falar respeito de', ou seja, as preposições mais facilmente recuperáveis seriam as que expressam essa idéia. Elas funcionariam como "parte" do verbo e seriam automaticamente recuperadas. Ainda com o verbo falar, se o antecedente da relativa for um SN <+ humano>, as preposições com e para também poderão ser recuperadas:

(237) A moça que você falou era a mais bonita.

- (238) a. A moça que você falou com ela...
- b. A moça que você falou para ela...

Examine-se ainda (239), Tanto se recupera o com como o em:

(239) O texto que eu ia trabalhar sumiu.

- (240) a. O texto que eu ia trabalhar com ele sumiu.
- b. O texto que eu ia trabalhar nele sumiu

Também para (241), as preposições recuperáveis são duas:

(241) O carro que nós fomos estragou.

(242) a. O carro que nós fomos nele estragou.

b. O carro que nós fomos com ele estragou.

É importante observar que a recuperação das preposições a que estamos nos referindo não se enquadra exatamente dentro do conceito de recuperabilidade, tal como exposto em Chomsky (1965). Segundo ele, a recuperabilidade é uma condição para que possam ser efetuadas operações de apagamento:

(243) (...) "parece que somos levados à conclusão de que aquilo que está em jogo no apagamento, é a não-distinção, e não a identidade estrita, e de que apenas aqueles traços de um formativo que são inerentes ou à sua entrada lexical ou à posição da frase em que é inserido devem ser considerados na determinação da não distinção. (...) A intuição original que motivou esta condição era a de que os apagamentos deveriam nalgum sentido, ser recuperáveis; e os traços não-inerentes do formativo são precisamente aqueles que são determinados pelo contexto, logo que são recuperáveis mesmo se forem apagados. (...) Assim eles são recuperáveis na medida em que o contexto que os determinou ainda está presente na sequência depois do apagamento do item em questão."

Independente de se considerar ou não a preposição como um traço do nome⁶, podemos observar, nos casos anteriormente analisados, que as preposições eliminadas não figuram nas duas orações, não sendo, portanto, recuperadas através dessa não-distintividade de traços. Na estrutura subjacente (244), por exemplo, a preposição aparece apenas na oração encaixada, precedendo o SN o carro. Portanto, caso se dê a sua eliminação; não será por não distintividade, nos termos de Chomsky:

(244) [[O carro_i [COMP o carro nós fomos em ele_i]]
_{0₂ SN} _{0₁} _{<+q>}
 estragar]

(245) O carro que nós fomos estragou.

Eliminado o em, a sua recuperação será, portanto, decorrente do contexto.

No entanto, a recuperação de uma determinada preposição e não de outra parece não depender do nome ao qual se liga, mas do verbo, como se vê em (234a), que repito:

(234a) A blusa que Sarah gostou é vermelha.

Em (234a) recupera-se apenas a preposição de, pois ela é a única que pode ocorrer com o verbo gostar.

Admitida a hipótese de que a preposição pode ser eliminada depois de transportada, pode-se inferir, dos casos ana-

lisados, que parece não haver restrições quanto ao seu cancelamento. O teste usado para comprovar isso foram as sentenças em que a preposição aparece recuperada, no fim de O_1 . Entretanto, isso parece não ser verdade para (246).

(246) Essa é uma idéia que nós temos de lutar contra.

Observe-se que, em (246), a preposição contra não foi eliminada e nem transportada junto com o SN a idéia. Note-se que, também numa estrutura topicalizada, a preposição contra não pode ser eliminada sem prejuízo do sentido:

(247) *a. Essa idéia nós temos de lutar.

b. Essa idéia, nós temos de lutar contra

O mesmo pode ocorrer com a preposição sobre:

(248) O assunto que eu quero te falar sobre é muito delicado.

O sobre, assim como o contra, pode figurar no final de O_1 . Estruturas como essas são contra-exemplos para a hipótese levantada no capítulo II, de que, em português, uma preposição não pode, "sobrar" no fim de uma oração, quando o SN que acompanha foi deslocado para a esquerda.

As locuções prepositivas também podem permanecer no final de O_1 , como em (249).

(249) O assunto que eu quero te falar a respeito é muito delicado.

Parece-nos que as preposições "contra" e "sobre" são diferentes das demais, pois elas contêm algum significado, — são tônicas e dissílabas. Não são apenas um elemento relacional e átono como de, em, com, etc., com um significado quase imperceptível. Acreditamos que a sua permanência no final de O_1 se deva a essa carga semântica que possuem bem como a sua tonicidade e estrutura silábica. O mesmo valeria para as locuções prepositivas como a respeito de, apesar de a preposição propriamente — o de poder-se eliminar. Nesse caso, o conteúdo nocional estaria em a respeito. Existem outras locuções em que ocorre o mesmo. Veja-se perto de, em (250). O de pode ser cancelado, mas o perto, não. Caso o seja, o resultado tem outro sentido.

(250) Essa é a rua que eu moro perto (dela)

(251) Essa é a rua que eu moro.

Em a rua que eu moro só se entende 'a rua que eu moro nela'.

Outra locução em que o mesmo pode ocorrer é junto de como em (252):

(252) Esse é o seu irmão que a sua mãe morava junto?

preposição de foi eliminada, mas o junto não pode sê-lo.

De acordo com o exposto, postularei três hipóteses em relação à preposição e sua eliminação.

Quando o verbo admite apenas uma preposição como estar de, morar em, precisar de, esta preposição pode ser eliminada sem problemas, pois ela parece fazer parte do verbo. Não acrescenta muito ao seu significado. As estruturas resultantes do cancelamento são perfeitamente aceitáveis e possibilitam uma interpretação, como (253):

- (253) a. A rua que minha mãe mora é barulhenta.
b. A rua que minha mãe mora nela é barulhenta.

No caso de o verbo admitir mais de uma preposição, como falar, que pode ser falar de, para, com, em, sobre, etc., a supressão mais natural seria aquela da preposição mais ligada ao verbo. Todas elas podem ser suprimidas, com exceção de sobre e contra, que podem permanecer. A hipótese, seria, portanto, a de que — a não ser em casos excepcionais — as preposições podem ser eliminadas sem restrição, mas haveria uma gradiente de aceitabilidade nas frases em que elas aparecem recuperadas. As sentenças de (254b) seriam mais aceitáveis do que as de (254a), pois elas explicitam o sentido do verbo falar:

- (254) a. O professor que ela falou não é esse
b. O professor que ela falou { dele não é esse
 nele
 sobre ele
 com ele

A terceira hipótese seria a de que, quando a preposição "acrescenta" alguma coisa ao significado do verbo, ela não pode ser cancelada, seria o caso de contra, sobre, das locuções prepositivas e das preposições com e sem, quando em contraste, como em (255) e (256).

(255) O café fica melhor com o Adocyl do que sem.

(256) Você vai viajar com a mala ou sem?

5. Conclusão

Neste capítulo apresentei três hipóteses de análise possíveis para orações do português coloquial do tipo de (171):

(171) a. O rapaz que Sônia saiu com ele é bonito

b. O rapaz que Sônia saiu é bonito.

Na primeira hipótese considerou-se que tais orações não são relativas, uma vez que são geradas através de regras diferentes daquelas usadas para o processamento de orações que são indubitavelmente relativas, como as formais. Assim, (171 a,b) seriam geradas através de Supressão de SPrep (opcional) e superficialização de COMP. Nesse caso, há uma des-caracterização do processo de Relativização, já que não ocor-

rem, nem o elemento $\langle +q \rangle$ na estrutura profunda, nem a regra de Transporte de SN, nem a Superficialização de SN, mecanismos estes característicos da formação de relativas, desenvolvido nos capítulos I e II do presente trabalho. Com relação ao que, admitiu-se ser ele apenas um complementizador e não complementizador e relativo, como o é nas orações relativas.

Na segunda hipótese aventada, manteve a análise acima, para (171a), mas para (171b) a sugestão foi a de que ela seria uma consequência da eliminação da preposição transportada. Dessa forma, (171a) continua a não ser tratada como relativa, mas (171b) sim. Levantou-se a hipótese de que a preposição pode ser eliminada depois de transportada. Além da Relativização, os processos em que tal supressão pode ocorrer são: Interrogação, Sentença Truncada, Topicalização e Inversão de Objeto Indireto. Nesse caso, o que de (171 b) seria complementizador e pronome relativo.

Quanto à preposição que acompanha SN's relativizados, duas hipóteses foram lançadas para sua eliminação: a de que ela pode ser cancelada juntamente com o SN que acompanha, e a de que ela pode ser cancelada sozinha. A esse respeito, não se tomou nenhuma posição.

NOTAS

1. Em (170a) o pronome me aparece antes do verbo tratar, diferentemente de (4), em que ele vem posposto ao verbo. Não nos deteremos aqui na regra de cliticização e movimento de clíticos dentro de orações do português. Ao chamarmos atenção para a colocação desse pronome, pretendemos apenas diferenciar os registros formal e informal.
2. Apesar disso, pretendo adaptar a proposta de Emonds aos dados do português, quando for possível. O fato de, no português, não existirem orações semelhantes a (34) é uma característica desta língua e será levada em consideração oportunamente.
3. Superficialização de COMP. é provavelmente uma regra morfofonêmica.
4. A Supressão da Preposição será tratada na seção 4, do capítulo III.
5. Orações como (i)
(i) Essa é a idéia que nós temos de lutar contra seriam problemáticas para esta hipótese, já que a preposição contra permanece no fim de O_1 .
6. Rosenbaum (1968) considera as preposições como traço dos nomes.

CONCLUSÃO

Resumo, abaixo, os principais aspectos da análise desenvolvida no presente trabalho:

1. Orações Relativas Restritivas formais envolvem duas operações, a partir de uma estrutura profunda, cujo SN co-referente de O_1 possui o traço $\langle +q \rangle$, e que apresenta o nódulo COMP [q] :

1. Transporte de SN — caso haja uma preposição ela também será transportada
 $\langle +q \rangle$

2. Superficialização de SN
 $\langle +q \rangle$

Portanto, para o registro formal, a Relativização é entendida como um processo que envolve reordenação de constituintes, em detrimento de uma análise que usa de regras de cópia nos moldes de Perlmutter (1972).

2. O SN subjacente que se transforma em cujo é, obrigatoriamente, acompanhado pela preposição de, e contém o traço $\langle + \text{pos.} \rangle$, o que evidencia o seu caráter de possessivo, além do de relativo.

3. As formas superficiais que tomam os SN's no português formal são, ao mesmo tempo, pronomes relativos e complementizadores. São elas: que, quem, qual e cujo.

4. Orações informais do tipo de (171a)

(171a) O cara que Sônia saiu com ele é bonito

Não são analisadas através de regra de movimento, como as formais. Nesse caso, entendeu-se que o que, nelas presente, não é um pronome relativo, mas apenas um complementizador homônimo. Na sua derivação, não estão presentes nenhum dos procedimentos típicos da formação das relativas formais: o $\langle +q \rangle$ não é traço do SN co-referente na estrutura profunda, conseqüentemente, não há regra de transporte de SN. Apesar de corresponder à oração formal (122), $\langle +q \rangle$

(122) O cara com quem Sônia saiu é bonito.

a sua derivação descaracteriza o processo de Relativização, tal como entendido neste trabalho.

5. Para orações como (171b)

(171b) O cara que Sônia saiu é bonito

duas análises foram propostas:

1a. (171b) seria decorrência da eliminação do SPrep com ele, de (171a), no seu lugar de origem. Essa análise implica, então, que também em (171b) o que não é pronome relativo, mas apenas complementizador; se tal hipótese é correta, tais sentenças não podem ser

caracterizadas como relativas;

- 2a. (171b) seria decorrência da eliminação da preposição transportada, dentro do processo sugerido para a derivação das relativas formais do capítulo II. Conseqüentemente o que seria, nesse caso, pronome relativo e complementizador, já que é resultado da Superficialização de SN, e (171b) seria uma oração relativa, assim como suas correspondentes formais.

11. M. G. (1900) Essays on the History of the
Philosophy of Language

12. Essays on the History of the
Philosophy of Language

13. Essays on the History of the
Philosophy of Language

14. Essays on the History of the
Philosophy of Language

15. Essays on the History of the
Philosophy of Language

16. Essays on the History of the
Philosophy of Language

17. Essays on the History of the
Philosophy of Language

18. Essays on the History of the
Philosophy of Language

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALI, M. Said (1969) Gramática Secundária da Língua Portuguesa, Melhoramentos, São Paulo.

BECHARA, Evanildo (1966) Moderna Gramática Portuguesa, Companhia Editora Nacional, São Paulo

BRESNAN, Joan (1970) "On Complementizers: Towards a syntactic theory of complement types". *Foundations of Language*.

CÂMARA, J. Mattoso (1964) Dicionário de Filologia e Gramática, J. Ozon Ed., Rio.

CAMPOS, Elísia Paixão (1977) O Pronome Possessivo em Português, Dissertação de Mestrado inédita, Brasília.

CHOMSKY, Noam (1975) Aspectos da Teoria da Sintaxe, Armênio Amado Ed., Coimbra

— (1971) Linguagem e Pensamento, Vozes, Petrópolis

CULICOVER, Peter W. (1976) Syntax, Academic Press Inc
New York

- DECAT, Ma Beatriz N. (1978) Movimento de Sintagma Nominal Interrogado, Dissertação de Mestrado inédita, Belo Horizonte.
- EMONDS, Joseph (1976) A Transformational Approach to English Syntax, Academic Press Inc. New York
- JACOBS, Roderich A. & Rosenbaum, Peter S. (1968) English Transformational Grammar, Xerox College Publishing, Waltham, Mass.
- JACKENDOFF, Ray S. (1972) Semantic Interpretation in Generative Grammar, The M.I.T. Press, Cambridge Mass.
- MAIA, Vera L. M (1975) Interrogação e Relativização em Português. Dissertação de Mestrado inédita, Campinas.
- PERINI, Mário A. (1974) "Regras de Transporte e Relativização em Português", inédito, UFMG
- PERLMUTTER, D. (1972) "Evidence for Shadow Pronouns in French Relativization": in The Chicago Which Hunt, Chicago Linguistic Society.

PIZZINI, Quentin (1977) "Três tipos de Orações Relativas em Português", PUC, Rio de Janeiro.

ROSS, John R. (1967) Constraints on Variables in Syntax, Ph D Dissertation, MIT.

ORAÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS EM PORTUGUÊS
REGISTRO FORMAL E INFORMAL

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação da Faculdade de Letras
da Universidade Federal de Minas
Gerais e submetida à banca exa-
minadora constituída pelos profes-
sores:

Orientadora: _____
Dra. Eunice Souza Lima Pontes

Belo Horizonte, de

198

Onde se lê

Leia-se

Linha

14

é

.É

Ex. (30)

$$\begin{array}{c} \text{U} \\ \text{"The fact"} \end{array}$$

$$\begin{array}{c} \text{N} \\ \text{"The fact"} \\ \text{Art.} \end{array}$$

Ex. (34)

+ humano

- humano

15

matriz, não

matriz não

12

É resultado

É o resultado

Ex. nº (34)

=

⇒

02

gerado

prevista.

21

citadas, Relativização

citadas: Relativização

16

utiliza-se de uma

utiliza-se uma

Ex. (64)

$$\begin{array}{c} \text{SN}_2 \\ \swarrow \quad \searrow \\ \text{Det} \quad \text{N} \end{array}$$

$$\begin{array}{c} \text{SN}_2 \\ \swarrow \quad \searrow \\ \text{Det} \quad \text{N} \\ \text{a} \quad \text{costureira} \end{array}$$

Ex. (65)

compreu

comprar

é

ser

N+Adj

[N+Adj]

01

admitindo, que

admitindo que

Ex. (94)

$$\begin{array}{c} \text{SN} \\ \swarrow \quad \searrow \\ \text{Det} \quad \text{N} \end{array}$$

$$\begin{array}{c} \text{SN} \\ \swarrow \quad \searrow \\ \text{Det} \quad \text{N} \\ \text{o} \quad \text{feijão} \end{array}$$

18

(96)

(97)

Ex. (99)

é

ser

(101)

é

ser

16

omitidas, operações

omitidas operações

Ex. (116)

pegou fogo, fica

pegou fogo fica

02

aqui, refere-se

aqui refere-se

10

acompanhada de

acompanhando o

01

mais baixo, não

mais baixo não

serão adotadas

será adotada

	Onde se lê	Leia-se
Linha		
06	(154), é	(154) é
(157)	em que o	em o
09	que domina	que o domina
(161)	de ...	[de...]
06	(165)	(163)
	qual sua	qual é a sua
13	<u>quem/que</u> , são	<u>Quem/que</u> são
07	atados	citados
10	de inglês, que	de inglês, em que
13	Observe-se	Observem-se
17	precedente	precedendo
07	'falar respeito de'	'falar a respeito de'
14	à recuperação	a recuperação
17	pode, sobrar	pode sobrar
09	três	duas
06	estão	está